



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

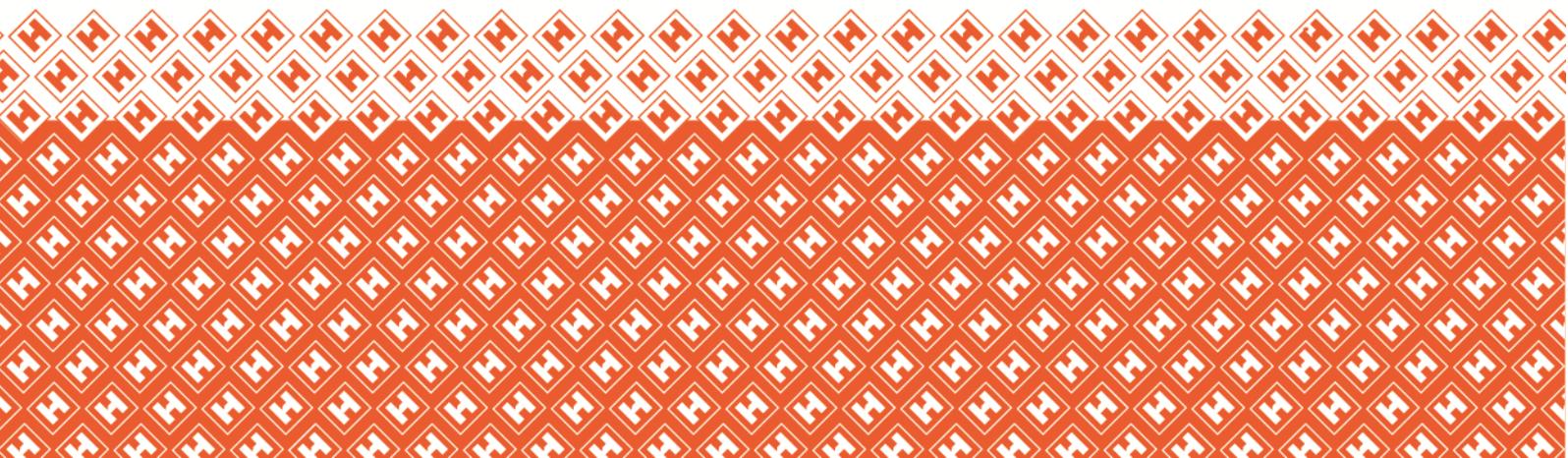
KEILA DA SILVA LIMA

**IMAGENS DA CIDADE DE BOA
ESPERANÇA (PR):**

**as exposições fotográficas da Casa da
Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o
Ensino de História (1997-2018)**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Agosto/ 2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

KEILA DA SILVA LIMA

IMAGENS DA CIDADE DE BOA ESPERANÇA (PR):
as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o
Ensino de História (1997-2018)

**CAMPO MOURÃO – PR
2018**

KEILA DA SILVA LIMA

IMAGENS DA CIDADE DE BOA ESPERANÇA (PR):
as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o
Ensino de História (1997-2018)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História
Orientador: Dr. Michel Kobelinski

CAMPO MOURÃO – PR
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

L732i	<p>Lima, Keila da Silva</p> <p>Imagens da Cidade de Boa Esperança - PR: as exposições de fotografias da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o ensino de história (1997-2018) / Kelia da Silva Lima. -- Campo Mourão, PR : UNESPAR, 2018.</p> <p>129f. : fotografias, color.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Michel Kobelinski</p> <p>Dissertação (Mestrado) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, 2018.</p> <p>Área de Concentração: Ensino de História.</p> <p>1.Fotografias. 2. História-Estudo e Ensino. 3. Patrimônio Histórico. 4. Cultura Local. 5. Município de Boa esperança – PR. I. Kobelinski, Michel, orient. II. Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão, PR. III. PROFHISTÓRIA. IV. UNESPAR. V. Título.</p> <p>CDD 21.ed. 770 907 306.4</p>
-------	---

KEILA DA SILVA LIMA

IMAGENS DA CIDADE DE BOA ESPERANÇA (PR):
as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o
Ensino de História (1997-2017)

BANCA EXAMINADORA

Dr. Prof. Doutor Michel Kobelinski – ProfHistória/Unespar, União da Vitória

Dr. Jorge Pagliarini Junior – ProfHistória/Unespar, Campo Mourão

Dr. Helvio Alexandre Mariano – Unicentro, Guarapuava

Data de Aprovação

___/___/_____

Campo Mourão – PR

Dedico este trabalho ao meu esposo, à minha mãe e aos meus amados familiares, pelo constante apoio, amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que houve um momento em que se precisou de alguém; é reconhecer que o homem, jamais poderá lograr para si o dom de ser autossuficiente. Ninguém nem nada cresce sozinho: sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor (AUTOR DESCONHECIDO).

Agradeço a Deus, pela vida, saúde e pela oportunidade de realizar mais um sonho.

Aos professores e alunos da Escola Estadual Vila Serrana, onde eu lecionava em 2016, ano que iniciei o Mestrado e tive grande incentivo, tanto pessoal quanto profissional.

À Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, ao Município de Boa Esperança e especialmente à Cleide Gobo Silva, Maria de Fátima Ferreira de Moraes e Maria do Carmo da Silva Santiago, que me auxiliaram no processo inicial de seleção das fotografias. À Cleide Gobo Silva, especialmente, pelo apoio e pela colaboração com um texto para o produto final.

À toda equipe do Colégio Estadual do Campo de Palmital, onde tive a oportunidade de realizar este trabalho, especialmente aos alunos, pela dedicação, parceria e colaboração.

À professora Roseli Lima Célio Bezerra, minha vizinha e companheira de profissão, que de forma direta e indireta muito me auxiliou neste processo.

Ao meu esposo, Cleison Conejo de Lima, meus sogros, Ivone e Osmar, minha mãe, Maria Madalena, meus irmãos, Ederson e Shayane, meus avós e a toda família Oliveira, pela motivação, compreensão e felicidade que me proporcionam. Sem o apoio dessas pessoas que amo incondicionalmente, esta conquista não seria possível.

Aos professores e alunos do Mestrado Profissional em Ensino de História, especialmente à Franciele e Viviane, com as quais estabeleci grandes laços de amizade.

À equipe Certifique-se, pela revisão gramatical do texto.

Aos professores Dr. Jorge Pagliarini Junior e Dr. Marcos Clair Bovo, pela participação na Banca de Qualificação.

À Capes, pelo apoio financeiro; à Unespar e ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, pela oportunidade.

Aos professores Hélivio Alexandre Mariano e Dr. Jorge Pagliarini Junior, pela participação na banca final.

Ao meu orientador, professor Dr. Michel Kobelinski, a quem sou imensamente grata pelo incentivo, sabedoria, confiança, oportunidade, paciência e dedicação.

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas.

(Kevin Lynch, 1997)

RESUMO

LIMA, Keila da Silva. **Imagens da Cidade de Boa Esperança (PR):** as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o Ensino de História (1997-2018). 130f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2018.

O objetivo geral desta dissertação é analisar as imagens do município de Boa Esperança-PR a partir da exposição fotográfica e das coleções fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho à luz dos conceitos da Museologia e do Ensino de História Local. A base teórica para essa discussão se respalda em autores que trabalham com Ensino de História em diferentes espaços de memória e educação patrimonial, dentre os quais destacamos: Horta (1999), Schmidt (2009), Bittencourt (2002), Possamai (2010) e Museums and Galleries Commission (2001). A coleção de fotografias da Casa da Cultura abrange temas e períodos diversificados. Para nossa pesquisa, utilizaremos as que se situam no período compreendido entre os anos de 1997 e 2018, momento do registro de grande parte das imagens expostas e arquivadas. A linguagem da exposição fotográfica se constitui a partir de ideais de urbanidade e imaginabilidade e representam mudanças urbanas que ocorreram na cidade. Neste trabalho, pretende-se analisar a legibilidade urbana representada nas fotografias com a intenção de compreender os discursos, por meio das imagens e a própria organização de espaço urbano pelo poder público. Nessa perspectiva, procurar-se-á averiguar como se manifesta a imaginação dos estudantes ao entrarem em contato com o acervo de tal espaço cultural. A aplicação do projeto envolve alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental (8º E.F.), seu embasamento teórico-metodológico parte das leituras de Lynch (1997), Certeau (1998), Barthes (1982) e Kossoy (2009). Entre os produtos resultantes do projeto, destacam-se a exposição fotográfica na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e a elaboração de uma cartilha em formato *flippingbook*, disponível em plataforma online, comportando atividades realizadas na escola, na Casa da Cultura e em alguns pontos da cidade (saídas de campo).

Palavras-chave: Fotografia, Exposição fotográfica, Imaginabilidade, Casa da Cultura, Boa Esperança-PR.

ABSTRACT

LIMA, Keila da Silva. **Images of the City of Boa Esperança (PR):** photographic exhibitions of Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho and History Teaching (1997-2018). 130f. Master's Thesis. Graduate Program in History Teaching – Professional Master's Degree. Paraná State University, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2018.

The general purpose of this master's thesis is to analyze the images of the city of Boa Esperança-PR from the photographic exhibition and photo collections of Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho in light of the concepts of Museology and Local History Teaching. The theoretical foundation for this discussion is underpinned by the works of authors focused on History Teaching in different heritage education and memory spaces, among which we highlight: Horta (1999), Schmidt (2010), Bittencourt (2002), Possamai (2010) and Museums and Galleries Commission (2001). The photo collection of Casa da Cultura covers diverse periods and themes. For our research, we will use the photographs that fall into the period between 1997 and 2018, the moment when many of the exhibited and archived images were captured. The language of the photographic exhibition is created based on urbanity and imageability ideals and they represent the urban changes that occurred in the city. In this work, the analysis of the urban legibility depicted in the photos is intended, with the aim of understanding the discourses through images and the organization of the urban space by public authorities. From this perspective, the way in which students' imagination manifests when they interact with the collection of this cultural space is planned to be investigated. The application of the project involves students in the 8th grade of Elementary School (8th grade of ES), and its theoretical-methodological grounds derived from the readings of Lynch (1960), Certeau (1998), Barthes (1982) and Kossoy (1999). Among the outcomes of the project, the photographic exhibition in Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho and the preparation of a guide in flippingbook format, available on an online platform, containing activities carried out at the school, at Casa da Cultura and at some points in the city (field trips), are noteworthy.

Keywords: Photography, Photographic exhibition, Imageability, *Casa da Cultura*, Boa Esperança-PR.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1.	Localização do Município de Boa Esperança-PR.....	13
Figura 2.	Municípios da Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense.....	13
Figura 3.	Parque Ecológico Olivo Fortunato Gaspareli.....	14
Figura 4.	Fotografias selecionadas da exposição da Casa da Cultura: Trevo na entrada de Boa Esperança BR 369 com avenida 6 de março, 2002; Casas populares Cohapar; Início da pavimentação no município 1976 a 1982; Ruas pavimentadas- gestão 1997 a 2004.....	16
Figura 5.	Fotografia retirada da exposição da Casa da Cultura. (Construção dos primeiros bueiros em 1970; Hino Municipal; Avenida Amazonas e Rua Mato Grosso-2004)...	16
Figura 6.	Fotografia do período de construção do Lago e da obra finalizada (2003 e 2015).....	41
Figura 7.	Mapa das Cidades Educadoras.....	50
Figura 8.	Parte da exposição fotográfica da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.....	65
Figura 9.	Parte da exposição fotográfica da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.....	66
Figura 10.	Fotografia aérea da Cidade de Boa Esperança-PR exposta na Casa da Cultura.....	66
Figura 11.	Escolas Rurais Década de 1970.....	68
Figura 12.	Secretário de Estado do Desenvolvimento Urbano Lubomir Ficinski Duninm, recebe o Prefeito de Boa Esperança.....	69
Figura 13.	Fotografia de recorte de jornal da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.....	70
Figura 14.	Mecanismos internos da produção e da recepção das imagens.....	72
Figura 15.	Capela São Sebastião de Alto Palmital em 2004.....	76
Figura 16.	Capela São Sebastião de Alto Palmital	77
Figura 17.	Avenida Amazonas (1997)	78
Figura 18.	Avenida Amazonas (1999)	78
Figura 19.	Avenida Amazonas Esq. Espírito Santo (2004)	79
Figura 20.	Iluminação Pública (2002)	79
Figura 21.	Avenida Brasil (1999)	81
Figura 22.	Avenida Brasil.....	81
Figura 23.	Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho (2017)	82
Figura 24.	Prefeitura Municipal de Boa esperança (2017)	83
Figura 25.	Atividade realizada com câmara na caixa (2017)	83
Figura 26.	Print da postagem realizada na página do facebook da prefeitura de Boa Esperança (2018)	86

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1. Modalidade de Ensino 2018	14
Tabela 2. Equipamentos Culturais 2018	15
Tabela 3. Acervo fotográfico - Casa da Cultura	17
Quadro 1. Aplicando a metodologia da educação patrimonial	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - O ENSINO DE HISTÓRIA DA CIDADE	22
1.1 História local no Currículo	25
1.2 História da cidade no espaço escolar	37
CAPÍTULO 2 - CIDADE, FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA	44
2.1 Fotografia e História	54
CAPÍTULO 3 - O ENSINO DE HISTÓRIA DA CIDADE NA CASA DA CULTURA FRANCISCO PEIXOTO SOBRINHO	64
3.1 Descrições das atividades realizadas com alunos	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE	99

INTRODUÇÃO

Os conteúdos relacionados à História Urbana, à identidade e à memória local são poucos trabalhados nas séries finais do Ensino Fundamental. A intenção do presente trabalho é propor uma reflexão sobre os acervos fotográficos da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, localizada na cidade de Boa Esperança-PR e, ao mesmo tempo, apresentar atividades que poderão ser desenvolvidas tanto na escola quanto no referido lugar de memória (NORA, 1993). As abordagens teórico-metodológicas mobilizadas envolvem Museologia, História Visual, História Urbana e Ensino de História. A escolha de tal temática se pautou na valorização da história da Cidade de Boa Esperança-PR e no uso da fotografia como ferramenta de pesquisa e de ensino. Assim, uma das finalidades deste trabalho é oferecer instrumentais de apoio aos professores para a aplicação de projetos com a mesma temática em diferentes localidades.

A cidade de Boa Esperança-PR, inicialmente denominada distrito Barreiro do Oeste, está localizada na região geográfica centro-ocidental paranaense (Figuras 1 e 2).¹ O povoamento do distrito ocorreu na década de 1940 (entre 1942 e 1945), quando foi criado, por meio da aprovação da Lei Estadual n.º 613, de 27 de janeiro de 1951. Em 29 de novembro de 1963, com a validação da Lei n.º 4.782, o distrito de Barreiro do Oeste passou a compor o município de Janiópolis-PR, e, em 6 de março de 1964, com a Lei Estadual n.º 4.844, criou-se o município de Boa Esperança.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município de Boa Esperança foi estimada, em agosto de 2016, em 4.438 habitantes. Como se trata de uma cidade interiorana e com atividade econômica assentada na agropecuária, é importante salientar que, de acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2018, p. 5), os equipamentos culturais, isto é, “edificações destinadas à prática, à criação e à disseminação cultural” são reduzidos. Nesse sentido, atividades como as que propomos nesta investigação podem ser bem vindas para a comunidade em geral, visto que a Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e seu Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História cumprem sua função social, ao estimular e promover o ensino, a pesquisa e a extensão.

¹ Informações retiradas da página online do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES): IPARDES. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/>

O lago da cidade (Figura 3), localizado no Parque Ecológico Olivo Fortunato Gaspareli (Parque do Lago) é uma referência para o município. Esse parque foi inaugurado em 2003 com o propósito de ampliar espaços destinados ao lazer, à educação ambiental e à valorização da cultura local. É considerado o cartão postal de Boa Esperança-PR. Constam, no acervo da Casa da Cultura, várias fotografias do Parque: elas retratam seu processo de construção, a obra finalizada e os eventos que ele sedia frequentemente. Nesses eventos, além da população local, moradores de várias localidades vêm prestigiar e aproveitar de momentos agradáveis nesse espaço de lazer e interação social.



Figura 1. Localização do Município de Boa Esperança-PR
Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu, 11 de Novembro de 2006.

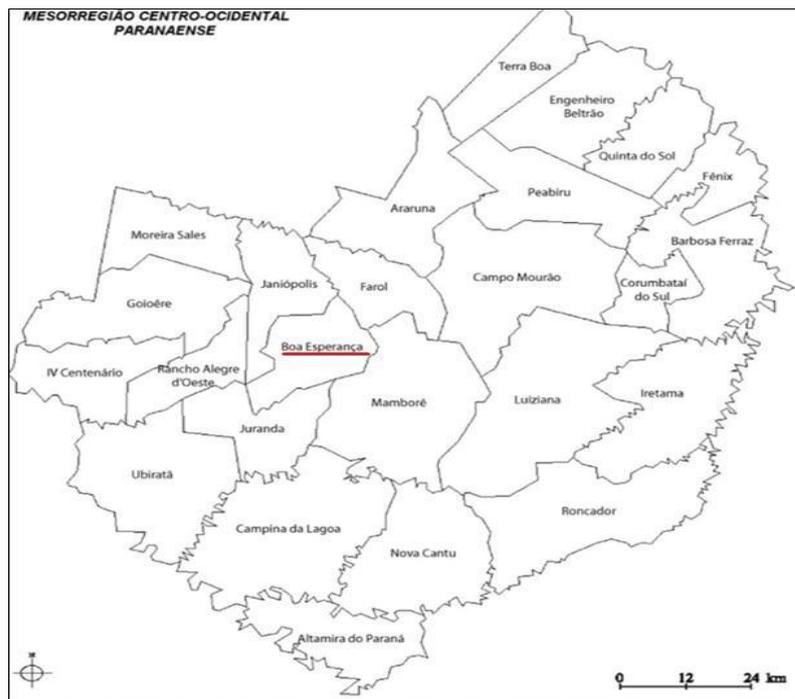


Figura 2. Municípios da Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense.
Fonte: Pagliarini & Colavite, 2010. p. 24. Grifo nosso.



Figura 3. Parque Ecológico Olivo Fortunato Gaspareli
Fonte: Acervo dos alunos do 7º ano de Alto Palmital (2017)

Em relação à abrangência da pesquisa no que diz respeito à Educação, os dados levantados pelo Ministério da Educação e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (MEC/INEP), segundo IPARDES (2018), são os seguintes: 515 alunos matriculados no Ensino Fundamental e 214 alunos no Ensino Médio (Tabela 1). Esse mesmo recenseamento também considerou as atividades docentes, levantando um número de 75 professores, distribuídos nas seguintes modalidades de Ensino: Educação Infantil (22), Creche (11), Pré-escolar (12), Ensino Fundamental (49) e Ensino Médio (31).

Tabela 1. Modalidade de Ensino 2018.

MODALIDADE DE ENSINO	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PARTICULAR	TOTAL
Educação infantil	-	-	244	11	255
Creche	-	-	152	-	152
Pré-escolar	-	-	92	11	103
Ensino fundamental	-	241	262	12	515
Ensino médio	-	214	-	-	214
Educação profissional –	-	-	-	-	-
TOTAL	-	455	506	23	984

Fonte: IPARDES (2018, p. 15).

Tabela 2. Equipamentos Culturais 2018.

EQUIPAMENTOS CULTURAIS	NÚMERO	EQUIPAMENTOS CULTURAIS	NÚMERO
Anfiteatro	-	Concha acústica	-
Arquivo	-	Coreto	-
Ateliê / Estúdio	-	Galeria de arte	-
Auditório	-	Livraria	-
Biblioteca	5	Museu	1
Centro comunitário / Associações	-	Sala de exposição	-
Centro cultural / Casa de cultura	1	Salão para convenção	-
Centro de documentação e pesquisa	-	Teatro	-
Cine teatro	-	Videolocadora	-
Cinema	-	Outros espaços	-
Circo	-	TOTAL	7

Fonte: IPARDES (2018, p. 5).

Como podemos verificar na Tabela 2, existem dois espaços consagrados à cultura no município de Boa Esperança-PR. Optamos por trabalhar com a Casa da Cultura, pois seu acervo fotográfico relacionado ao tema da pesquisa é maior e suas instalações ocupam um amplo espaço, que poderia ser utilizado para realização das atividades.

A Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho foi criada no ano de 2002. O prédio em que se localiza foi construído em 1968 e já foi sede de diversas instituições, entre elas a Prefeitura e a Biblioteca Municipal. Conta com salas para reuniões, espaços onde são promovidos diversos cursos, como aulas de violão, aulas de *jump*, empreendedorismo, entre outros. A sala do auditório também é conhecida como mini cinema, pois, além do espaço direcionado para reuniões e apresentações, conta com um telão e poltronas apropriadas para a plateia assistir filmes. Os alunos da região frequentemente são levados nesse auditório para assistirem a filmes, palestras, teatros e outras apresentações culturais.

As fotografias expostas nas paredes da Casa da Cultura chamam atenção dos visitantes e condicionam o olhar. É provável que existam identificações com estes registros e associação nostálgicas, mas esse tipo de saudade idealizada, de si ou da história da cidade, não se manifesta da mesma maneira entre todos os visitantes, principalmente entre os jovens. Isto nos levou a pensar na importância da exposição de fotografias na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. Entendemos que as imagens da cidade podem fornecer informações, esclarecimento e diversão a seus visitantes (MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION, 2001 p. 11), assim, justifica-se não só a análise crítica dessas exposições, mas também as possibilidades de abordagens que, integradas, podem contribuir, tanto para a organização de exposições, quanto para o desenvolvimento de pesquisa e do ensino de História na Escola e em diferentes espaços de memórias.

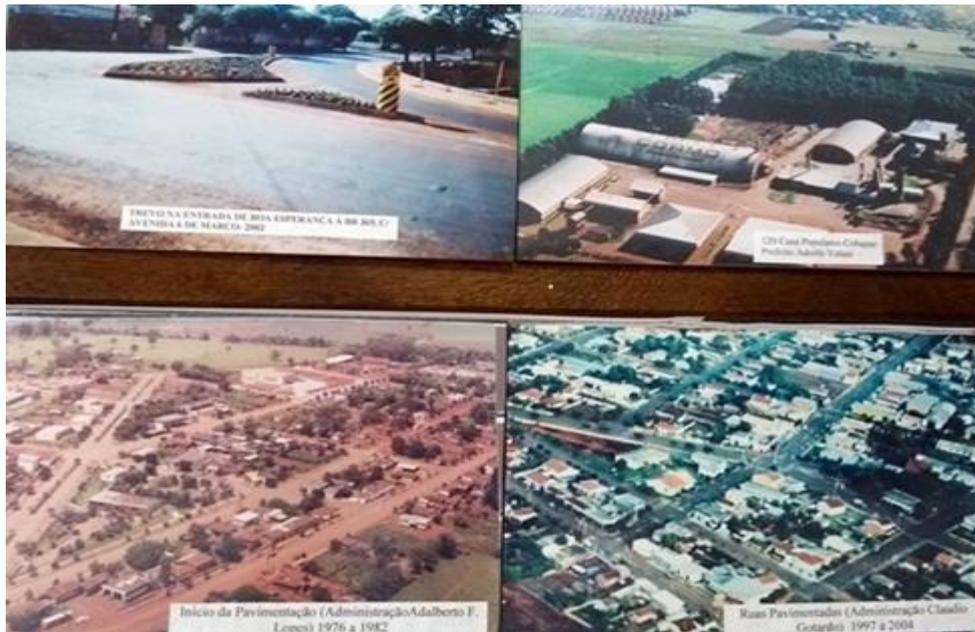


Figura 4. Fotografias selecionadas da exposição da Casa da Cultura: Trevo na entrada de Boa Esperança BR 369 com avenida 6 de março, 2002; Casas populares Cohapar; Início da pavimentação no município 1976 a 1982; Ruas pavimentadas- gestão 1997 a 2004.

Fonte: Acervo da Casa de Cultura Francisco Peixoto Sobrinho



Figura 5. Fotografia retirada da exposição da Casa da Cultura. (Construção dos primeiros bueiros em 1970; Hino Municipal; Avenida Amazonas e Rua Mato Grosso-2004)

Fonte: Acervo da Casa de Cultura Francisco Peixoto Sobrinho

A exposição das imagens da cidade de Boa Esperança-PR tem o intuito de constituir um registro memorial da urbanidade. As mensagens fotográficas nos levaram a pensar na imaginabilidade urbana, isto é, na “[...] característica, num objeto físico, que lhe confere uma

alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado”; aquilo que, pelo exemplo das imagens expostas, “[...] facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente” (LYNCH, 1997, p. 11). Dessa maneira, também pode-se explicar os motivos temáticos privilegiados nas fotografias: desfiles, igreja, missas, ruas, cemitério, prefeitura, praças, festas, estradas rurais, maquinários, reformas e construção de espaços urbanos, entre outros. Também se destacam os “primeiros moradores” e as “primeiras residências” como forma de vinculações ancestrais entre campo e cidade.

Em levantamento preliminar realizado na Casa da Cultura, entre abril e maio do corrente ano, localizamos, além da exposição, uma vasta coleção, com 6872 fotos em arquivos, as quais foram categorizadas da seguinte maneira (Tabela 3):

Tabela 3. Acervo fotográfico - Casa da Cultura.

CATEGORIAS	NÚMERO DE FOTOGRAFIAS
Cultura e Educação	3638
Esportes	1398
Saúde	54
Veículos	72
Administração	440
Assistência Social	490
Meio Ambiente e obras (cidade)	780
TOTAL:	6872

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos perceber, as fotografias abarcam temas diversos. A maior parte delas foram registradas por fotógrafos contratados pelo poder público municipal ou então pelos próprios funcionários da prefeitura. Trata-se da eternização de momentos da história da cidade, uma vez que são marcos simbólicos para o setor administrativo ou para a cidade de modo geral. Parte desta coleção imagética apresenta legendas ou cartas, informando que foram doadas pelos seus moradores, geralmente denominados pela expressão usual “pioneiros”.

A fotografia pode ser considerada como um instrumento de perpetuação da memória, da imaginação e dos sentimentos, pois, por meio delas, reconstroem-se fragmentos do

passado, recupera-se informações que reforçam a identidade coletiva e individual (SILVA, 2012). Nesse sentido, como professora² de História, ao observar a diversidade de imagens da Casa da Cultura, que induzem os visitantes a perceberem as melhorias ou a perpetuação de um momento histórico, surgiu o interesse da pesquisadora pelo tema do presente trabalho. O recorte temporal da pesquisa abrange o período compreendido entre os anos de 1997 e 2018, pois é o período com maior representatividade de mudanças nas formas urbanas e sendo 2018 o período de finalização das atividades realizadas por meio desta pesquisa. Convém destacar que os administradores municipais de tal período realizaram importantes inovações, construções e reformas, dando uma nova visibilidade ao ambiente urbano (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA ESPERANÇA, 2004).

A partir dessas constatações, formulamos algumas perguntas que julgamos essenciais à nossa atividade de pesquisa, ensino e extensão com o referido espaço de memória, sendo elas: o que as imagens da exposição, organizadas neste espaço administrado pelo poder público, representam para os visitantes da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho? Como os estudantes das séries finais do Ensino Fundamental apreendem essas imagens? Quais os direcionamentos que as imagens da cidade propiciam à imaginabilidade dos sujeitos que visitam a Casa da Cultura? Que significados as coleções podem transmitir aos estudantes?

Em relação aos usos da fotografia ou imagens, concordamos com as ideias de Koehler (2007, p. 4), pois a publicidade, os meios de comunicação, as artes visuais, os álbuns de fotografia, os cartões postais, “[...] podem servir como fonte da história, possibilitando uma leitura do mundo urbano”. Partindo destes princípios elementares, podemos levantar outros questionamentos: de que maneira a Casa da Cultura poderia estimular e interagir com seu público e com estudantes do Ensino Fundamental a partir de suas coleções fotográficas? Que imagens da cidade ou do campo os alunos gostariam de ver na Casa da Cultura?

Desse modo, trabalhou-se com as imagens da cidade no ensino de História, a fim de refletir sobre os processos históricos que envolvem sua imaginabilidade. O objetivo geral desta pesquisa é o de refletir sobre as imagens e a imaginabilidade da cidade de Boa Esperança-PR, a partir da exposição fotográfica e das coleções fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, à luz dos conceitos de Museologia, do Ensino de História, e de desenvolver atividades docentes com alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual do Campo de Palmital E.F.M, voltadas ao Patrimônio Material, especificamente as

² Aqui, a pesquisadora se refere à ligação entre o interesse pelo tema da pesquisa e sua própria prática profissional.

que trabalham com a história da fotografia e a fotografia na construção da identidade e da imaginabilidade urbana.

Em termos específicos, a intenção deste trabalho é a de contribuir para a organização e planejamento de exposições fotográficas na Casa da Cultura. Nessa perspectiva, averiguamos como se manifesta a imaginação dos estudantes ao entrarem em contato o acervo desse espaço cultural. Por outro lado, analisamos a legibilidade urbana, representada nas fotografias, a fim de compreender discursos através das imagens e a própria organização de espaço urbano pelo poder público.

Com a presente dissertação, buscou-se elaborar produtos relacionados à pesquisa, atividades direcionadas ao Ensino de História e produtos destinados à Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. Em termos acadêmicos e técnicos, realizamos atividade técnica de catalogação de fotografias, etapa indispensável ao desenvolvimento da pesquisa. A partir do levantamento quantitativo e temático das fotografias da Casa da Cultura, sugerimos propostas temáticas aos gestores desse espaço de memória: a) planejamento de exposições temáticas, conjuntamente com a aplicação de instrumento didáticos, que abranjam a percepção, a comparação, a análise e a compreensão de imagens da cidade; b) elaboração de um álbum com fotografias e com os arquivos de jornais, ambos do acervo da Casa da Cultura, através da plataforma de publicação digital gratuita (*flippingbook*, *blogs*).

Considerando o Ensino de História, trabalhamos as relações entre fotografia, história e cidade. As atividades práticas foram desenvolvidas com produtos confeccionados pelos alunos, tais como *registros fotográficos* e *Câmara Escura*. Tais atividades visavam esclarecer os princípios básicos de fotografia e sua análise. Realizamos saídas de campo: em primeiro lugar, uma visita orientada à Casa da Cultura, com o objetivo de analisar a exposição fotográfica. Depois, a partir das reflexões sobre as imagens da cidade expostas, os alunos selecionaram lugares da cidade que eles gostariam de ver na Casa da Cultura para fotografarem com a câmara de seus celulares. Essas imagens foram expostas na Casa da Cultura e na Internet (*cartilha/flippingbook*).

No capítulo 1, *O ensino de História da Cidade*, refletimos sobre como esses temas articulados são abordados no ensino de História e, particularmente, no ensino de História do município de Boa Esperança-PR. Igualmente, nossa preocupação se direcionou para a história local e, conseqüentemente, para a formação da identidade dos estudantes no processo histórico de urbanização recente do referido município. Procuramos demonstrar que esta abordagem não é recente e, em seguida, como ela está posta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História (DCE), com a

intenção de analisar a aplicabilidade desses documentos nas escolas de Boa Esperança-PR. Partimos do seguinte questionamento: a escola tem proporcionado embasamentos e oportunidades com suficiência para que os educandos percebam a historicidade de sua cidade?

Entendemos que os alunos são essenciais no processo histórico, o que implica na preparação do docente para trabalhar com as temáticas relacionadas ao cotidiano das cidades. Sem dúvida, a história da cidade ocupa um lugar no Currículo Escolar. No entanto, precisamos estabelecer relações entre as escalas nacional, regional e local, além de valorizar as práticas docentes e sua articulação com as subjetividades dos alunos e de seu cotidiano. Para isso, amparamo-nos em artigos, dissertações e capítulos de livros que descrevem a experiência e/ou propostas de trabalhos relacionados ao ensino de história das cidades. Analisamos, também, como as cidades brasileiras são apresentadas nos livros didáticos de História na *Coleção Vontade de Saber* (PELLEGRINI; DIAS; GRINGERG, 2015a, 2015b, 2015c). Finalizamos o primeiro capítulo apontando como a temática da história da cidade é trabalhada por professores da rede básica de educação, que se utilizam de referências do cotidiano do aluno, de seus espaços concretos e de suas vivências para ensinar sobre a localidade e demonstrar que a história da cidade é construída diariamente por habitantes.

No capítulo seguinte, *História, Fotografia e Cidade*, descrevemos os respaldos teóricos utilizados neste trabalho. Apresentaremos discussões referentes à historiografia e história das cidades e da fotografia, bem como refletiremos e buscaremos responder alguns questionamentos primordiais que devem ser realizados no início e durante o processo pedagógico: De que maneira, fotografias da cidade, organizadas em espaço público, podem ser utilizadas no ensino escolar para analisar e representar a legibilidade e imaginabilidade urbana? Como podemos, por meio dessas imagens, trabalhar diferentes conceitos, noções de tempo, identidades e outros temas implícitos quando falamos de cidades? Apresentamos as possibilidades de trabalho das cidades educadoras, os conceitos de imaginabilidade e legibilidade da cidade proposto pelo urbanista americano Kevin Lynch (1997), além de estudos relacionados ao ensino dos processos históricos das cidades, especialmente os que valorizam a utilização das fotografias.

Em relação às fotografias, trazemos informações referentes ao seu processo de criação, destacando que Hercule Florence, domiciliado no interior do Brasil, reconhecido tardiamente como um dos pais da fotografia, foi o primeiro a utilizar o nome *photographie* para suas descobertas. Para possibilitar a análise dos registros fotográficos, descreveremos sobre enquadramento, especificações técnicas, interpretação iconológica e iconográfica

propostas por Kossoy (2009). Elencamos também a teoria de Roland Barthes (1982), que nos possibilitará analisar separadamente os processos de conotação das imagens (trucagem, pose, utilização de objetos na cena, fotogenia, esteticismo e sintaxe), os diferentes sentidos e as mensagens conotadas e denotadas que as fotografias comportam.

No terceiro e último capítulo, *O Ensino de História da cidade na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho*, apresentamos a Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, seu acervo fotográfico e seu acervo de pastas de notícias. Ponderamos sobre a Educação Patrimonial, que embasou a realização de diversas atividades e a análise de algumas imagens realizada por nós e pelos estudantes. Apresentamos, ainda, nossa prática docente e as metodologias utilizadas na aplicação deste trabalho. Descrevemos a exposição fotográfica realizada na Casa da Cultura com registros feitos pelos estudantes, bem como o produto final, a elaboração de cartilha em formato *flippingbook*, fruto desta pesquisa, que contou com a cooperação dos estudantes e de uma moradora do município. O referido material dialoga com fotografia, ensino e cidade.

CAPÍTULO 1

O ENSINO DE HISTÓRIA DA CIDADE

É o humor de quem a olha que dá a forma à cidade de Zembrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha como o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro, porém ouve-se falar da Zembrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar na Zembrude de baixo, percorrendo todos os dias as mesmas ruas e reencontrando de manhã o mau humor do dia anterior incrustado ao pé dos muros. Cedo ou tarde chega o dia em que abaixamos o olhar para os tubos dos beirais e não conseguimos mais distingui-los da calçada. O caso inverso não é possível, mas é mais raro: por isso, continuamos a andar pelas ruas de Zembrude com os olhos que agora escavam até as adegas, os alicerces, os poços. (CALVINO, 1990, p. 64).

A escola tem proporcionado embasamentos e oportunidades com suficiência para que os educandos percebam a historicidade de sua cidade? É possível que os alunos notem quão essenciais são no processo histórico e percebam que a História de sua cidade é tão importante no Currículo Escolar quanto qualquer outro fato histórico? Esses são alguns dos questionamentos que fazemos ao pensar na aplicabilidade dos conteúdos referentes à História local e História urbana nos ambientes escolares.

O ensino dessas temáticas valoriza as origens dos estudantes e contribui com a construção de sua identidade. Leva-os a analisar mudanças, permanências e atitudes relativas às suas vivências. Situam os educandos no contexto social em que estão imersos, auxiliando-os na compreensão da realidade histórica, tornando-os mais críticos e participativos. É por meio da aprendizagem histórica que o aluno percebe os laços de pertencimento a um grupo étnico, a uma comunidade e, em sua máxima dimensão, percebe seus vínculos com a nação.

Nesse sentido, a memória é relevante, pois se impõe como uma das bases da identidade por meio da qual chegamos à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, que podem ser preservados como patrimônio

histórico³. Esses lugares, que remetem a diferentes memórias, servem como laboratório para os estudos históricos. Os vestígios do passado de uma localidade, de vivências e de coisas, ou mesmo as reminiscências de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo vasto e enriquecedor, o qual potencializa a formação dos sujeitos, a competência histórica e a função social da história (BITTENCOURT, 2008, p. 169).

Por esse motivo, as memórias precisam ser recuperadas e confrontadas. Elas são um fenômeno de construção individual e coletiva. Seus elementos constitutivos são os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos “por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencer. (POLLAK, 1992). O ambiente (os caminhos, territórios, paisagens, conquistas territoriais, migrações, etc.) faz parte do conhecimento histórico, bem como da memória coletiva de uma sociedade. O educador tenta reconstruir, juntamente com seu aluno, o passado memorável da localidade em que vive, instigando respostas quanto a sua origem, a questões relacionadas ao trabalho, a vivências, a costumes, a urbanidades e a cultura.

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo [...] Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. Não há mais nenhuma família na qual pelo menos um membro não se tenha recentemente lançado à reconstituição mais completa possível das existências furtivas de onde a sua emergiu. (NORA, 1993, p.17)

Valorizar os indivíduos no processo histórico, principalmente nos processos que fazem parte do cotidiano do aluno, é fazer o educando se sentir parte do grupo, é estabelecer o sentimento de pertencimento, conhecimento da sua história, da sua memória. É reconhecer a sua própria identidade.

Sabemos que não se aprende história apenas no ambiente escolar. Os educandos têm acesso a diversas informações que trazem de seu contexto familiar e do seu convívio social:

³ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) adotou a classificação de patrimônio cultural dividida em dois grupos: material e imaterial. O patrimônio cultural material é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. O patrimônio cultural imaterial compreende práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). Informações retiradas do Livro de registro dos saberes, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/496>>.

“nas convivências entre as gerações, nas fotos e lembranças dos antepassados e de outros tempos, crianças e jovens socializam-se, aprendem regras sociais e costumes, agregam valores, projetam o futuro e questionam o tempo” (PCN, 1998, p. 39). Essas informações do cotidiano se somam ao ensino formal, sendo confrontadas pelo aluno e, posteriormente, consolidadas em seu aprendizado, por meio do conhecimento adquirido, fundamenta-se a construção de valores e a moldagem identitária.

A identidade é constituída pelas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. É um processo em constante construção, sempre incompleto, e que nos ajuda compreender a nossa subjetividade, o nosso eu. Sua construção é tanto simbólica quanto social, sendo que a luta para afirmar uma ou outra identidade têm causas e consequências materiais e imateriais. A identidade é relacional, marcada pela diferença e pela alteridade. Para existir, depende de algo fora dela, daquilo que ela não é, ou seja, pressupõe a existência do outro (WOODWARD, 2014, p. 18).

O papel do ensino de história local na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para os estudos da História. De igual modo, os estudos sobre as especificidades das cidades favorecem a construção e o fortalecimento dos laços de identidade das pessoas com o lugar onde moram e com as pessoas de seu convívio. Para isso, professores precisam integrar espaço/comunidade educativa, trazendo para a sala de aula questões provenientes da identidade dos seus alunos, de forma que os transformem em cidadãos ativos e intervenientes na preservação da sua identidade patrimonial.

Para atingir esses objetivos, o ensino de história local assume, a princípio, algumas características básicas: parte da situação presente para se reportar para o passado; é mais qualitativo do que quantitativo; lida com fatos concretos do cotidiano e do conhecimento empírico, busca a mediação com outros espaços e temporalidades sociais; é mais atento ao tratamento das fontes e às questões de método (TOLEDO, 2010, p.752).

As funções didáticas da história local devem ser potencializadas e aproveitadas, haja vista que é uma forma de auxiliar na construção do conhecimento, articulando com os interesses e experiências dos alunos, facilitando a compreensão do seu entorno e contribuindo para a valorização do patrimônio histórico. A referida forma de trabalho retoma a apreensão de histórias que foram silenciadas, trazendo à tona a história lida e vivida por diferentes sujeitos. Ao trazermos a localidade para o ensino, garantimos uma função social para a história, favorecemos a formação de cidadãos conscientes e de competências históricas (ALVES, 2014, p. 65).

1.1 História local no Currículo

Não é recente o trabalho com história local. Esta abordagem no ensino já foi alvo de grandes debates entre os historiadores brasileiros. Esteve presente nas Referências Curriculares e Instruções Metodológicas desde 1930. Até o ano de 1971, a história local era empregada como um recurso didático, principalmente nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Com a aprovação da Lei nº5692/71, de 11 de agosto de 1971, a localidade passou a ser entendida como sinônimo de comunidade e como referência para o ensino de Integração Social, articulando-se às disciplinas de História e Geografia. Assim, o estudo da localidade “[p]rivilegiava o estudo do meio mais próximo e mais simples, deslocando-se, depois, para o mais distante e mais complexo” (SCHMIDT, 2003, p.2). Com a publicação dos PCN, em 1997-1998, a História foi tomada como perspectiva metodológica na Educação Básica.

A proposta curricular dos PCN para o 1º e 2º ciclos – Ensino Fundamental – está organizada a partir da ideia de que “conhecer as muitas histórias de outros tempos, relacionadas ao espaço em que vivem, e de outros espaços, possibilita aos alunos compreenderem a si mesmos e a vida coletiva de que fazem parte” (BRASIL, 1997, p.35). O estudo da história local é um meio para atingir esses objetivos. Para tanto, os conteúdos propostos são constituídos a partir da história do cotidiano da criança, integrada a um contexto histórico mais amplo. Espera-se que os alunos ampliem suas capacidades de observar o seu entorno, que compreendam as relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e que reconheçam a presença de outros tempos no seu dia a dia, percebendo os diferentes modos de viver que existem ou que existiram no mesmo espaço.

No eixo temático “História local e do cotidiano”⁴, proposto nos PCN (1997, p.41) para o primeiro ciclo, recomenda-se que os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, a partir da identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre os colegas de sala, suas famílias e os funcionários da escola. Posteriormente, é proposto que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais.

Diante das possibilidades de estudos sobre localidade, cabe ao professor fazer o levantamento de diferenças e semelhanças individuais, sociais, econômicas e culturais entre

⁴ *Cotidiano* se refere à vida cotidiana, que todos vivem diariamente. Podem ser vistos como espaços de memória, onde os sujeitos constroem suas identidades. A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea, sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. (HELLER, 1989, p. 17-18).

os alunos da classe e entre as demais pessoas que convivem e trabalham na escola. É tarefa do professor, ainda, fazer o levantamento das diferenças e semelhanças entre as pessoas e os grupos sociais no que tange aos aspectos sociais, econômicos e culturais, a identificação de transformações e permanências nas vivências culturais (materiais e artísticas) da coletividade no tempo, de costumes das famílias das crianças (pais, avós e bisavós) e das instituições escolares (BRASIL, 1997, p.41-42).

No segundo ciclo, ao apresentar propostas sobre cidades e vilas, os PCN trazem sugestões e metodologias no tópico “Organizações políticas e administrações urbanas”, que tem o objetivo de nortear o educador na seleção, exposição e interação dos conteúdos com os alunos:

- Identificação de diferentes tipos de organizações urbanas, destacando suas funções e origens:
 - cidades que nasceram com função administrativa, religiosa, comercial ou de paragem, de diferentes lugares do mundo e de épocas históricas diferentes, como Cuzco, Tenochtitlán, Machu Pichu, Atenas, Pequim, Amsterdã, Paris, Nova York, e/ou do Brasil, como Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, São Luís, Ouro Preto, Diamantina, Campinas, etc.;
 - estudos de organizações e distribuições dos espaços urbanos e rurais, sistemas de defesa, de abastecimento de alimento, de fornecimento de água e escoamento de esgoto, sistemas de comunicação, as relações comerciais, as atividades econômicas e administrativas, as vivências cotidianas da população em diferentes épocas, medições de tempo.
- Caracterização do espaço urbano local e suas relações com outras localidades urbanas e rurais:
 - crescimento urbano, atividades urbanas exercidas pela população e suas relações ou não com a vida rural, relações comerciais praticadas com outras localidades, atividades econômicas, processos de industrialização (internos e externos), organização administrativa, desenvolvimentos do atendimento de serviços nos seus diferentes espaços (esgoto, água, escolas, hospitais), ritmos diferenciados de tempo na organização das rotinas diárias.
- Estudo das transformações e das permanências que ocorreram nas três capitais brasileiras (Salvador, Rio de Janeiro e Brasília) e as diferenças e semelhanças entre elas e suas histórias:
 - as origens das cidades, suas organizações e crescimento urbanístico, seu papel administrativo como capital, as relações entre as capitais brasileiras e Lisboa (num contexto de relações entre metrópole e colônia), as questões políticas nacionais quando eram capitais, sua população em diferentes épocas, as suas relações com outras localidades nacionais e internacionais, as mudanças em suas funções urbanas, seu crescimento ou estagnação, suas funções na atualidade, o que preservam como patrimônio histórico (BRASIL, 1997, p. 50).

Nas séries finais do Ensino Fundamental, é proposto, pelos PCN, que o professor inicie o estudo dos temas na perspectiva da história do cotidiano: “essa é uma escolha didática para os alunos distinguirem suas vivências pessoais dos hábitos de outras épocas e relativizarem, em parte, os padrões de comportamento do seu próprio tempo” (BRASIL, 1998, p.54). Assim, para o terceiro ciclo, é proposto o eixo temático “História das Relações

Sociais, da Cultura e do Trabalho”. Para o quarto ciclo, “História das representações e das relações de poder”. Na divisão por eixos temáticos, são solicitadas atividades e situações didáticas que favoreçam a aprendizagem histórica por meio da pesquisa, da observação, da identificação, do confronto, da distinção e da reflexão. Assim, a ênfase do documento recai tanto sobre o estudo de questões sociais e da realidade dos alunos, quanto sobre o discernimento dos sujeitos históricos como agentes de transformações e/ou permanências sociais nos espaços locais; acontecimentos históricos e seus contextos (BRASIL, 1998, p. 54-55).

Para a disciplina de História, nada melhor do que reflexões partindo do presente para melhor compreender o passado. Carine de Oliveira Vieira (2016), em sua dissertação de mestrado, denominada *Os PCN e o lugar da tradição: tensões sobre o currículo de História*, apresenta o contexto da criação dos PCN, analisando-os e refletindo sobre como eles têm sido incorporadas nas redes de ensino.

Nas décadas de 1980 e de 1990, salientava-se que era impossível estudar toda a História da humanidade e que recortes eram necessários. Criticava-se também o forte caráter eurocêntrico. Surgiram, assim, currículos que introduziram a história local e regional e outros que propunham a organização por temas. Nesse mesmo momento, difundiam-se concepções pedagógicas que compreendiam o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. (VIEIRA, 2016, p. 87)

Vieira (2016) destaca o foco do documento na cidadania, de forma que os PCN veiculam uma ideia de educação não preparando os alunos somente para a atividade produtiva, como era o foco da educação tecnicista, mas visando os habilitar para os diversos aspectos que permeiam a sociedade. A história local incorpora conteúdos referentes ao cotidiano do aluno, conceitos que refletem suas vivências, estudos do meio e outros aspectos relacionados às especificidades locais. Nesse processo, os PCN sugerem a participação da comunidade extraescolar, o uso de mídias e tecnologias para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

As informações sobre história local propiciam pesquisas com depoimentos e relatos de pessoas da escola, da família, comunidade, fotografias, análises de comportamentos sociais e de obras humanas como habitações, utensílios caseiros, ferramentas de trabalho, vestimentas, produção de alimentos, brincadeiras, músicas, jogos, entre outros (BRASIL, 1997, p.35). Por conhecerem casas, ruas, aglomerações urbanas, e ao conversarem com os moradores da cidade e do campo, os alunos se sensibilizam para as fontes de pesquisa em

história, para os “materiais” que os auxiliam interpretar como seria a vida em outros tempos, a organização dos espaços urbanos e rurais e as relações sociais.

Outro documento importante que norteia o trabalho dos professores de História são as Diretrizes Curriculares de História da Educação Básica (DCE), da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (PARANÁ, 2008). Essas Diretrizes foram criadas sob a perspectiva de inclusão social, considerando-se a diversidade, a memória paranaense, e valorizando a história local. Para os anos finais do Ensino Fundamental, as DCE propõem que os conteúdos temáticos priorizem as histórias locais e a história nacional, fazendo comparações com a história mundial. Enfatiza-se a importância da história local como incentivadora e facilitadora do caminhar do estudante pelos conteúdos históricos.

Desse modo, a proposta de ensino de história local apresentada nas Diretrizes, tem como objetivo superar a visão de que os sujeitos e fatos históricos locais têm menos importância do que os de ordem nacional e global. O estudo da história local também atende a Lei nº13.381/01, de 18 de dezembro de 2001, que torna obrigatório o trabalho com conteúdos de história do Paraná no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual. Segundo essa Lei, a aprendizagem dos conteúdos curriculares deverão oferecer abordagens e atividades promovendo a incorporação dos elementos formadores da cidadania paranaense, partindo do estudo das comunidades, municípios e microrregiões do Estado.

No ano de 2008, com o objetivo de subsidiar teoricamente a implementação da DCE de História, foi apresentado, pela Secretaria do Estado da Educação, o Caderno Pedagógico de História do Paraná, *Representações, Memórias, Identidades*, que “[...] surge no sentido de difundir e inculcar valores no cotidiano dos alunos, desde cedo, preparando-os para enfrentar um mundo em constante transformação” (PARANÁ, 2008, p. 4). Esse Caderno contesta a versão oficial da história apresentada nas Comemorações do Centenário de Emancipação Política do Paraná, e demonstra que os eventos cívicos têm o intuito de formar uma identidade local, nacional ou regional.

Nos discursos presentes nesses eventos, prevalecem a história e as memórias da classe social detentora do poder no período comemorado. As classes menos favorecidas ficavam invisíveis, seu passado não era lembrado ou valorizado, pois o que o Estado pretendia representar era a modernização. Isso posto, o texto do documento apresenta várias propostas metodológicas e orientações de como trabalhar as histórias que não aparecem na versão oficial, sendo principalmente (no caso das Comemorações do Centenário), a história dos índios, negros e posseiros. Partindo do contexto local para o regional, o Caderno

Pedagógico orienta professores e alunos a conhecer e valorizar esses sujeitos que foram silenciados e considerados apenas telespectadores da história – de que também fazem parte.

É importante que tenhamos cuidado ao trabalhar com a história local, pois ela não contém em si mesma as explicações para os problemas políticos, culturais e econômicos de uma determinada sociedade. Tais problemas e suas soluções se dão por meio de processos mais amplos. É preciso identificar as transformações do espaço, articulando sua relação com outras localidades. Perspectivas reducionistas, localistas, etnocêntricas e anacrônicas devem ser observadas e rejeitadas ao se analisar o local (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 138).

Quando a história local é abordada em sala, o professor permite que o aluno seja um partícipe da construção do conhecimento escolar, sendo seu entorno fundamental para a aquisição de novos saberes. Assim, a prática docente “aproxima o aluno de sua realidade mais próxima, que se apresenta nas ruas, edificações, marcos históricos, ou seja, de uma História que está presente na vida do aluno” (BUCZENKO, 2013, p.19).

Para ensinar história, é necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços. Dessa forma, o aluno passa a perceber que história não é feita apenas de passado, mas é feita cotidianamente: faz-se presente nos nomes das ruas, colégios, festas cívicas, praças, museus, bibliotecas, casa da cultura e outros espaços. A história pode ser entendida por meio de personagens vivos e ativos da comunidade, fazendo com que as transformações sociais sejam apreendidas com mais profundidade (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.150).

Alves (2014, p. 68-69), ao escrever sobre o ensino de história local como estratégia para o ensino de História, enfatiza a função social e individual da História. Destaca que o estudo da localidade de forma adequada contribui de modo essencial para o exercício da cidadania. A disciplina de História tem o papel de fornecer nossas origens e encontrar no passado pontos de referência. Por meio dela, os educandos compreendem que também são sujeitos históricos e portadores de uma história, de uma historicidade e de uma identidade local, visto que a localidade constitui um exemplo de nosso passado.

No livro *Ensinar História*, das autoras Schmidt e Cainelli (2009), há um capítulo dedicado à *História local e o Ensino de História*. Esse material, que faz parte da Coleção Pensamento e Ação na Sala de Aula, adquirido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para a biblioteca do professor, apresenta metodologias e propostas pedagógicas diversificadas, de modo a tornar as aulas de História mais interessantes para o educando. No capítulo citado, as autoras discorrem sobre possibilidades do trabalho com a história local, entre as quais destacamos as seguintes:

O trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar a historicidade e a identidade dele.

O estudo com a história local ajuda a gerar atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano do aluno, além de ajudá-lo a refletir acerca do sentido da realidade social.

Como estratégia pedagógica, as atividades com a história local ajudam o aluno na análise dos diferentes níveis da realidade: econômico, político, social e cultural.

O trabalho com espaços menores facilita o estabelecimento de continuidades e diferenças com as evidências de mudanças, conflitos e permanências.

O trabalho com a história local pode ser instrumento idôneo para a construção de uma história mais plural, menos homogênea, que não silencie a multiplicidade de vozes dos diferentes sujeitos Históricos (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 139).

O uso das funções didáticas e pedagógicas da história local auxilia no desenvolvimento de um pensamento histórico para o aluno, tanto pela incorporação das memórias que compreendem seu entorno quanto pela interdisciplinaridade. Por meio dessas possibilidades, busca-se a valorização dos bens culturais, dos lugares de memória, dos saberes e do saber fazer (KOEHLER, 2007, p.7). Portanto, entre as possibilidades interdisciplinares, a associação entre o ensino de História e a abordagem de imagens da cidade é pertinente considerando-se que a ideia de que o ensino dos deveres sociais deve partir do cotidiano dos educandos – tanto na cidade, e através dela, quanto nos *lugares de memória*, ou de referência histórica, literária, arquitetônica, artística, entre outros – é complementada com o aspecto funcional da história.

A história local se redefine no contexto das mudanças historiográficas, trazendo à cena novas temporalidades, o interesse pelo cotidiano, por outros sujeitos histórico e a aproximação e o diálogo da história com outras disciplinas, como a Antropologia e a Geografia. Toledo (2010) considera que o interesse pela localidade faz-se, em grande medida, pela rejeição dos recortes temporais e espaciais considerados tradicionais.

É de grande valia, pesquisar sobre a história da cidade por meio de pessoas que fazem parte da comunidade. Dessa forma, as transformações sociais são apreendidas com mais profundidade, e, juntamente com a vivência dos alunos, atualizam o debate histórico (PRADO, 2007, p. 10). Quando a História é apresentada aos estudantes somente com o intuito de valorizar autoridades e personagens “importantes”, ela se torna simplesmente uma forma de reprodução dos feitos das classes dominantes e do poder local. É preciso identificar a abordagem de uma história que crie vínculos com a memória familiar do estudante, estabelecendo relações entre grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias.

As versões oficiais, em que são contadas as histórias dos “primeiros” tem sido muito utilizado no ensino da história das cidades. Nessas versões, nota-se a valorização dos temas

referentes a moradores detentores do poder, os “responsáveis pela formação” daquela comunidade: “[a] História aparece deformadamente como a história dos primeiros: o primeiro nascimento, o primeiro enterro, o fundador, o primeiro alfaiate, a primeira parteira” (TERRA, 2012, p.96). É importante evitar esta forma de trabalho com a história das cidades em que os acontecimentos fiquem evidentes somente a partir dos feitos de pioneiros ou relacionada aos feitos da história regional ou nacional.

Os estudos referentes às cidades têm ganhado maior atenção por parte dos historiadores nos últimos anos por constituírem objetos de estudos palpáveis, que permitem a recuperação histórica do espaço, possibilitando aos alunos a reflexão sobre as mudanças ocorridas por meio de suas próprias experiências. Como afirma Cano (2012, p.103), “ao explorar esse tema, é possível compreender sutilezas da realidade cotidiana e das vivências dos múltiplos atores que ali circularam (e circulam) [...]”.

A diversidade social se expressa na ocupação dos espaços, nos estilos arquitetônicos, nos usos e estéticas dos lugares, nas materialidades que constituem os cotidianos, nas atividades e nas relações com os ambientes. Formas, funções, valores e estrutura global da sociedade se sobrepõem, e nelas há ambiguidades e polissemia. Há prédios representando o poder público, outros o controle social, outros os valores religiosos e sua institucionalização. Há monumentos e estilos arquitetônicos impondo o poder econômico; há o abandono, a ausência de serviços, a sujeira e a pobreza anunciando a desigualdade da estrutura social. Há os ritmos de trabalho, o controle do tempo, os fluxos, as ocupações, a vida cotidiana. Há os confrontos, os contrastes, a convivência de diferentes tempos e as segregações (TERRA, 2012, p. 126-127).

Os espaços urbanos são palcos de diversos acontecimentos sociais, sendo concebidos como espaços de pertencimento e comunicação de memórias, que podem ser consideradas fontes de estudo, de análise e de pesquisa na ação educativa escolar. As cidades podem ser problematizadas e estudadas a partir de questões locais específicas, que fazem parte de um contexto mais amplo: englobam costumes, histórias, modos de trabalho, relações de natureza, sociabilidade e auxiliam no entendimento dos alunos das noções de tempo, permanências, mudanças e contextos.

Cano (2012) orienta o professor sobre como ler e entender a cidade. Destaca que, nas fachadas das casas, o material utilizado em sua construção, os objetos em seu entorno e sua localização são elementos que permitem diálogo com as experiências e com o mundo daqueles que construíram esses lugares: “olhar a cidade e observar o habitat implica pensar as intenções de seus construtores e habitantes, conhecer e entender as transformações que ocorreram ao longo do tempo nesses espaços e os motivos dessas mudanças” (CANO, 2012, p. 109).

Um ótimo material para observarmos como o ensino das cidades é trabalhado em outras localidades é o livro *Leituras da Cidade*, organizado por Zita Rosane Possamai (2010). Nele, são apresentadas atividades realizadas sobre a cidade de Porto Alegre-RS, propiciando conhecimento progressivo sobre o assunto. Esse material, que é construído a partir da intersecção entre memória, patrimônio e educação, considera que a cidade se revela nos significados subjetivos e na relação com os espaços que são apropriados. O livro é composto por 16 capítulos, que se subdividem em cinco percursos: percursos históricos e arqueológicos; percursos etnográficos; percursos artísticos e culturais; percursos da cidade educadora; percursos patrimoniais (POSSAMAI, 2010, p. 9)

Esse livro é fruto do curso “Leituras da Cidade: Porto Alegre e seu patrimônio”, ministrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com o Programa Monumenta, da Prefeitura de Porto Alegre. O projeto conciliou ensino, pesquisa e extensão e visou à formação de professores para reflexões e abordagens do espaço urbano. Foram realizadas duas edições do curso, voltadas para educadores, profissionais vinculados a museus, arquivos e órgãos de patrimônio. Possamai (2010) destaca que essa proposta de curso despertou grande interesse em moradores de Porto Alegre-RS e de municípios vizinhos, de modo que foram realizadas mais de cem inscrições na primeira versão do curso. No entanto, como as vagas eram limitadas, apenas 50 inscritos puderam participar no primeiro momento.

Na segunda edição, em 2009, a formação teve recursos do Ministério da Educação (MEC). O número de vagas aumentou consideravelmente, oportunizando que 110 inscritos, pudessem participar. Nessa segunda fase, foi publicado o livro a que agora recorremos e referenciamos, que foi escrito por docentes envolvidos no projeto editorial. Também foi criado um portal na Internet, com a mesma denominação, cujo intuito foi o de possibilitar o acesso às informações sobre a cidade de Porto Alegre-RS. Com a criação desse portal, os educadores podem refletir sobre o tema e as ações relacionadas às práticas educativas que envolvem a memória e o patrimônio.

No capítulo do livro escrito por Meira (2010, p.199), por exemplo, é enfatizado que o simples fato de andar pela cidade observando seus espaços é uma forma de reviver memórias e tradições. A autora descreve uma experiência que teve com o projeto *Cidade das Crianças*, cujo objetivo é o de possibilitar o encontro e a troca de experiências entre crianças de diferentes bairros da cidade. Ela relata uma visita ao Theatro São Pedro, em Porto Alegre, RS. Naquele dia, a cidade tornou-se espaço de novas aprendizagens para alunos, principalmente quando encontram Maria, uma moradora de rua que utiliza a expressão “corripio”, até então desconhecida para eles. A curiosidade que sentem para identificar o significado da palavra,

faz com que questionem suas avós, que relembram a brincadeira “corripio”, muitas vezes realizadas por elas pelas cidades.

Neste texto de Meira (2010), é possível notar as diferentes apropriações do espaço citadino. A praça, com seus desenhos de pedra portuguesa e projetada em um lugar que direciona o olhar dos transeuntes para diferentes monumentos da cidade é o palco dessa troca de informações. Em pesquisa na Internet, encontramos a página do projeto *Cidade das Crianças* no *facebook* com fotografias de várias atividades realizadas a partir dos diferentes olhares sobre a cidade. Entre elas, destacamos as atividades realizadas com mapas da cidade, que direcionam as conversas e pesquisas sobre a cidade, suas ilhas e seus rios.

Blogs e páginas de *facebook* são ótimas ferramentas para observamos como os locais de estudo ou espaços de memórias são percebidos pelos visitantes. Kobelinski (2016), no texto “As Linguagens do Museu Regional do Iguazu e a nova museologia”, analisa como a imagem do Museu Regional, localizado em Reserva do Iguazu-PR é construída com as narrativas de sua página social no *facebook*. Por meio de curtidas, comentários em fotos, postagens e compartilhamentos, os visitantes descrevem suas experiências, que enaltecem o ambiente, despertando nas pessoas que acessam a página o desejo de também conhecer esse espaço de preservação ambiental e de memórias dos antigos moradores, que foram expulsos para dar lugar a assentamentos nas cidades próximas.

Rita Boritza (2008), em seu trabalho no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) intitulado “Assis Chateaubriand: História e Memória”, ao pesquisar os materiais utilizados pelas escolas do município de Assis Chateaubriand-PR, percebe que eles, ao abordarem os conteúdos referentes ao processo de colonização e povoamento da cidade, não problematizam e não questionam nenhum aspecto. A Apostila de dados da prefeitura Municipal utilizadas no período pesquisado (2005), somente atribui os grandes feitos de colonização e povoamento aos “heróis, bem feitos”. O material informa, inclusive, que o dia mais importante para a cidade de Assis Chateaubriand -PR foi em 1966, quando recebeu a visita do jornalista e embaixador, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, cujo nome foi usado para batizar a cidade.

Boritza (2010), por meio de atividades realizadas com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) procurou recuperar e tirar do silêncio a memória de pessoas comuns, que vivenciaram a experiência do mandonismo político, da grilagem de terras e da expulsão de grupos de sujeitos, presentes na formação do município. Para isso, propôs uma releitura da história da cidade a partir da contribuição dos alunos, que foram em busca das suas memórias e de outras histórias, buscando recuperar o conhecimento do passado baseado naqueles que

lutaram contra a dominação. Esse projeto buscou romper com a história oficial e com seu domínio da memória. A autora destaca que cada estudante que participou da pesquisa, ao buscar a história de sua cidade, encontrou suas raízes, sua própria história.

As imagens das cidades povoam as memórias de seus habitantes. É por meio dos sentimentos diversos em relação às pessoas, aos espaços frequentados, às formas de perceber a cidade, enfim, sentimentos relacionados a arranjos sociais que configuram o ser e o estar na cidade que tecemos nossas rotinas, traçamos nossos percursos, planejamos nossos afazeres. São muitas as memórias que podem eclodir através do olhar sobre a cidade. Debruçar-se com o olhar da história sobre as múltiplas memórias da cidade pode ser um caminho frutífero para compreender o urbano (POSSAMAI, 2010, p.217).

Nas áreas centrais das cidades há uma pluralidade de referências culturais. Elas guardam imagens de vários tempos e, geralmente, contêm informações históricas sobre a evolução ocorrida na cidade. Dessa forma, podemos considerar a cidade como uma espécie de “livro didático”, pois uma simples esquina percorrida pelo aluno até chegar à escola pode abrigar muitos anos de história. Nessa perspectiva, as cidades, independentemente de seu tamanho ou de suas condições, propõem experiências surpreendentes em termos históricos e memoriais: “cabe aos professores e alunos, em conjunto, esmiuçarem estes baús que são as ruas, os quarteirões, as praças e os prédios das cidades” (XAVIER, 2010, p. 260).

Há muitas críticas quanto à forma de se trabalhar história local, pois ela é, muitas vezes, apresentada a partir da valorização das grandezas da história nacional “no esforço de encontrar uma importância mais nobre para as atividades e produções locais, muitas vezes entendidas como empobrecidas por estarem distantes de grandes feitos ou história consagradas” (TERRA, 2012, p. 94). Concordamos com as ideias de Terra (2012), pois constatamos que os conteúdos sobre a história das cidades nos livros didáticos geralmente evocam o tema enquanto "reflexos de tema da história nacional".

O livro didático geralmente é um dos materiais e documentos pedagógicos mais utilizado nas aulas de História, sendo também um dos únicos livros que chegam a muitos lares brasileiros. Existem muitas possibilidades de trabalho com esses materiais didáticos. No entanto, seja pela quantidade de páginas, seja pela diversidade de temas abordados, as explicações dos conteúdos são limitadas. Desse modo, os livros didáticos não devem ser considerados como o único recurso didático. Cabe ao professor problematizar o tema e buscar referências em outras fontes para complementação do conteúdo tratado.

Fizemos uma pesquisa na coleção *Vontade de Saber* (PELLEGRINI; DIAS; GRINGERG, 2015a, 2015b, 2015c.) com a finalidade de verificar quais cidades eram

trabalhadas e em que contexto elas eram mobilizadas e discutidas. Sabendo-se que o material utilizado em sala de aula deve levar em conta as condições de aprendizagem e capacidade de compreensão do aluno, os educadores de escolas paranaenses, ao fazerem a escolha do referido livro didático, atentaram-se, principalmente para as características propostas por Rüsen (2010), que atribui os seguintes aspectos aos materiais didáticos de excelência: formato claro e estruturado; estrutura didática clara; relação produtiva com o aluno e com a prática da aula. Dessa forma, após análise dos textos, das atividades e das imagens do material didático de Pelegrini, Dias e Gringerg (2015), a coleção foi adotada por algumas determinadas escolas paranaenses, em 2017.

Observamos que, nesses livros, os principais conceitos históricos são abordados de forma clara e concisa. No manual do professor, presente nos quatro livros da coleção, enfatiza-se que esses conceitos devem ser de conhecimento docente e discente. O primeiro capítulo intitulado “Construindo a História” faz apresentação dos fundamentos centrais para os conteúdos históricos. Todos os capítulos são abertos com duas páginas introdutórias que buscam explorar o conhecimento prévio dos educandos. Além disso, cada capítulo conta com conteúdos interligados apresentados em seções. A seção “enquanto isso” enfatiza a simultaneidade dos acontecimentos históricos. Na seção os “sujeitos históricos” são apresentados pessoas que participaram ativamente dos processos históricos. Em “História em Construção”, mostra-se a história em constante construção e/ou transformação. Já na seção “explorando o tema” são apresentados diversos autores que tratam sobre os conteúdos trabalhados. No final de cada capítulo são apresentadas quatro páginas de atividades de fácil compreensão e interpretação, com o objetivo de fixar os conteúdos e, posteriormente, o aluno pode fazer uma autoavaliação, pois cada volume traz uma relação de dicas sobre os objetivos esperados sobre cada conteúdo.

Em relação ao tema “cidade”, não foi avaliado o livro do 6º ano, pois, como seus conteúdos são voltados para as Antigas civilizações, ele foge da temática proposta para a presente pesquisa. Os últimos capítulos do livro do 7º ano são dedicados à história da América portuguesa. No que se refere à história urbana do Brasil, os autores apresentam a formação e organização de vilas e cidades, por volta de 1750, que foram fruto da mineração, atividade fundamental tanto para a fundação de vilas e cidades quanto para a expansão da comunidade pelo território brasileiro:

A descoberta de minas de ouro e de diamantes teve consequências importantes e causou uma série de transformações na Colônia. Graças ao grande deslocamento de pessoas para a região das minas, foram formadas várias vilas e cidades no interior do

território. Entre as cidades fundadas nessa época, estão Ouro Preto, Diamantina e Tiradentes, em Minas Gerais, e Pirenópolis, Corumbá e Jaraguá, em Goiás. Para levar as mercadorias para essa região e abastecer os mercados foram abertos vários caminhos, que propiciaram ligação maior entre as regiões da Colônia. O percurso feito por tropeiros e monçoeiros era longo e cansativo, sendo necessárias várias paradas para descanso. Nesses locais de parada, também se formaram pequenos núcleos populacionais, que, no decorrer do tempo, tornaram-se cidades, como é o caso de Ponta Grossa, no atual estado do Paraná, e Anápolis, no atual estado de Goiás. (PELLEGRINI; DIAS; GRINGERG, 2015a, p. 207).

No livro do 8º ano, trabalha-se com ênfase na história brasileira, sendo que as cidades geralmente são apresentadas e relacionadas a um marco importante para a história nacional. A cidade do Rio de Janeiro-RJ, maior cidade brasileira do século XIX, é citada, sobretudo devido à chegada da corte portuguesa, devido às mudanças que nela ocorreram, tanto nos aspectos de vestimenta, quanto nos de moradia. Tal cidade também é abordada por constituir espaço da administração do poder colonial. A cidade de São Paulo-SP é citada por conta da Independência do Brasil, e o Estado de São Paulo, por ser um dos maiores produtores de café, pela economia e industrialização. A referência ao município de Paranaguá-PR enfatiza o incidente de Cormorant, que forçou o governo brasileiro a aprovar a Lei Eusébio de Queiroz. Para apresentar o início da modernização do Brasil, foram elencados os melhoramentos urbanos da segunda metade do século XIX, período em que muitas cidades foram fundadas e as mais antigas ganham maior vigor com a chegada das linhas férreas, construção de hotéis, ruas calçadas, instalação de iluminação nos espaços públicos e outros:

A expansão da malha ferroviária e a prosperidade resultante dos capitais acumulados pelos cafeicultores tiveram papel essencial na urbanização e no desenvolvimento das indústrias no Brasil. [...] Muitas cidades foram fundadas e outras mais antigas ganharam novo vigor com a chegada das linhas férreas. Foram construídos hotéis e instalados postes de iluminação, as ruas foram calçadas e outras melhorias urbanas foram implantadas. Essas melhorias frequentemente eram financiadas pelos “barões do café”, que passaram a habitar mansões construídas nas cidades, de onde podiam administrar seus negócios. (PELLEGRINI; DIAS; GRINGERG, 2015b, p. 265).

No livro do 9º ano, notamos que, mesmo com poucas referências a cidades específicas, há vários destaques para o cotidiano de cidades brasileiras. Apresenta-se as reformas realizadas nas maiores cidades do país no século XX, que tinham como objetivo modernizar e civilizar os brasileiros mostrando que, para isso, os governantes se inspiraram nas principais cidades europeias. O livro também traz exemplos de como os encanamentos de água, gás e os novos meios de comunicação provocaram profunda transformação na vida dos habitantes das cidades. Além disso, apresenta rapidamente como eram os bairros operários nas cidades industriais, o cotidiano dos afro-brasileiros nas cidades, as cidades no pós-guerra

e construção de Brasília-DF. Para maior apropriação do conteúdo pelos alunos, o livro didático do 9º ano, traz fontes históricas que complementam suas informações, como é o caso da referência feita à “A República do Progresso”, de autoria de Iara Lis S. Carvalho Souza:

O cotidiano foi sendo povoado pelo novo: usar uma máquina de escrever, ir ao teatro de variedades [...], ter tantos jornais à disposição, tomar o chá das cinco, acender a luz em casa, andar de bonde.

Também era novo lanchar [em confeitarias], ter um banheiro dentro de casa, com banho quente [...]. Eram tantas e sedutoras novidades que foram, assim, ingressando nos hábitos das pessoas. (PELLEGRINI; DIAS; GRINGERG, 2015c, p. 71).

No último capítulo, “O mundo contemporâneo”, os autores apresentam um texto sobre o crescimento urbano desordenado na atualidade.

Atualmente, no Brasil, mais de 80% da população vive nas cidades. Pessoas atraídas pelas oportunidades de emprego, serviços públicos, lazer e educação, disponíveis principalmente nas áreas urbanas, contribuem para o crescimento desordenado das cidades que não possuem a infraestrutura necessária para acompanhar o aumento populacional. (PELLEGRINI; DIAS; GRINGERG, 2015c, p. 314).

Quando o professor utilizar o livro didático como subsídio para as aulas, é preciso que deixe claro ao aluno que a história ali descrita não é uma reconstrução do passado, mas sim, representações que foram feitas com alguma intencionalidade. E, nessas representações, grande parcela da população ficou de fora, tendo suas histórias e lutas silenciadas. A história apresentada nos documentos oficiais e materiais pedagógicos, tanto em âmbito nacional, regional ou local, muitas vezes é a dos vencedores e não a dos vencidos.

1.2 História da cidade no espaço escolar

No Colégio Estadual do Campo de Palmital, situado em Boa Esperança-PR não localizamos livros físicos referentes à cidade na biblioteca. Nos acervos das bibliotecas das escolas Municipais Olavo Bilac, Alessandra Bastida Mancin e no Colégio Estadual Vicente Leporace, também situados em Boa Esperança-PR, constam cartilhas e apostilas organizadas pelo poder público municipal. São materiais utilizados como fonte e referência para os estudos locais na cidade. As narrativas envolvem as histórias dos seus primeiros moradores, as imagens da primeira missa, dos primeiros carros, das fazendas consideradas importantes, enfim, envolvem a história dos que de, alguma forma, detinham o poder no período de formação da cidade.

No livro *Boa Esperança: Pioneiros e atualidades* (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA ESPERANÇA, 1986), apresenta-se homenagens aos antigos moradores, fotografias do

período de publicação da obra, realizações administrativas e publicidades. Consta, também, um pequeno livro, cujo título é *Histórias de Vida*, editado em 2008, onde os antigos moradores narram, em poucas linhas, os motivos que os levaram a migrar para essa região, como foi seu modo de vida e quando chegaram ao seu destino. Vários alunos se identificam com as histórias descritas nesse material, pois se reconhecem nas imagens, vinculam as histórias aos seus antepassados e reconhecem algumas personalidades das narrativas.

Em outras apostilas, elaboradas e distribuídas pelo município, intituladas *Boa Esperança, resgatando sua História* (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA ESPERANÇA, 2004) e *Boa Esperança, seu povo e sua História*, (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA ESPERANÇA, 2010), deparamo-nos com um conteúdo parecido com os dos outros materiais já citados, “a história dos primeiros”, religião, fotos de antigas estradas e construções, descrição dos feitos do poder administrativo. No entanto, também figuram os aspectos econômicos, geográficos, cívicos e culturais da cidade. Convém destacar que as escolas possuem mais exemplares dessas últimas apostilas, de 2004 e de 2010. Das demais, possuem apenas um exemplar nos referidos colégios. Dessa forma, essas duas apostilas são os meios pelos quais os professores iniciam os estudos sobre a cidade e os alunos, por sua vez, apropriam-se das informações oficiais para legitimar sua história e sua origem. Constam também nas escolas, algumas apostilas que foram organizadas para os alunos: arquivadas em disquetes e posteriormente impressas, receberam a denominação de *Boa Esperança: resgatando sua História* (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA ESPERANÇA, 2007). Apresentam de forma breve os mesmos temas dos outros materiais, exceto as fotografias, que não são apresentadas.

Merece destaque, entre os materiais disponíveis para pesquisa nas instituições escolares da localidade, a monografia de Marta Lino Duminelli (1997), *História de Boa Esperança: a História em movimento*, o primeiro material de cunho acadêmico-científico escrito sobre a cidade. A autora informa que, por ser o primeiro trabalho realizado sobre Boa Esperança-PR, sua originalidade “repousa na ausência de documentos e no desinteresse por parte dos governantes e comunidade” (DUMIELLI, 1997, p. 7). De qualquer modo, o material serve de referência e trata dos mesmos temas que as apostilas citadas anteriormente, e além de enfatizar “os primeiros”, aspectos culturais e geográficos, apresenta um quadro informativo da Educação Municipal naquele momento.

Durante os anos de 2010 e 2011, o professor João Luiz Pasti (2010) desenvolveu como parte do trabalho de Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) o material intitulado *Boa Esperança-PR: A modernização da agricultura e suas implicações no*

desenvolvimento local. Tanto o caderno de atividades como o artigo apresentado pelo professor, apresentam informações relevantes sobre a formação, a demografia e aspectos geográficos de Boa Esperança-PR, além de atividades que podem ser utilizadas e adaptadas por outros professores que trabalham com a história da cidade.

Os professores e alunos de Boa Esperança-PR têm acesso aos materiais descritos acima, que servem de apoio para atividades de pesquisa e análise. No que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental, o tema história “cidade” envolve representações do bairro em que os alunos moram, dos pontos específicos da cidade que consideram importantes, dos diálogos com familiares acerca das vivências, a gênese familiar e de quando chegaram à região e à cidade. Os professores de Geografia e História enfatizam esse tema a partir dos elementos geográficos, econômicos, culturais e históricos.

Para melhor fixação e compreensão do proposto, os educandos finalizam essa atividade colorindo e destacando a cidade de Boa Esperança-PR, seus rios e os municípios limítrofes. Os educandos também confeccionam mapas diversos, tais como, mapa político e mapas mentais da cidade, onde são representadas o caminho da escola, da casa dos avós, dos coleguinhas e do mercado, por exemplo - elementos que, muitas vezes, são insignificantes para alguns, podem trazer novas significações e representatividade para outros. A partir dessa junção de atividades e investigações, são realizados exercícios no caderno, debates em sala e exposição do que foi levantado⁵.

Um importante recurso metodológico, que ainda é pouco utilizado nas escolas, mas que é de grande valia para conhecimento e o aprofundamento da localização espacial da cidade, país e estado, regiões limítrofes e organização física, são as plataformas online de georreferenciamento, como o Google Earth e o Google Maps⁶. Geralmente, por questão de disponibilidade e praticidade, os materiais de apoio utilizados para o estudos de tais aspectos são as apostilas, que são complementadas com o uso de mapas físicos do Brasil e do Estado do Paraná. O objetivo é o de permitir aos alunos localizarem-se e posicionarem-se no espaço geográfico.

Alguns professores utilizam os mapas mentais, que possibilitam aos alunos incluírem, em tais mapas, elementos subjetivos, os quais, muitas vezes não estão presentes nos mapas tradicionais (RICHTER, 2011, p.125). Os mapas mentais servem para orientar a consciência espacial dos alunos e auxiliam o professor na averiguação de como o espaço

⁵Informações adquiridas por meio de conversas com alguns professores do Ensino Fundamental da cidade de Boa Esperança-PR e do perfil no *facebook* da Escola Municipal Alessandra Bastida Mancin: <https://www.facebook.com/alessandra.mancin.7121>.

⁶As possibilidades de uso desses recursos em sala de aula serão apresentadas no último capítulo.

vivido é apreendido. Ao trabalhar com esse recurso, o aluno faz representações dos lugares conhecidos, de espaços vividos, de localidades espaciais, de espaços formados a partir de acontecimentos vivenciados ou divulgados nos meios de comunicação.

Quando falamos em mapas mentais, recurso utilizado em várias disciplinas, mas principalmente na Geografia, é imprescindível trazeremos o exemplo das atividades realizadas por Trostdorf, Archela e Gratão (2003), com crianças e adolescentes de nove a quinze anos de idade, na cidade de Cambé-PR. As atividades envolveram etapas de representação do lugar central da cidade, conversas informais, avaliação, leitura e interpretação das representações elaboradas. Ao analisar os trabalhos, foi visível, à professora, o quanto os estudantes têm pontos em comum da cidade (principalmente a igreja). Por outro lado, outros pontos da cidade com menor simbologia de coletividade e de poder aparecem apenas em alguns desenhos e estão direcionadas às relações individuais de cada aluno com a cidade. Além disso, os mapas mentais representam elementos essenciais relacionados à cartografia, como sua forma de expressão e linguagem gráfica, oportunizando ao professor maior conhecimento da noção de lugar espacial e até mesmo do lugar social de seu aluno.

Ao trabalhar a história de Boa Esperança-PR, os professores também realizam as chamadas saídas de campo, nas quais se observa a história implícita em cada esquina, em cada prédio municipal ou habitação comum. Essa atividade é bastante apreciada pelos alunos, pois, além de “fugirem” do habitual, podem observar os limites da cidade, o relevo, os rios, etc. Acrescente-se ainda que a saída de campo propicia ao estudante o desenvolvimento do olhar histórico sobre parte da realidade. O aluno identifica elementos culturais, as transformações históricas do meio urbano, isto é, entram em contato com as construções públicas, as praças e as ruas com nomes de personalidades que foram importantes para a história e para a memória da cidade de Boa Esperança-PR. Muitas vezes, antigos moradores são convidados para falar com os estudantes sobre suas histórias de vida e suas vinculações com o meio rural e urbano.

Atualmente, a cidade de Boa Esperança-PR conta com o Museu Municipal e com a Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, a qual nos dedicaremos mais profundamente no terceiro capítulo. Nesses espaços, vemos a história da cidade representada por meio da fotografia, entre outros meios. Notamos que grande parte dessas imagens estão relacionadas às pessoas e aos espaços, que, de alguma forma, estão vinculados ao poder público. Em menor quantidade, observa-se a representação fotográfica de moradores que, mesmo não fazendo parte dos setores administrativos, tiveram participação no processo de formação e foram autores de ações realizadas na cidade.

Essa representação faz com que, mesmo de forma inconsciente, as pessoas que tiveram menos ou nenhuma influência em questões políticas e administrativas no município se sintam importantes e ativas no processo histórico da formação da cidade. Outras imagens que têm destaque no espaço da Casa da Cultura são aquelas que demonstram o Lago Municipal. Ele é considerado como um cartão postal da cidade. Tem valor especial aos estudantes e aos habitantes de forma geral, pois é um ambiente propício para momentos de lazer, observação da fauna e da flora locais, serve para estudos, piqueniques, caminhadas e, além disso, é um marco que representa a prosperidade da cidade.



Figura 6. Fotografia do período de construção do Lago e da obra finalizada (2003 e 2015).
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

Os professores que se disponibilizam a trabalhar com a história da cidade fora da sala de aula levam os alunos para esses espaços para que eles melhor compreendam os processos de permanências e transformações do espaço urbano. É importante destacar que muitos alunos passam diariamente pelas fotografias expostas na Casa da Cultura. No entanto, como elas representam um tempo pretérito ao seu, geralmente são ignoradas. A partir do momento em que os educandos olham aquelas imagens concomitantemente às explicações apresentadas pelo professor e às informações levantadas por eles próprios, passam a perceber que, mais do que uma espécie de enfeite ou objeto decorativo, aquelas imagens têm a função, voluntária ou involuntária, de juntar várias memórias e formar uma identidade comum ao narrarem a história da cidade de Boa Esperança-PR.

Um dos fatores que dificultam o trabalho de diversos professores em relação à história da cidade é o fato de que, muitas vezes, eles não lecionam na cidade em que residem. Assim, têm pouco conhecimento dos aspectos específicos e culturais da localidade a que seus alunos pertencem e da escola em que trabalham. Ao fazer o levantamento de aspectos quantitativos e geográficos sobre a cidade, esses educadores encontram muitas informações em arquivos, sites e livros. No entanto, quando se trata de algo mais subjetivo, aspectos culturais, linguísticos e simbólicos o educador, além de buscar referências nesses arquivos, deve ficar ainda mais atento às experiências e fatos relatados por seus alunos e pela comunidade.

Estudar a cidade faz com que alunos tenham um olhar mais atento para suas belezas e mazelas, de forma que, ao transitarem por seus espaços, são levados à reflexão e a questionamentos para identificar suas origens. Na proposta de trabalho com cidades, o professor assume o papel de pesquisador, pois ele deve buscar os conhecimentos preliminares para aprofundá-los com a turma.

Possamai (2010), em *Cidade: escritas da memória, leituras da história*, considera que a cidade é uma imagem, uma escrita sobre o espaço que se dá em linhas tortuosas, descontínuas, inacabadas. A autora propõe caminhar pelos bairros e ruas da cidade fora do percurso cotidiano das multidões, observando as práticas urbanas cotidianas com o intuito de ler a rua onde se mora, as árvores, os jardins das casas ou dos condomínios, os riachos, as vielas asfaltadas e as que têm pouca movimentação de automóveis.

O trajeto da casa para a escola, quantos milhares de elementos guardam escondidos? A primeira ida ao Centro da cidade, quantas emoções e impressões proporcionaram? As compras no Mercado Público na companhia do pai ou do avô, quantas coisas olhadas e guardadas? As histórias contadas pela avó, quanta emoção e surpresa? E os jogos de bola no campinho? Enfim, são inúmeras as possibilidades de ler a cidade ao caminhar, e este ato reveste-se de uma importância singular quando os passos são dados por nossos próprios pés. E, ao andar, descobre-se a possibilidade de construir nossas memórias e a da nossa cidade (POSSAMAI, 2010, p.218).

Olhar o espaço geográfico como um objeto investigativo é estar sensível ao fato de que ele sintetiza propostas e intervenções sociais, políticas, econômicas, culturais, tecnológicas e naturais de diferentes épocas, estabelecendo um diálogo entre os tempos da história. Como já observamos, na realização das atividades com história local, os estudantes têm contato com moradores da região, de modo que a linguagem local, as vivências específicas, os costumes, a hospitalidade ficam gravados em suas lembranças.

Observamos em sala de aula, nos textos e nas propostas de trabalhos apresentadas anteriormente, que inicialmente os alunos não percebem que também são construtores da história, pois a história ainda é vista por eles da maneira tradicional: os fatos são dados prontos e acabados no material didático. Quando relatam sobre sua cidade, apresentam a história consagrada e apresentada pelo poder municipal, desconsiderando as outras histórias que fazem parte da localidade.

No entanto, quando a história local é trabalhada partindo-se do presente e os educadores buscam fontes diversificadas, novas visões e novas memórias dão voz a novos personagens históricos. Desse modo, partindo do contexto dos alunos e os inserindo em pesquisas históricas que fazem parte do cotidiano de sua família e de seu bairro, o professor dá oportunidade aos educandos de constatarem que a disciplina de História trabalhada em sala de aula está em constante construção e vai muito além de datas e fatos nacionais. Assim, os alunos percebem que a história é feita cotidianamente, por eles mesmos e por outras pessoas comuns. Ela é feita nas praças, nas construções, nas esquinas e nas ruas da cidade. Compreende-se que voltar o olhar para o meio e para as linguagens presente no cotidiano do aluno pressupõe uma escola que contemple a formação integral do indivíduo.

CAPÍTULO 2

CIDADE, FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA

No decorrer da prática docente, muitos educadores são questionados sobre os motivos e intencionalidades do ensino de História. Para responder esses anseios, dar créditos e valorizar a disciplina, cabe ao professor apresentar os objetivos da aprendizagem histórica e, durante sua docência, demonstrar a relação entre conteúdo estudado e a realidade do aluno, bem como ser o mediador no processo de aquisição dos conhecimentos necessários para que o estudante tenha condições de pensar historicamente e compreender a narrativa histórica.

Assim, os educadores buscam caminhos para o que o ensino de História auxilie na construção de aprendizados significativos, transmitindo aos alunos, instrumentos que lhes possibilitem conhecer o mundo e o modo como estão inseridos nele. Atendendo a essas necessidades, o trabalho com fontes históricas e com conteúdos próximos da realidade dos educandos são importantes aliados para despertar o interesse e a participação nas aulas de História, além de oportunizar que os estudantes problematizem e busquem respostas para temáticas apresentadas pelos professores.

Partindo desses princípios, observamos a necessidade e a possibilidade de trabalhar a história das cidades no Ensino Fundamental. Para que ocorra maior interação e apropriação do conteúdo pelos educandos, é imprescindível a utilização de fontes e documentos históricos ao trabalhar tal temática. Nesta proposta, especificamente, nosso foco esteve voltado para fotografias oficiais, que, expostas em espaços públicos, têm como objetivo narrar à história da cidade de Boa Esperança-PR.

No presente capítulo, apresentaremos discussões sobre a historiografia das cidades e da fotografia, apresentando, assim, respaldos teóricos utilizados nesta pesquisa. Por meio dessa fundamentação teórica, buscaremos responder os seguintes questionamentos, que consideramos essenciais no início e durante o processo pedagógico: de que maneira, fotografias da cidade, organizadas em espaços públicos, podem ser utilizadas no ensino escolar para analisar e representar a legibilidade e imaginabilidade urbana? Como podemos, por meio dessas imagens, trabalhar diferentes conceitos, noções de tempo, identidades e outros temas implícitos quando falamos de cidades?

O estudo da história da cidade pode ser utilizado com o intuito de contribuir com o desenvolvimento escolar, pessoal e crítico dos alunos. As cidades fazem parte de seu cotidiano e é nelas que se concentram os diferentes modos de vida, de costumes, de trabalho,

de sociabilidades e de vestígios históricos deixados por diferentes sujeitos. As cidades são como um grande museu a céu aberto, com suas inúmeras histórias. Para ter acesso a elas, podemos vasculhar cadernos, livros didáticos, romances e novelas, cujos enredos tratam de alguma rua conhecida ou de algum personagem que motivou a estátua do centro da praça (VARGAS, 2010, p. 283).

Uma determinada cidade, de qualquer dimensão e em qualquer lugar, é o resultado de todas as cidades pretéritas, que foram reconstruídas, destruídas e modificadas pelas transformações sociais, culturais e temporais. As cidades podem ser consideradas como uma escrita sobre o espaço. Esses espaços são lugares de revelação onde os habitantes geram sentidos aos bens patrimoniais produzidos, consequentemente deixando marcas que narram percursos de diferentes grupos sociais e a disputa por suas memórias em diferentes espaços citadinos.

Podemos dizer que as cidades são escritas a todo instante. Cada transeunte, ao adentrar em seus territórios, deixam marcas, e, por mais efêmeras que sejam, tais marcas fazem parte da representação da cidade num dado instante. Certeau (1998) defende que caminhar e moldar percursos é como moldar frases. Os passos tecem lugares, moldam espaços e esboçam discursos sobre a cidade. É como o ato de falar, uma enunciação, pois o pedestre se apropria do sistema topográfico e se relaciona com os lugares por meio dos movimentos, assim como nós fazemos ao falar. Cada passo, assim como cada enunciado traz consigo marcas individuais, que são transformadas em um texto único, escrito por cada sujeito na cidade.

Os caminhos percorridos pelos estudantes tecem inúmeras histórias. É importante que a escola dê oportunidades pedagógicas para que eles percebam e tenham consciência disso. Existem caminhos que fazem parte de sua trajetória que guardam histórias de anos, décadas, séculos, e, ainda continuam sendo escritas diariamente por cada um que percorre estes lugares.

São as caminhadas do cotidiano, juntamente com observações de locais públicos e privados que ajudam construir o discurso da cidade. Obras são construídas, espaços de encontros são criados, registros visuais são produzidos e novos elementos são inseridos nos ambientes citadinos. Diversos fatores interferem na imaginabilidade, legibilidade e visibilidade da cidade, o que, consequentemente modificam, acrescentam ou negam aspectos importantes no discurso da cidade.

Muitas vezes, as transformações advindas da modernidade ocorrem de forma tão intensa que sociabilidades e materialidades do passado são apagadas. Fotografias e memórias

são tudo o que restam de determinados pontos da cidade. Seus habitantes têm necessidade de história, assim, constroem centros de memórias, museus, criam heróis, mitos fundadores, atribuem significados e tradições, compondo um imaginário da criação da cidade. Desse modo, ela está sempre explicando seu presente por meio dessa construção de seu espaço-tempo.

A Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, Boa Esperança-PR, com suas paredes ornamentadas por registros fotográficos de distintas épocas, demonstra grande interesse em eternizar e tornar coletivas algumas memórias do passado. Pontos nodais, marcos, vias, limites e bairros, elementos básicos para a interpretação do urbano são constantemente imortalizados nesses registros memoráveis. Por meio da observação de tais registros, podemos observar aspectos que caracterizam o processo histórico da localidade retratada, como rupturas, mudanças e permanências.

As cidades são invenções humanas, obras que os homens não cessam de construir. São sempre representadas por seus habitantes tanto pela escrita, quanto pela fala, nas práticas cotidianas e pelos códigos de civilidade. Em diversos momentos, seus representantes sentem a necessidade de registrar, preservar, compartilhar suas mudanças, seu progresso e glorificar homens e mulheres influentes que fizeram parte deste percurso. Pesavento (2007) destaca que o registro dessas histórias, muitas vezes, foram feitos por “encomenda”, a partir de uma perspectiva quantitativa e evolutiva

Durante muito tempo, principalmente entre os séculos XIX e XX, momento em que a historiografia brasileira se dedicava a reproduzir os feitos dos grandes homens, as cidades eram mencionadas em textos como palco de acontecimentos: “cidades e suas fundações, cidades sedes do poder, cidades invadidas, cidades administrativas da riqueza local” (TERRA, 2012, p. 30). Essas descrições tendiam a ser informativas, narrando o crescimento da cidade, dados, fatos e nomes. Não estabeleciam reflexões maiores sobre o fenômeno da urbanização em si, e seus modos de vida, não despertavam interesse dos historiadores.

Um dos poucos materiais existentes e de suma importância para perceber esse período, é o texto do geógrafo Aroldo Azevedo, *Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. Azevedo (1992) apresenta o processo de urbanização do nosso país, que teve início de fato com a instalação das Capitânicas. A Vila de São Vicente foi a primeira vila instalada oficialmente no Brasil, no ano de 1532. Ao longo do século XVI, soma-se um total de 14 vilas e três cidades instaladas nos territórios brasileiros, geralmente localizadas à beira-mar, pois os colonos eram dependentes de mercadorias e de informações trazidas por Portugal. Desse modo, a fixação de aglomerados urbanos junto às águas do Atlântico era um fator de sobrevivência.

Sposito e Jurado da Silva (2013), ao descreverem a formação de cidades em outros países e em outros continentes, demonstram que o caráter teocrático das primeiras cidades e suas localizações próximas a rios não são características exclusivas do Brasil, mas constituem características comuns em diversas localidades. “As primeiras cidades tiveram suas localizações determinadas pelas condições naturais, de um momento histórico, em que o desenvolvimento técnico da humanidade ainda não permitia a superação destas imposições”. (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p.18).

A partir do século XVII, a urbanização já não ocorria exclusivamente na orla atlântica, mas adentrava pelos territórios brasileiros. Quando o Brasil se tornou Império, em 1822, seu panorama urbano era composto por 12 cidades e 213 vilas. A Bahia, com suas 40 vilas - 18% do país - foi considerada por Azevedo (1992) como a província mais urbanizada do país. Em seguida, destacava-se São Paulo, com 31 vilas; Ceará, com 18; Rio de Janeiro, com 17; Minas Gerais, com 16; Pará, com 11; e Pernambuco, com 10 (AZEVEDO, 1992). Esses aglomerados urbanos tinham principalmente a função comercial e a função religiosa.

Entre os anos 1960 a 1980, estudos realizados no Brasil, na linha econômico-social, inspirados no materialismo histórico, apesar de não se intitularem como histórias urbanas, descreviam e problematizavam as cidades devido ao fato de que nelas ocorriam as relações capitalistas, os processos de dominação, subordinação e o confronto entre classes sociais. O espaço citadino, de intensas transformações econômicas e sociais, foi o campo de estudos para urbanistas, economistas, antropólogos, sociólogos, geógrafos e historiadores, e auxiliam a compreender a vida urbana nesses períodos. A partir dos anos de 1990, as cidades se tornam objeto de reflexão e passam a ser estudadas a partir do imaginário criado sobre ela, no ser e estar na cidade.

Essas características, referentes à formação das primeiras cidades, geralmente são apresentadas brevemente nos livros didáticos. Entretanto, quando na abordagem de tais conteúdos, há uma contextualização com a cidade do aluno e com sua própria realidade, os educadores oportunizam e dão condições para os estudantes perceberem que a história não é única ou inexorável, mas tem diversas formas de abordagens, é estreitamente ligada com a atualidade e é apresentada de forma diferenciada, conforme o olhar, a vivência e intencionalidade dos que a descrevem.

Assim como os educandos, as pessoas que transitam pela cidade e habitam-na produzem nela sua vida cotidiana: nela atuam e exercem suas atividades diárias, e são essas atividades que orientam a produção do espaço urbano. A circulação de pessoas, de objetos e de moradia são elementos que fazem parte da dinâmica interna da cidade. Para que ocorra

vida nas cidades, é necessário que pessoas e objetos circulem por sua malha viária, fazendo parte de sua produção (CAVALCANTI, 2008, p.85).

O urbano está vinculado de forma concreta à dinâmica do desenvolvimento. Ele não é algo definido, pronto e acabado. O mundo urbano é construído pelo homem, está em constante mudança. A cada geração ele inova, transforma, “se aperfeiçoa”, é impregnado pelas profundas marcas do tempo. Nele se concentram instrumentos de produção, é lugar de trabalho, de lazer, de estudo, de trabalhadores, de trocas, enfim, de tudo o que é necessário para a vivência humana. É importante destacar que, de acordo Cavalcanti (2008), há distinções entre os conceitos de espaço urbano e cidade:

[a] cidade é a forma, é a materialização de determinadas relações sociais que se materializam no espaço. Porém, não se pode fazer uma separação absoluta entre espaço urbano e cidade, assim como, numa análise dialética, não se pode fazer uma separação absoluta entre forma e conteúdo- há entre as duas categorias uma relação de interdependência dialética. Maria Adélia A. de Souza (1999) faz referência à interdependência, mas alerta que é fundamental distinguir os dois conceitos: ‘a cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim, a materialidade visível do urbano, enquanto este é o abstrato, porém o que dá sentido e natureza à cidade’ (p. 66)

Os espaços urbanos são produtos do trabalho e da divisão técnica de seus habitantes, é onde estão reunidas as condições necessárias para o desenvolvimento do capitalismo, onde fundem-se os interesses do Estado, do capital e da luta dos moradores pelo direito à cidade. “É materialização de relações de história dos homens, normatizada por ideologias; é forma de pensar, sentir, consumir; é modo de vida, de uma vida contraditória” (CARLOS, 2015, p. 26).

As cidades são sinônimas de *sociedade*. São lugares de concentração populacional que cumprem plenamente o sentido de habitar. “Cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais” (PESAVENTO, 2007, p. 14). Ela é artefato, foi fabricada materialmente e historicamente produzida. Assume formas específicas de acordo com as diferentes etapas do processo histórico e está sempre em articulação com um processo social mais amplo. É campo de forças, um lugar de intensa luta de classes e realização humana. Seus espaços são construídos por forças econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais e culturais.

A cidade se revela por meio dos sentimentos proporcionados a seus habitantes, das emoções do viver no urbano. Seus habitantes se deparam com os valores urbanos, que são valores impostos pela sociedade, e, por meio deles, as pessoas são tratadas de forma diferenciada, de acordo com o lugar em que residem e com os bens materiais que possuem

(CARLOS, 2015) Os espaços públicos, como parques, praças e ruas são considerados os lugares mais democráticos, pois, independentemente das condições sociais, impostas pelos “valores urbanos”, todos os moradores, teoricamente, tem acesso a esses espaços.

[...] A cidade é, antes de mais nada, trabalho objetivado, materializado, que aparece através da relação entre o “construído” (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças) e o “não construído” (o natural) de um lado, e do movimento de outro, no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias. A paisagem traz as marcas de momentos históricos diferentes produzidos pela articulação entre o novo e o velho (CARLOS, 2015, p. 50).

São nas cidades que diferentes grupos sociais convivem e imprimem suas marcas. Nas ruas, praças, casas e prédios, o passado das cidades se faz presente. Essas paisagens urbanas são referenciais de memórias que fazem a ligação entre passado e o presente, possibilitando que o sujeito construa sentimentos de pertencimento à história da cidade. Uma “relação de pertença (...), [são] mecanismos nos processos de identidade que nos situam no espaço, assim como a memória nos situa no tempo” (MENESES, 1996, p. 6).

É possível tomar a cidade como espaço educativo, um laboratório de aprendizagem, onde professores e alunos interrogam diferentes tipos de fontes, para conhecimento, interpretação e valorização dos lugares onde vivem. Todas as cidades, de fato, apresentam-se ricas em termos de história e memória. Seus lugares são formados por histórias fragmentadas e isoladas que estão à espera de alguém que as interroguem.

Primar pela Educação pautada por uma cidadania ativa é tentar desconstruir o que normalmente tem sido ensinado nos currículos escolares a respeito da cidade e que, na maioria das vezes, se restringe às comemorações da data de fundação, ao destaque para determinadas etnias formadoras em detrimento de outras culturas e ao enaltecimento de registros e bens culturais de cunho elitista, entre outros, que pouco ou nada acrescentam de significado aos seus moradores (FRAGA, 2012, p. 453)

Um modelo de proposta sobre as inúmeras possibilidades de exercer a cidadania nas cidades é *A carta das cidades educadoras* (ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE CIUDADES EDUCADORAS, 2004) apresentada inicialmente no 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, em Barcelona, em novembro de 1990, e que enfatizava as possibilidades educadoras das cidades. O documento destaca que as cidades, no exercício de suas funções, devem garantir qualidade de vida a todos seus moradores, tendo em vista o desenvolvimento dos seus habitantes, preservando a harmonia e oportunizando respeito entre as diversidades, de forma que proporcione a todos, o direito de desfrutar das mesmas

condições de igualdade e liberdade. Segundo a *Carta*, o direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação.

Atualmente, a rede de cidades educadoras conta com 476 cidades em 37 países, que fazem parte de uma organização internacional, denominada Associação Internacional de Cidades Educadoras. No Brasil, 15 cidades fazem parte desta associação, sendo elas Belo Horizonte-MG, Caxias do Sul-RS, Guarulhos-SP, Horizonte-CE, Mauá-SP, Nova Petrópolis-RS, Porto Alegre-RS, Santiago-RS, Santo André-SP, Santos-SP, São Bernardo do Campo-SP, São Carlos-SP, São Paulo-SP, Sorocaba-SP e Vitória-ES.



Figura 7. Mapa das Cidades Educadoras.

Fonte: <http://www.edcities.org/mapa-de-las-ciudades-asociadas/>.

Nos três princípios descritos na *Carta*, “O direito a uma cidade educadora, O compromisso da cidade e O serviço integral das pessoas”, são ressaltados a intencionalidade educativa das políticas públicas que ocorrem na cidade e o papel relevante da escola na construção de cidades educadoras. Estas cidades desenvolvem projetos interessantes e diversificados, que ampliam o conceito do fazer educativo para além das questões explícitas no currículo escolar, integrando-o ao contexto local.

Apesar de ser uma associação em que somente as cidades devidamente inscritas podem participar ativamente dos encontros e expor suas experiências educativas, é possível que outras localidades acompanhem os eventos pelos sites, e utilizem os modelos e princípios seguidos pelas Cidades Educadoras, propondo atividades que visem à formação humana baseadas nos valores, respeito, tolerância, responsabilidade e no interesse pelos bens e serviços do setor público.

Desse modo, como já descrevemos anteriormente, o tema cidade pode ser trabalhado nas escolas de várias maneiras, seja em disciplinas específicas, através de propostas interdisciplinares, nas discussões sobre os diferentes modos de vida, na observação dos espaços urbanos, de fotografias, e até mesmo por meio da relação do estudante com os espaços citadinos. Nas atividades com tal temática realizadas com alunos do Ensino Fundamental na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, os estudantes observaram e questionaram diversos documentos e monumentos pertencentes à cidade, pois cada edificação construída, cada fotografia ou cada objeto preservado, descreve discursos intencionais ou não, que podem ser compreendidos de formas diferenciadas por cada observador.

Cavalcanti (2008), destaca que trabalhar conteúdos referentes à cidade favorece o exercício da cidadania e a luta pelo direito à cidade. A cidadania se aprende e, sem essa aprendizagem, a cidade torna-se impalpável. O cidadão democrático, consciente de seus direitos, precisa conhecer a cidade, decifrar seus símbolos, para que possa lutar e conquistar seus direitos cívicos, sociais e cumprir com seus deveres, pois a luta pelo direito à cidade é um exercício da cidadania (CAVALCANTI, 2008, p. 53). Essa obra de Cavalcanti é voltada para a Geografia, no entanto, pode ser utilizada por profissionais de outras áreas que tenham interesse em trabalhar com a referida temática.

Os professores têm diversas possibilidades de realizar atividades com a temática cidade. Apresentamos como exemplo o trabalho de PDE da professora da rede básica de educação Giovana Gonçalves da Maia Krul (2009), que realizou pesquisa com estudantes do Ensino Médio, tendo como objetivo trabalhar as percepções ambientais da cidade de Bituruna-PR. A proposta estimulou, também, a pesquisa em História Ambiental, com a percepção de mudanças e de permanências, possibilitando que os alunos se reconhecessem enquanto sujeitos históricos.

Para realização da atividade, a professora e os educandos partiram da análise do Álbum Photographico e Descritivo da Colônia Santa Bárbara e do Álbum de Fotos da Prefeitura Municipal de Bituruna. Krul (2009) pondera que as imagens dos álbuns têm como pano de fundo o interesse pela propriedade privada da terra e a intervenção humana na natureza. Consequentemente, por meio das memórias pessoais dos envolvidos na pesquisa, das memórias de seus familiares, dos álbuns fotográficos citados acima e dos álbuns de suas famílias, os alunos constataram as mudanças na imagem da cidade, principalmente em relação às vegetações, que foram derrubadas durante o processo de colonização, momento em que a ruralidade perdia espaço para a urbanidade.

Antigos caminhos foram substituídos por rodovias pavimentadas. O cemitério ocupou uma área de cultivo. O contraste entre a igreja e uma serraria que ocuparam sempre o mesmo lugar. Estruturas mais modernas como as do Ginásio de Esportes, Colégio Estadual, comércio e posto de Saúde. Locais que se transformariam em bairros. Grandes áreas vegetadas foram transformadas em lavouras e acabaram engolidas pela cidade (KRUL, 2009, p. 15).

Entre as atividades realizadas, foi idealizado um caleidoscópio fotográfico, com o intuito de estimular a compreensão por parte dos alunos das principais modificações e das transformações ocorridas na paisagem da cidade. Destacamos que a autora não trabalhou apenas as mudanças, mas também permanências, considerando as várias áreas florestais que permanecem no entorno da cidade. Outra questão trabalhada foi a relação entre o município de Bituruna-PR e o Brasil, mostrando aos educandos que não há um isolamento completo de uma região, mas que todas as mudanças vivenciadas por diferentes localidades são parte de um processo mais amplo, interligado com o nacional e com o global.

Entre os materiais utilizados para realização desse projeto, destacam-se os álbuns fotográficos oficiais, tanto o Álbum Photographico e Descriptivo da Colônia Santa Bárbara, como o Álbum de Fotos da Prefeitura Municipal de Bituruna. As imagens foram produzidas com um determinado discurso, com o intuito de demonstrar a riqueza da natureza, o progresso pelo qual a região estava passando, e, conseqüentemente, foram produzidas para atrair pessoas interessadas em comprar terrenos e fixar residência na região, cujo fácil acesso era observado nas fotografias, além de haver terras produtivas e uma promessa de futuro próspero.

A professora Krul e seus alunos tiveram acesso a essas fotografias oficiais da época da origem da cidade. A seguir, observaram e interrogaram sobre a forma como a localidade estava representada em tais documentos. Por meio da percepção das fotos, os estudantes perceberam que, muitas vezes, os discursos e legendas que acompanhavam os registros fotográficos foram manipulados, apresentando uma imagem em que os interesses dos beneficiados pelo processo de colonização ficaram mais evidentes do que o retrato real da região colonizada.

Atividades como estas possibilitam que os educandos realizem análises e recorram à memória de seus familiares para compreender e conhecer a história dos lugares em que residem. Analisar o ambiente citadino, composto pela convivência e superposição de diversas camadas temporais, permite a realização de inúmeros exercícios de críticas, interpretação e percepção dos modos de vida e da cultura da comunidade (XAVIER, 2010, p. 260).

Como as cidades são produtos de diversos tempos e de muitos construtores, suas partes estruturais são modificadas com frequência, o que conseqüentemente altera a forma

como elas são vistas e imaginadas. Lynch (1997) nos auxilia a compreender como a cidade é percebida pelos seus habitantes. Para tanto, Lynch (1997) realizou um extenso estudo em três cidades norte-americanas, Boston, New Jersey e Los Angeles, no qual analisa as partes constituintes, imaginabilidade e fisionomias das cidades. Esta é uma das obras mais conhecidas e influentes na área do Urbanismo, e leitura primordial para os que desejam realizar estudos relacionados às cidades.

Olhar para a cidade pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. O design de uma cidade é, portanto, uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequências controladas e limitadas das outras artes temporais, como a música, por exemplo. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as consequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas. A cidade é vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis (LYNCH, 1997, p. 1.).

A imaginabilidade, legibilidade e a clareza são qualidades visuais nas quais Lynch (1997) se dedicou neste material. Estas qualidades proporcionam visibilidade na paisagem das cidades, facilitando a forma em que suas partes são organizadas e posteriormente reconhecidas. Um ambiente legível oferece segurança, permite uma locomoção mais fácil e serve como um lugar de referências aos transeuntes. O conceito de “imaginabilidade” é proveniente da forma, cor e outras características que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente. Os termos legibilidade e imaginabilidade estão ligados entre si, produzindo imagens mentais claramente identificadas, bem estruturadas e úteis ao ambiente.

Perceber esses conceitos em atividades de análise e observação do espaço citadino seja através de fotografias, mapas mentais ou relatos discursivos, é fundamental para compreender como os moradores apreendem a cidade. Para tanto, Lynch (1997) definiu cinco elementos estruturais, que fazem parte constituinte do ambiente urbano. É relevante descrevermos e apresentarmos a seguir a definição destes elementos, pois são eles que acarretam na formação das imagens da cidade, sejam elas positivas ou negativas.

Vias. As vias são os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. [...]

Limites. Os limites são os elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. [...] para muitos esses elementos são importantes características organizacionais, sobretudo devido ao seu papel de conferir unidade a áreas diferentes, como no contorno de uma cidade por água ou parede.

Bairros. Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora [...].

Pontos nodais. Os pontos nodais são pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra [...].

Marcos. Os marcos são outro tipo de referência, mas nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, sinal, loja ou montanha. [...] Outros marcos são basicamente locais, sendo visíveis apenas em lugares restritos e a partir de uma certa proximidade. São eles os inúmeros anúncios e sinais, fachadas de lojas, árvores, maçanetas de portas e outros detalhes urbanos que preenchem a imagem da maioria dos observadores. São geralmente usados como indicadores de identidade, ou até de estrutura, e parecem tornar-se mais confiáveis à medida que um trajeto vai ficando cada vez mais conhecido. (LYNCH, 1997, p. 52-53)

É importante destacar que esses elementos não existem isoladamente em situações concretas. Como por exemplo, ao observarmos um bairro da cidade de Boa Esperança, por ele ser maior que os outros elementos, comportam um grande número de vias, marcos, limites e pontos nodais. “Os bairros são estruturados com pontos nodais, definidos por limites, atravessados por vias e salpicados por marco” (LYNCH, 1997, p.54). A interpenetração e a sobreposição e a interpenetração destes elementos ocorrem regularmente.

À vista dessas considerações, ficou perceptível que as fotografias de Boa Esperança, expostas na Casa da Cultura, representam a imagem de uma cidade legível, de fácil imaginabilidade. A cidade possui bairros, marcos ou vias que são facilmente reconhecíveis. Esses conceitos, que foram analisados por estudantes do ensino fundamental serão descritos pormenorizadamente no terceiro capítulo. “Uma cidade altamente imaginável, nesse sentido específico (evidente, legível ou visível), pareceria bem formada, digna de nota; convidaria o olho e o ouvido a uma atenção e participação maiores” (LYNCH, 1997, p. 11). O conhecimento básico dos conceitos propostos por Lynch (1997) são fundamentais na realização das atividades de análises e na apreciação da própria cidade, pois eles nos orientam a constatar como as cidades estão organizadas e quão legíveis são os seus espaços.

2.1 Fotografia e História

Os avanços tecnológicos proporcionaram a criação de câmeras fotográficas cada vez mais compactas e acessíveis para a população. Esse progresso tem possibilitado e tornado cada dia mais comum o ato de fotografar distintos lugares, momentos e pessoas. Tal situação

se faz presente e influencia diretamente o cotidiano escolar. Na escola, grande parte dos estudantes possui algum dispositivo fotográfico, principalmente celulares com câmara.

Os celulares, *tablets* e computadores são equipamentos, de uso controlado e restrito em sala de aula, no entanto, quando autorizados e direcionados pelo educador, tornam-se grandes aliados pedagógicos. As Diretrizes para o uso de tecnologias educacionais do Estado do Paraná (PARANÁ, 2010) salientam que, em sua atuação, o professor é aquele que media e planeja a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que ajudam pedagogicamente o estudante no desenvolvimento da sua aprendizagem. (PARANÁ, 2010, p. 17) As Diretrizes do Ensino Médio também amparam a “[...] utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes” (DCMEM, 2011, p.38).

Foi partindo dessa premissa que propomos a utilização dos aparelhos celulares para o registro fotográfico na realização das atividades desta pesquisa, que envolve ensino de história das cidades, fotografia e centro de memória. Deste modo, consideramos essenciais que os estudantes tenham contato com a história da fotografia e com o papel que a fotografia tem na história. É necessário que os educandos percebam que as fotografias têm e contam várias histórias, e que muitas fotografias podem ser utilizadas também como um documento histórico. É importante indagarmos, o que faz ela se tornar documento? Como podemos utilizá-las para estudar um período, uma cidade, e até mesmo aplicá-las nas aulas de História?

Fotografar tem se tornado algo tão rotineiro na atualidade que poucas pessoas se atentam para as inúmeras pesquisas, descobertas e inovações que a fotografia teve até ser como a conhecemos. Ao trabalharmos com análises fotográficas em sala de aula, apresentamos processos básicos da fotografia, seus conceitos teóricos, práticos e também sua aceitação enquanto documento histórico.

A fotografia, ao ser inventada no século XIX, foi considerada como um retrato fiel da realidade. Porém, as escolas historiográficas tradicionais não a aceitavam como documento. Utilizavam-nas como fonte complementar, ilustração, prova ou testemunho, sendo que sua autenticidade dependia da confirmação em documentos escritos. Entretanto, com o novo viés historiográfico no século XX, novas fontes passaram a ser utilizadas, oportunizando que as imagens e fotografias obtivessem novo e importante papel como documentos históricos.

Os documentos, produzidos voluntária ou involuntariamente, são resultados de uma série de fatores da época e da sociedade que o produziram, resultando do esforço das mesmas para impor determinadas imagens de si próprias. Eles duram, ficam, mas o testemunho e

ensinamento que eles trazem não falam por si só. Devem ser em primeiro lugar analisados e desmitificado do seu significado aparente por quem as analisam. Cabe ao observador direcionar seu olhar às perguntas que gostaria que fossem respondidas.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (LE GOFF, 1990, p. 540).

Desse modo, também podemos ensinar História utilizando fotografias como fontes históricas. No entanto, seu uso deve ser em conjunto com outras fontes, o que possibilita conhecer outros elementos da imagem observada e o contexto de sua produção. As fotografias contribuem com a formação do imaginário da sociedade, são construídas para expressar relações ideológicas, sociais e políticas, assim, para entendê-las é necessário compreender por quem e por que foram produzidas. Elas devem ser analisadas e tratadas como vestígios que permitem compreender e elaborar a escrita histórica sobre determinado tema e período. As fotografias não podem substituir a narrativa histórica ou a historiografia, mas ela torna visíveis aspectos da realidade que não foram notados pelos historiadores. Capta o que textos escritos não podem transmitir, como certos rostos, determinados gestos, movimentos e situações (LOWY, 2009, p.13).

Vários materiais auxiliam professores, alunos e pesquisadores quando estes se propõem a estudar o passado através de fotografias. Os livros didáticos da coleção *Vontade de Saber*, analisados anteriormente, apresentam nos espaços de orientações, sugestões de como a imagem deve ser analisada, de modo que ela seja considerada de fato um documento e não apenas uma descrição do conteúdo escrito. Para que os objetivos propostos nas atividades com fotografias sejam alcançados, cabe ao professor orientar seus alunos na realização das mesmas, lembrando-os de que todas as fotografias são passíveis de manipulação, foram produzidas com alguma intencionalidade e representam o filtro cultural do momento em que foi produzida.

Assim como o documento escrito, a fotografia pode ser um poderoso aliado na formação dos alunos, tanto por seu caráter ilustrativo- ela pode ser utilizada para ilustrar um determinado período-, como por trabalhar com elementos visuais bastantes próximos ao referencial do aluno: a foto é um elemento presente em suas

vidas. Todos nós temos algum registro fotográfico de diversos períodos de nossas vidas: infância, reuniões de famílias, registro de viagens, passeios, etc. (CANO, 2012, p. 47).

O trecho citado orienta e incentiva os professores quanto à utilização de novas metodologias no ensino de História. Além de apresentar aspectos teóricos referentes à fotografia, Cano (2012) apresenta modelos de diversas sequências didáticas que podem ser utilizadas no ensino de História. Entre tais sugestões pedagógicas, destacamos uma intitulada *Descobrimo o bairro e a cidade*, em que o autor propõe a montagem de um painel fotográfico com as imagens da cidade. Esse material, com suas orientações e sugestões metodológicas diferenciadas, têm sido um ótimo aliado em nossa prática docente⁷, nos fornecendo embasamento teórico, orientação para as análises fotográficas e estimulado a criação de novas atividades, com o objetivo levar os alunos à reflexão sobre aspectos culturais, sociais e sobre o tempo histórico.

Também realizamos, com estudantes do Ensino Fundamental, atividades práticas relacionadas ao uso da fotografia no ensino de História. Além de utilizarmos os celulares e máquinas fotográficas para registros fotográficos de diversas partes da cidade, consideramos de fundamental importância que os processos técnicos utilizados na captura das primeiras imagens também fossem apresentados aos estudantes e executados por eles. Propusemos, para tanto, atividades com a câmara obscura, que propiciou, aos educandos, aprendizagens acerca da história e dos princípios básicos da fotografia.

Para confeccionarmos uma câmara escura/obscura, utilizamos uma caixa grande de papelão, com um pequeno orifício por onde penetravam os raios de luz refletidos nos objetos externos. Esses raios se projetam na parede oposta e produzem uma imagem invertida dos objetos. Na parte inferior da caixa fizemos uma abertura maior, para os estudantes colocarem a cabeça e, assim, observarem como a imagem era formada dentro da caixa. Foi uma experiência muito significativa, pois observar fragmentos da cidade por meio de uma técnica utilizada para registro de imagens em um período tão remoto foi uma práxis que possibilitou o contato de forma lúdica com a teoria passada em sala de aula.

A câmara fotográfica que conhecemos hoje tem formato baseado na câmara obscura. Destacamos que essa é uma invenção bastante antiga: há relatos de que, desde o século V a.c., os chineses já a utilizavam. Leonardo da Vinci (1452-1519) foi o autor das primeiras descrições sobre sua utilidade e, posteriormente, outras personalidades também a

⁷ Na realização das atividades descritas no terceiro capítulo.

descreveram, enfatizando, inclusive, sua importância como ferramenta auxiliar para o desenho (KOSSOY, 2006, p. 112-114).

A câmara obscura utilizada até o século XVI era um quarto escuro adaptado, onde os cientistas também realizavam suas experiências ópticas. No século seguinte, surgiram versões portáteis, que podiam ser transportadas de um lugar para o outro. Johann Chistoph (1676) descreve que na primeira câmara portátil foi colocado um espelho em seu interior, assim a imagem projetada refletia para cima. No início do século XIX, pesquisadores em diferentes lugares faziam diversas experiências, tentando tornar permanentes as imagens formadas no interior da câmara obscura. No Brasil, o francês Antoine Hercule Romuald Florence também se dedicou a realizar pesquisas referentes à fixação das imagens projetadas na câmara obscura e obteve êxito. No livro intitulado *Hercule Florence, a descoberta isolada da fotografia*, Boris Kossoy (2006) descreve sobre as experiências de Florence, na Vila de São Carlos, no interior de São Paulo em 1833.

É imprescindível que, ao trabalharmos com fotografia, transmitamos aos estudantes que ela não foi inventada por um único homem, mas sim por vários pesquisadores em lugares distintos. No interior do Brasil, em 1834, lugar de difícil acesso e distante das grandes pesquisas científicas, Florence denominou sua descoberta de *photographie*. Na França, o termo foi utilizado pela primeira vez anos mais tarde, em 1839, por Daguerre, que descreveu e apresentou ao mundo os processos que utilizou em suas fotografias. Florence não teve oportunidade de publicar suas descobertas antes de seu conterrâneo.

Há relatos, nos manuscritos de Florence, de que uma das maiores decepções de sua vida foi quando tomou conhecimento, por meio dos jornais, da descoberta de Daguerre na França, pois o mesmo resultado ele próprio já havia alcançado muitos anos antes, porém, distante do centro do mundo, não teve o reconhecimento merecido. O nome de Hercule Florence foi aceito como um dos “pais da fotografia” somente cerca de 140 anos mais tarde, depois de muito empenho por parte de seus descendentes. Boris Kossoy, no ano de 1976, levou para os Estados Unidos as experiências realizadas por Florence, que foram refeitas pelo Rochester Institute of Technology e comprovaram a autenticidade dos manuscritos.

Apresentamos esses fatos para os estudantes ao darmos início às atividades com as fotografias, pois consideramos conveniente que todos tivessem o conhecimento de que mesmo o Brasil Imperial, tão distante da avançada Europa, foi palco de invenções notáveis. Salientamos, entretanto, que pessoas com posturas etnocêntricas, comprometidas com a história oficial ainda manifestam desconforto diante da possibilidade de que, num lugar tão

remoto e exótico, ocorreram experiências precursoras com a fotografia (KOSSOY, p. 32. 2006).

A fotografia trouxe a possibilidade de conhecer localidades, aspectos culturais e situações que dificilmente seriam vistas e admiradas se aqueles momentos não tivessem sido “congelados” com a lente de um fotógrafo. Com o advento fotográfico, lugares e acontecimentos tornaram-se portáteis e ilustrados. Inicialmente, os registros fotográficos realizados no Brasil eram apenas retratos de pessoas, somente mais tarde, com a introdução de novas técnicas, outros temas passaram a fazer parte das lentes dos fotógrafos, como paisagens, hábitos, costumes e expedições científicas (MAUAD, 1990).

Os cartões postais tiveram grande importância na difusão da fotografia. Eram utilizados como meio de correspondência, como presentes e como objeto de coleções. O período entre os séculos XIX e XX “foi um momento de difusão de um imaginário construído a partir de imagens visuais fragmentadas” (CANO, 2012, p.51). Os cartões postais produzidos em São Paulo-SP na passagem do século XIX para o XX mostram as transformações físicas e culturais que a cidade sofreu, retratando os prédios, monumentos, avenidas, etc. Do mesmo modo, retratam a rápida mudança e a urbanização da sociedade brasileira, pois “desencadearam a necessidade de gerenciar a memória dessas transformações espaciais e das formas de sociabilidade urbanas ao longo do século XX” (MONTEIRO, 2006, p.12).

As máquinas fotográficas se popularizaram no século XX, fazendo com que os arquivos pessoais passassem a ser compostos cada vez mais de fotografias, perpetuando aspectos cotidianos, da vida urbana e contando signos de determinados grupos sociais ou comunidades. Conseqüentemente, nos anos de 1970, são organizadas as primeiras coleções fotográficas públicas e privadas no país. Surgem, então, muitas pesquisas e trabalhos devido à necessidade de se valorizar e preservar esses acervos, que deram origem a centros de documentação e museus em cidades como São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Campinas-SP, Porto Alegre-RS, Belo Horizonte-MG, entre outras.

Muitos desses acervos ou imagens podem ser e já são utilizadas no âmbito educacional para se estudar sobre diversos assuntos. Trazemos como exemplo a atividade realizada pela professora Ana Luiza Koehler com alunos do nível médio do Colégio Estadual Algacyr Munhoz Mäeder, em Curitiba-PR, relacionadas ao estudo da história do Bairro Alto da cidade. A proposta, denominada *O ensino de História e a fotografia como representação: uma experiência através de fontes de arquivos locais* teve o objetivo de estimular a compreensão do meio urbano. Para tanto, foram utilizadas fotografias produzidas durante os anos de 1940 e 1980 com diferentes finalidades, como álbuns de família, cartões postais e

imagens dos arquivos públicos. “A pesquisa mostra que a fotografia colabora para o conhecimento da memória social e para a compreensão das formas de representação do imaginário sobre o meio urbano” (KOEHLER, 2007, p.1).

As aulas realizadas com o apoio de fontes imagéticas ocorreram a partir de problematizações sobre a urbanização da cidade de Curitiba-PR. Durante o processo educativo, foi trabalhada a relação entre urbanização e industrialização. A professora, com o intuito de discutir questões referentes à urbanização, sugeriu que todos trouxessem imagens da cidade nas aulas seguintes. A maioria das imagens trazidas para realização das atividades foram de cartões postais da cidade, sendo que os temas privilegiados foram, principalmente, o Jardim Botânico, a Ópera de Arame, imagens do centro da cidade, da rua XV de novembro, do Parque Barigüi e do Museu Oscar Niemeyer.

Observa-se que imagens dos bairros e das praças menos conhecidas foram pouco apresentadas pelos alunos. Dessa forma, uma das conclusões a que podemos chegar é que a de que a representação que os alunos tinham e queriam repassar da cidade eram as criadas pelos meios de comunicação em massa, ou seja, uma cidade de fácil locomoção, ecológica e sem contradições sociais. Para tanto, traziam imagens que representavam uma cidade próspera, bela e organizada, o que possibilitou questionamentos e reflexões sobre as diferenças sociais, de urbanização e a qualidade de vida de alguns bairros, em especial do bairro onde a escola estava inserida.

Voltar o olhar para o meio e para as linguagens presentes no cotidiano do aluno, pressupõem uma escola que contemple a formação integralizadora do indivíduo. Koehler (2007) destaca que, embora tenha encontrado muitas dificuldades de cunho técnico, estruturais e pedagógicos na aplicação de sua proposta, conclusões e resultados positivos foram obtidos, entre eles, destacamos os seguintes:

- a) a colaboração do uso de imagens fotográficas presentes no cotidiano do aluno como forma de obter conhecimentos prévios;
- b) a importância da imagem como forma de discutir sobre o conceito de representação e de imaginário e de analisar sobre as formas como são apresentados na sociedade;
- c) o interesse maior dos alunos nas aulas e nos conteúdos relacionados à história local, possibilitando uma referência nos planejamentos e escolhas de conteúdos;
- d) a percepção, relatada em algumas avaliações e comentários, de que a memória é uma fonte histórica (alguns alunos acrescentam informações às fontes apresentadas de acordo com relatos dos pais e avós; outra aluna indaga se os depoimentos orais são fontes; outro aluno traz documentos pessoais da avó);
- e) a percepção de que os temas relacionados ao meio estão relacionados com a identidade individual.
- f) a contribuição da fotografia para a compreensão da memória social. (KOEHLER, 2007, p. 17)

A fotografia é um monumento, um resíduo do passado. Ela desenvolve uma linguagem, visto que é capaz de transformar, emocionar, informar, manipular. Quando são analisadas em sala de aula, assim como em outros lugares, é preciso que o observador tenha em mente que as fotografias foram produzidas com alguma intencionalidade. Questionamentos do porquê foram produzidas? Por quem? Em qual contexto? Quem são as pessoas, lugares ou objetos retratados? São perguntas que devem ser respondidas nos trabalhos com fontes iconográficas. Enfatizamos também que as imagens não devem ser consideradas como simples reflexões de suas épocas e lugares, mas sim, extensões dos contextos sociais em que elas foram produzidas (BURKE, 2004, p.38).

Dentre os diversos momentos em que a fotografia foi utilizada com o sentido de manipular, emocionar ou transformar, destacamos alguns deles, como o fato de que no século XIX ela denunciou e introduziu no cotidiano das pessoas a crueldade das guerras que ocorriam em vários países. No Brasil Imperial e início do período Republicano, foi utilizada como um instrumento de comprovação documental, empregado pela elite brasileira com o intuito de apresentar o país segundo a ideia de modernidade, esplendor e progresso. Também podemos usar como exemplo a utilização de imagens para exaltar os feitos políticos e auxiliar na construção da imagem pública dos governantes, como observamos na pesquisa de Kobelinski (2017), que mostra que o Jornal Esquema do Oeste publicava fotografias da cidade de Guarapuava-PR, enaltecendo as mudanças na infraestrutura urbana e os gestores responsáveis por elas. Mesmo que esses registros fotográficos fossem realizados em lugares repetidos ou representassem progressos que não alcançaram toda população, eles passavam a imagem de uma cidade em constante construção, executando um *marketing* urbano que atendia aos interesses da população.

Seguindo esse viés, fica perceptível o papel da fotografia como um registro ideologicamente construído. Diante disso, toda imagem fotográfica tem uma história que pode ser desvendada, sua função vai além de detectar verdades ou mentiras, a fotografia nos possibilita entender o passado e perseguir seus segredos implícitos (CIOCCARI, 2012, p.2). Cuidados, técnicas e métodos devem ser utilizados ao se analisar fotografias, pois elas continuam sendo interpretadas muito tempo após serem registradas. Seus significados podem ser alterados conforme a ideologia do momento em que está sendo observada, por conseguinte, o estudo da apropriação da imagem é um grande desafio para o observador ou historiador interessado em mobilizar fontes visuais em suas pesquisas. (LIMA; CARVALHO, 2011, p. 46).

Os processos de análise das imagens propostos pelo fotógrafo e historiador Boris Kossoy têm sido aplicados por nós e também têm sido utilizados como referências em vários materiais a que tivemos acesso durante a elaboração desta pesquisa. Kossoy, um dos precursores dos estudos fotográficos no Brasil é autor de uma vasta coleção de livros e artigos relacionados à fotografia. Desse modo, empregando sua teoria como base das atividades de análise de imagens realizadas na Casa da Cultura de Boa Esperança, pensamos indubitavelmente nos componentes estruturais de uma fotografia.

Esses elementos, essenciais na produção de uma fotografia, estão relacionados aos questionamentos imprescindíveis, já descritos neste capítulo, que devem ser feitos ao utilizarmos as fotografias como fonte histórica. Quando a imagem foi produzida? Com qual finalidade? Como objetos e pessoas são retratados? Quais recursos tecnológicos foram utilizados? Em suma, esses elementos são compostos pela tríade *sujeito, técnica, assunto*. O sujeito é o fotógrafo responsável pelo registro. Sua atuação profissional, classe social, seus filtros ideológicos e culturais devem ser levados em consideração por quem analisa suas imagens. As técnicas referem-se aos aspectos da tecnologia, a câmera empregada, forma de revelação, ou seja, elementos que viabilizam tecnicamente o registro fotográfico. Por fim, o assunto é o tema retratado, fruto de uma sucessão de escolhas idealizadas pelo fotógrafo, e quando analisado, deve ser colocado em seu tempo e gênero específico.

A fotografia se conecta fisicamente ao seu referente, -e esta é uma condição inerente ao sistema de representação fotográfica,- porém, através de um filtro cultural, estético e técnico, articulado no imaginário de seu criador. A representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginado, tangível ou intangível; o assunto registrado é produto de um elaborado processo de criação por parte de seu autor (KOSSOY, 2009, p.43)

As fotografias atendem aos mais diversos interesses. Elas podem ser utilizadas como um poderoso instrumento para veiculações de ideias, manipulação e/ou formação da opinião pública. Além do mais, elas têm um destino perverso e ambíguo, pois num dado momento, registra a aparência dos fatos, das coisas, das histórias privadas e públicas, preservando a memória desses fatos, porém no momento seguinte, e ao longo de sua trajetória documental, corre o risco de significar aquilo que não foi (KOSSOY, 2005, p.39).

Uma fotografia comporta duas mensagens, uma conotada e outra denotada. A mensagem denotada é a que vemos, a realidade retratada, constituída pelo cenário, por objetos, enquadramento, iluminação e composição. Já a conotada, é a anedota que a imagem cria, ou seja, aquilo que ela quer passar ao observador, para tanto, constitui-se de valores

historicamente associados aos elementos da cena denotada. Um observador atento, que conhece os processos da conotação nas fotografias, reconhece que as imagens que chegam até nós, por meio da mídia, de exposições públicas ou por outros meios, não são sempre fieis à realidade, pois podem passar por processos de conotação, que têm o objetivo de tornar a imagem mais interessante e atraente para o observador.

Os principais métodos de conotação, constantemente utilizados na fotografia, são os seguintes: trucagem, pose, objetos na cena, fotogenia, esteticismo, e sintaxe. Seus significados devem ser conhecidos por qualquer observador da fotografia, pois eles interferem diretamente nas mensagens transmitidas pelos registros executados. A trucagem apresenta como denotada uma mensagem fortemente conotada, ou seja, utiliza e distorce objetos ou fatos reais para criar uma cena surpreendente. Em relação à pose, as linguagens gestuais sejam de gestos espontâneos ou convencionados constituem elementos cristalizados de significação. Os objetos na cena tendem a valorizar objetos que são indutores comuns de associação de ideias e significados precisos. A fotogenia faz parte da estrutura informativa, como o enquadramento, iluminação, composição, ela é composta por elementos que são utilizados para embelezar a cena. No esteticismo, o fotógrafo se inspira em referências estéticas da obra de arte, potencializando os sentidos simbólicos da mensagem. E a sintaxe é a aproximação artificial de duas fotos, uma montagem (BARTHES, 1990).

Quando observamos as fotografias e compreendemos que sua produção é sempre proveniente de alguma intencionalidade ou de processos de conotação, temos olhares mais atentos, críticos e analíticos. Tratando-se de nossa prática docente, foi notável a mudança na forma como os estudantes passaram a ver e apreender as fotografias expostas na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. Inicialmente, durante os debates e problematizações sobre a função das fotografias, a maioria dos educandos enfatizavam que o objetivo da exposição era tornar o ambiente mais belo, organizado e agradável aos olhos. Entretanto, no correr das atividades, perceberam que a maioria daqueles registros, além de embelezar e representar as mudanças temporais, tinham o objetivo de perpetuar as conquistas, e assim, comprovavam por meio da fotografia, aspectos positivos da cidade, representando o ideário de progresso e legibilidade urbana que a administração pública tinha o intuito de eternizar.

CAPÍTULO 3
O ENSINO DE HISTÓRIA DA CIDADE NA CASA DA CULTURA FRANCISCO
PEIXOTO SOBRINHO

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p. 471).

Várias discussões em torno da História Local, História Regional e da Educação Básica evidenciam a expansão do processo de ensino-aprendizagem para além dos muros escolares. Em suma, a escola constitui um espaço que proporciona a aquisição dos conhecimentos empíricos, informações e teorias. Mas, além disso, ela é destinada a formar cidadãos, é um lugar onde diferentes sujeitos constroem suas identidades e estabelecem relações com distintos grupos sociais.

Para cumprir com tais funções, a metodologia e o processo de ensino utilizado pelos professores devem incluir diversas possibilidades pedagógicas, de modo a estimular o conhecimento e o respeito à diversidade cultural, diferentes memórias e às inúmeras histórias. Para alcançar esses objetivos, entendemos que a educação patrimonial é uma importante aliada do ensino de História, uma vez que ela possibilita um novo olhar sobre o patrimônio, desperta a curiosidade do aluno e o sentimento de pertencimento à determinada localidade.

A educação patrimonial aguça, no estudante, o interesse por resolver questões significativas tanto da sua vida pessoal, quanto de sua vida na coletividade. Ao trabalhar patrimônio cultural nas escolas, fortalece-se a relação dos educandos com suas heranças culturais. Ressignifica-se o sentimento de pertencimento, aumentando a valorização e a preservação do patrimônio. As escolas, ao trabalharem com tal temática, dialogam com conceitos como preservação, culturas materiais e imateriais, práticas culturais, imagens, identidade e diversidade (APOLINÁRIO, 2012, p.56).

Dessa forma, para estudarmos a história de Boa Esperança-PR, para observarmos as mudanças que ficaram registradas por meio de imagens fotográficas e para que os alunos tivessem a oportunidade de se conscientizar de que ele também é construtor dessa história, recorreremos às possibilidades pedagógicas propostas pela educação patrimonial. Assim, esta pesquisa estabeleceu um diálogo entre o Colégio Estadual do Campo de Palmital E.F.M e a Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. No âmbito do Ensino de História, baseamo-nos

nos conteúdos referentes ao estudo de história local e história regional, propostos nas Diretrizes Curriculares de História do Paraná (2008).

A educação patrimonial possibilita ao aluno perceber que o patrimônio cultural faz parte de sua própria história. Tal percepção lhe propicia a oportunidade de conhecer e vivenciar os costumes e a cultura locais, construindo laços de afetividade e de solidariedade com as pessoas e o lugar onde vive. O acesso ao conhecimento e às vivências relacionadas às diversas manifestações culturais ajuda o professor a explorar a percepção e o entendimento sobre o que vem a ser patrimônio cultural como prática social. (FIGUEIRA; MIRANDA, 2012, p. 8).

A Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho recebeu esse nome em homenagem ao médico e dono do único hospital da cidade, falecido em fevereiro de 2002. Localizada na Avenida Brasil, Boa Esperança-PR, atrai diversos olhares para suas paredes internas, onde foi organizada a exposição fotográfica composta por 150 fotografias (Figuras 8 e 9). Dessas imagens, 24 são retratos dos prefeitos que já exerceram mandato na cidade e o restante das imagens, um total de 126, representam eventos ou espaços da cidade.

A imagem de maior dimensão é uma fotografia aérea da cidade, retirada no mês de abril de 2016. Com exceção dessa imagem e das que retratam os prefeitos, todas as demais fotografias que compõem a exposição são de tamanho 30x20. Foram fixadas em quadros de madeira com profundidade de dois centímetros e organizadas entre suportes de madeira envernizados instalados nas paredes.



Figura 8. Parte da exposição fotográfica da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.



Figura 9. Parte da exposição fotográfica da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.



Figura 10. Fotografia aérea da Cidade de Boa Esperança-PR exposta na Casa da Cultura.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

A secretaria de cultura informou que a exposição fotográfica foi idealizada no período em que o prédio da Casa da Cultura passava por reformas. O critério utilizado para a seleção das fotografias privilegiou imagens que representavam o início de cada evento ocorrido na cidade, de aspectos urbanísticos e de estradas rurais. Grande parte dessas imagens já fazia parte do acervo público da prefeitura, porém, não foram identificados os nomes dos autores das fotografias que estão em exposição. Entretanto, há um consenso entre os organizadores de que a maioria desses registros foram feitos pelos próprios funcionários da

prefeitura ou por fotógrafos profissionais da cidade, geralmente contratados pela administração municipal em épocas de eventos.

As pessoas envolvidas na organização das exposições, seja em Museu, Casa da Cultura ou outros espaços relacionados à preservação de memórias, são intermediárias entre os acervos expostos e os visitantes que vêm apreciá-los. Geralmente oferecem uma amostra atraente da cidade, que prende a atenção do observador, direciona seu olhar e orienta as interpretações. Desse modo, é importante interpretarmos as intencionalidades da exposição. Vários fatores influenciam na comunicação da exposição com o visitante, tais como a cor, textura, adequação do texto (imagem) ao público alvo, a maneira como os objetos são apresentados e outros. "As exposições são muito mais do que o simples processo de colocar objetos em vitrines ou quadros em paredes com um texto e legendas" (MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION, 2001, p. 17-18).

Além das fotografias que ficam em exposição, a Casa da Cultura conta com um vasto acervo de aproximadamente 6.872 fotos. Essas imagens estão separadas e agrupadas em álbuns e pequenas caixas de acordo com as categorias a que pertencem. No primeiro semestre do ano de 2017, fizemos um levantamento quantitativo dessas fotografias, as dividimos em categorias: "Cultura e Educação", 3638 imagens; "Esportes", 1398; "Saúde", 54; "Veículos", 72; "Administração", 440, "Assistência Social", 490, "Meio Ambiente e obras", 780 fotografias.

Os registros fotográficos que pertencem à pasta "Cultura e Educação" somam mais da metade de toda fotografia do acervo. Cleide Gobo Silva, que foi secretária da educação por muitos anos e é uma das responsáveis pela organização dos arquivos fotográficos da Casa da Cultura, sempre procurou registrar e arquivar momentos pertencentes à secretaria em que estava envolvida, enaltecendo os feitos educacionais do município e preservando parte de sua memória. Tais imagens representam parte dos patrimônios materiais de algumas escolas, dos processos de construções e reformas de prédios escolares, de diversas apresentações culturais, da educação estadual, municipal ou da comunidade de forma geral, dos professores, alunos, funcionários e das primeiras escolas rurais. As fotografias das escolas rurais da década de 1970 também estão em exposição na Casa da Cultura. Uma característica que chama atenção quanto à estrutura dessas escolas é o fato de que as construções sempre seguiam o mesmo padrão.



Figura 11. Escolas Rurais Década de 1970.

Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

As fotografias pertencentes à categoria “Esportes” são compostas, em grande parte, por registros das cavalgadas que acontecem anualmente na cidade. Destacam-se também as imagens do MotoCross, da semana da adrenalina, exercícios físicos e jogos diversos. Observamos que, nesses registros, os processos de conotação das imagens, como trucagem, enquadramento, fotogenia, pose e objetos na cena são sempre utilizados, para que essas fotografias, além de preservarem a memória desses eventos, também representem um ideal de cidade amiga, criativa, hospitaleira e de próspera relação com as cidades ao redor.

Já as fotografias da área da “Saúde” referem-se às doações de sangue, campanha pública para vacinações, exames, palestras, hospitais e postos de saúde. Referente às imagens pertencentes à “Assistência Social”, estão registrados eventos da terceira idade, os primeiros moradores, as doações de cestas básicas, roupas, cobertores e outros momentos de assistencialismo realizados no município.

Em se tratando das imagens pertencentes à pasta “Administração”, os registros são compostos principalmente por momentos de trabalho e/ou visitas de autoridades diversas. Percebemos frequentemente que as mensagens denotadas se misturam as conotadas, utilizando especialmente os processos de poses, e, assim, representam acordos e parcerias firmadas pelo setor administrativo.



Figura 12. Secretário de Estado do Desenvolvimento Urbano Lubomir Ficinski Dunin, recebe o Prefeito de Boa Esperança.

Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

Os veículos do município, tanto em uso quanto veículos novos, também foram em grande parte perpetuados nos registros. Várias dessas fotografias com veículos, sejam carros, caminhões, ambulâncias ou maquinários, são datadas, servindo também como comprovação da época em que determinados bens foram adquiridos. Nas pastas concernentes ao “Meio Ambiente e obras”, as imagens privilegiadas são de ruas, avenidas, estradas rurais, espaços públicos, pavimentações, reformas e construções de diversos setores da cidade. Destaca-se que muitas dessas imagens, pertencentes às secretarias ou pastas diversas, se relacionam e se complementam.

A Casa da Cultura também conta com pastas denominadas “Arquivo de notícia de Boa Esperança”, onde podemos encontrar aproximadamente 1.041 matérias de jornais guardadas. A maioria dessas matérias são retiradas da parte destinada às notícias de Boa Esperança-PR, presente no Jornal Tribuna da Região, do município de Goioerê-PR.



Figura 13. Fotografia de recorte de jornal da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho

Além da Casa da Cultura, Boa Esperança-PR conta com outros espaços dedicados à cultura e à preservação de memórias, como o Museu Alzira T. Garófalo, que abriga fotografias e uma grande quantidade de objetos antigos, e a Biblioteca Cidadã Geraldo Apolinário, inaugurada em 2011. O município também é referência por nele se situar o Parque Ecológico Olivo Fortunato Gasparelli, também conhecido como Parque do Lago e por ser a menor cidade do Brasil com restaurante popular.

3.1 Descrições das atividades realizadas com alunos

Alto Palmital é um distrito de Boa Esperança-PR constituído por aproximadamente 1.300 habitantes (COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DE PALMITAL, 2017, p. 14). Nossa proposta de trabalho com fotografias, cidades e ensino de História foi executada com alunos desse distrito matriculados no 7º e 8º ano, do Colégio Estadual do Campo de Palmital. As atividades foram realizadas em dois momentos, tendo início em 2017, alguns meses antes do aniversário da cidade de Boa Esperança-PR e sendo finalizado no início de 2018.

Iniciamos as atividades a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes. Para isso, fizemos questionamentos referentes à história da cidade na qual residiam e usamos de fotografias no ensino de História. Utilizamos perguntas relacionadas ao início da cidade, como o número de habitantes que já residiram em Boa Esperança-PR, a principal ocupação da população e as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Em relação ao uso das fotografias, questionamos se já as utilizaram para estudar História, como eles apreendem e observam as imagens e quais mensagens e significados as fotografias de Boa Esperança-PR expostas na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho transmitem a eles.

Grande parte dos alunos sempre residiu na região. Desse modo, conheciam vários fatos sobre o início e da história da cidade. Alguns diziam ser orgulhosos do fato de que seus antepassados ajudaram a construir aquela localidade. Também trouxeram fotografias antigas desses familiares que participaram do processo de fundação da cidade e de conhecidos ou vizinhos que chegaram à região quando “só existia mato”.

Para analisar as imagens trazidas pelos alunos e posteriormente as fotografias da cidade na Casa da Cultura, realizamos aulas expositivas, utilizando imagens, vídeos e *Power Point* para apresentação da história e de conceitos básicos da fotografia, como enquadramento, composição e cenário. Apresentamos, também, de forma adaptada ao nível de compreensão dos alunos, os itens já descritos no capítulo anterior, referentes aos processos de análise de fotografias propostos por Boris Kossoy (2009) e Roland Barthes (1982), os conceitos de identidade, memória e os elementos constitutivos da cidade definidos por Lynch (1997).

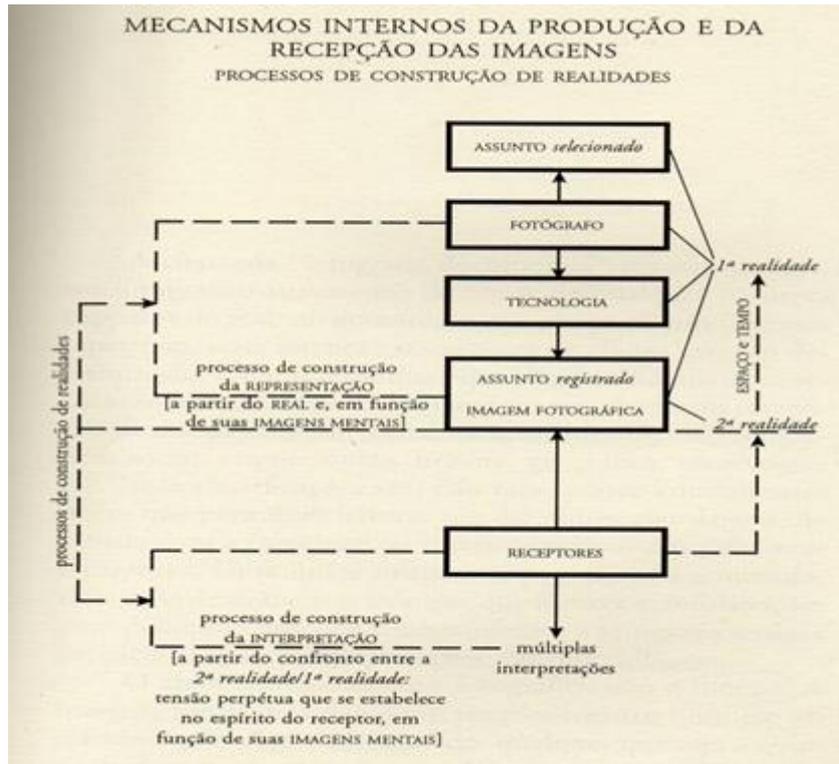


Figura 14. Mecanismos internos da produção e da recepção das imagens.

Fonte: Kossoy (2009, p. 49).

O trabalho com fotografias utiliza documentos que são familiares e muitas vezes se apresentam como prontos aos nossos alunos. Por isso é importante que os estudantes tenham conhecimento que qualquer imagem fotográfica é passível de manipulações, tanto na hora da revelação quanto na hora do registro, podendo sofrer alterações conforme as intencionalidades do fotógrafo e dos processos de conotações utilizados. Desse modo, o trabalho com fotografias apresenta novas possibilidades de leitura de imagens, estimula a percepção da atuação dos indivíduos e de suas concepções nas diversas realidades e contextos sociais.

Realizamos, também, pesquisas online utilizando as ferramentas *Google Maps* e *Google Earth* para observarmos os caminhos que antigos moradores percorreram. Essas plataformas também foram utilizadas para os estudantes perceber as regiões limítrofes, características econômicas, físicas e sociais do ambiente. Os recursos tecnológicos auxiliam o aluno, “a estudar o ambiente em que vive e a contextualizar o presente com o passado”. (NEU, 2014, p. 5).

Analisar fotografias, falar sobre a história da cidade, dos aspectos econômicos, culturais, sociais, pesquisar diversas fontes e comentar as memórias de seus familiares fazem com que os alunos se apropriem de acontecimentos vividos por associações orais e imagéticas (POLLAK, 1992), ou seja, dos fatos vivenciados pelo grupo em que estão inseridos, e, assim, reconheçam suas raízes e construam sua identidade.

Depois de feitas essas considerações, apresentamos aos estudantes a possibilidade de estudar a história da cidade por meio das fotografias expostas na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. Todos os estudantes já conheciam o espaço e já haviam visto as fotografias expostas na parede, porém nunca as utilizaram nem pensavam que seria possível utilizá-las como fontes para estudar História.

No início das atividades realizadas em sala ficou claro que os alunos tinham certo conhecimento sobre a história da cidade, mas não conseguiam se identificar enquanto sujeitos históricos. Descreviam sobre os feitos dos primeiros moradores e enfatizavam que pertenciam a eles o direito de serem chamados de “construtores da história de Boa Esperança”. Desse modo, nosso objetivo com esta proposta, além de trabalhar com imagens da cidade expostas na Casa da Cultura para refletir os processos históricos que envolvem a imaginabilidade da cidade, foi também perceber o significado social e o envolvimento dos alunos com os lugares representados nas fotografias e com a Casa da Cultura, a fim de estimular os estudantes a perceberem o seu papel enquanto sujeitos históricos que também fazem parte a história da cidade.

Como já havíamos estudado o período de construção da cidade em sala e havíamos analisado diversas fotografias antigas trazidas pelos alunos, nosso objetivo para seleção de imagens na exposição da Casa da Cultura foi das imagens que datam a partir de 1997. Fizemos o recorte desse período temporal com base em levantamento informal com moradores, além de consulta em livros do município, registros fotográficos e algumas páginas na internet. Foi a partir dessa data que maiores interferências e melhoras na aparência urbana da cidade obtiveram destaque.

UM DOS MELHORES MUNICÍPIOS DO PAÍS EM QUALIDADE URBANA

Em 2012, Boa Esperança ocupou o sexto lugar do ranking dos municípios com melhor qualidade urbana de todo o país. A pesquisa foi feita pelo IBGE e considerou índices socioambientais de 5.565 cidades. A colocação de Boa Esperança é o resultado do trabalho intenso e contínuo do governo municipal para melhorar cada vez mais a qualidade de vida de todos os cidadãos. (BOA ESPERANÇA, 2014, p. 25).

De acordo com Schmidt e Cainelli (2009), para ensinar História é necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, é preciso que o ensino de História consiga estabelecer os saberes que circundam o meio onde os alunos vivem. Desse modo, após uma visita prévia à Casa da Cultura, após a seleção de atividades e das fotografias que seriam analisadas, organizamos a ida dos estudantes ao referido espaço de memórias e em alguns pontos da cidade de Boa Esperança-PR.

Maria Margaret Lopes (1991) critica visitas de escolas a museus feitas sem muito senso crítico, visitas em que o museu é visto apenas como um local de visitação, com suas exposições apoiadas em concepções de ensino centradas na transmissão de conhecimentos prontos e acabados, de forma que exigem de seus visitantes apenas passividade. Nós concordamos com tal crítica quanto à visitação passiva dos estudantes no museu e, por esse motivo, nos atentamos em fazer uma visita construtiva à Casa da Cultura, onde os conhecimentos não foram dados prontos e acabados aos alunos, mas foi necessário que eles indagassem, questionassem e buscassem as repostas para os questionamentos levantados.

Para que visitas a museus ou casas de memória ofereçam uma situação pedagógica privilegiada, é preciso que os objetos dessas localidades sejam transformados em fonte de conhecimento. Esclarecemos aos alunos sobre o papel desses espaços na constituição da memória social. Enfatizamos que é preciso ser capaz de desfrutar do museu e a educação patrimonial pode oferecer instrumentos para decodificação dos patrimônios culturais, contribuindo para sua preservação (GASTAUD, 2005). Segundo a definição de Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4), a Educação Patrimonial

[t]rata-se de um processo **permanente** e **sistemático** de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como **fonte primária** de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento, apropriação e valorização** de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num **processo** contínuo de **criação cultural**. O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de **preservação sustentável** desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de **identidade e cidadania** (p. 4, grifo do autor)

Para que haja real apropriação por parte do aluno em relação ao objeto observado, é preciso que a ação educativa com patrimônio material siga quatro etapas metodológicas fundamentais: a observação, o registro, a exploração e a apropriação (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999). Nessa metodologia, o professor serve como mediador para que o aluno não seja influenciado por predefinições ou conceitos já estabelecidos.

Quadro 1. Aplicando a metodologia da educação patrimonial.

Etapas	Recursos/Atividades	Objetivos
1) Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive...	- Identificação do objeto/ função/ significado; - desenvolvimento da percepção visual e simbólica .
2) Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas ...	- Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica ; - Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3) Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas	- Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.
4) Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	- Envolvimento afetivo , internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

Fonte: Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.11, grifo do autor).

Em nossa ida à Casa da Cultura, primeiramente nos dirigimos ao auditório, onde assistimos alguns vídeos cedidos pelo espaço e outros que retiramos da página do município no *YouTube* sobre a cidade de Boa Esperança-PR e sua história. Posteriormente, os alunos observaram toda a exposição fotográfica e deram início às atividades que já haviam sido explicadas em sala, selecionando, para análises, fotografias datadas a partir de 1997, observando a realidade que a fotografia pretende representar, os processos de conotação, a imaginabilidade e utilizando algumas etapas da metodologia da educação patrimonial.

A **metodologia** específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da **relação** entre os indivíduos e seu meio ambiente (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4, grifo do autor).

Como a maioria dos alunos mora no distrito de Alto Palmital e são devotos da religião católica, uma das fotografias com a qual mais se identificaram foi a da igreja católica da localidade. Primeiramente, os alunos demonstraram sentimentos saudosistas, recordando de momentos especiais que viveram com familiares e amigos na igreja. O sentimento de pertencimento e identificação com o local retratado ficou perceptível nas falas e descrições das memórias construídas pelos estudantes naquele lugar. A foto da igreja é datada em 2004,

ano de nascimento da maioria dos estudantes, assim, em suas recordações de infância, está gravada essa fisionomia da igreja, com janelas arredondadas e tons de bege com vermelho.

Observando a imagem, os alunos notaram que o arredor da igreja está bem zelado, há árvores em fase de crescimento e uma pintura bem conservada. Não sabemos quem foi o autor da imagem, mas pelo enquadramento e características do lugar, os estudantes concluíram que a intenção do fotógrafo ao congelar a referida imagem, foi representar a igreja cuidada, organizada o que conseqüentemente, estenderia estas características aos moradores e ao próprio distrito de Palmital.

A igreja também pode ser considerada um marco da cidade, pois ela é um ponto de referência, tanto pelo seu sentido simbólico, quanto pela sua localização em um lugar de destaque, na esquina da avenida principal do distrito. Os alunos se identificaram com a imagem e, por meio de sua observação e análise, constataram que, mesmo que eles não tenham fotografias expostas de si mesmos na Casa da Cultura, a história de cada um deles faz parte de vários lugares registrados.



Figura 15. Capela São Sebastião de Alto Palmital em 2004
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.



Figura 16. Capela São Sebastião de Alto Palmital
Fonte: Acervo dos alunos do 8º ano de Alto Palmital (2018)

Os alunos observaram diversas imagens de avenidas e ruas da cidade em diferentes períodos. Na Avenida Amazonas, onde está concentrada boa parte do comércio da cidade, há diversas fotos retratando modificações na avenida, no canteiro e na visibilidade da cidade. As Figuras 17 e 19 fazem parte da exposição da Casa da Cultura. Nota-se a intencionalidade dos organizadores da exposição de atrair atenção para as mudanças estruturais realizadas na Avenida. Observamos que quem as fotografou pretendia demonstrar um ideal de melhorias e modernidade.

A Figura 18, não faz parte da exposição da Casa da Cultura, mas faz parte do acervo arquivado e consideramos importante apresentá-la também aos estudantes, já que retrata um período intermediário entre as duas fotografias expostas. As árvores da Figura 17 já não existem mais, pois deram espaço para a calçada, que foi remodelada juntamente com o plantio de novas árvores. Nota-se a modificação dos canteiros e instalação de postes para iluminação no meio da avenida. Já nas Figuras 19 e 20, a cidade se apresenta mais arborizada e há destaque para a iluminação pública, que agora é composta por luminárias mais claras e modernas.

As ruas e avenidas são fatores determinantes na identificação e identidade da cidade, pois segundo Lynch (1997), as pessoas observam a cidade enquanto se deslocam por estas vias. A largura das ruas, as fachadas dos edifícios, o comprimento dos quarteirões, tudo tende a reforçar a diferenciação das vias, e também a identidade interna dos bairros. Nessas quatro fotografias que anexamos a seguir, as imagens são retiradas no mesmo ângulo, abrangendo também a rotatória, que pode ser considerada como um dos pontos nodais da cidade, ou seja, um lugar estratégico para os quais ou a partir dos quais o observador se locomove.



Figura 17. Avenida Amazonas (1997).
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.



Figura 18. Avenida Amazonas (1999).
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.



Figura 19. Esquina da Avenida Amazonas com a Rua Espírito Santo (2004).
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

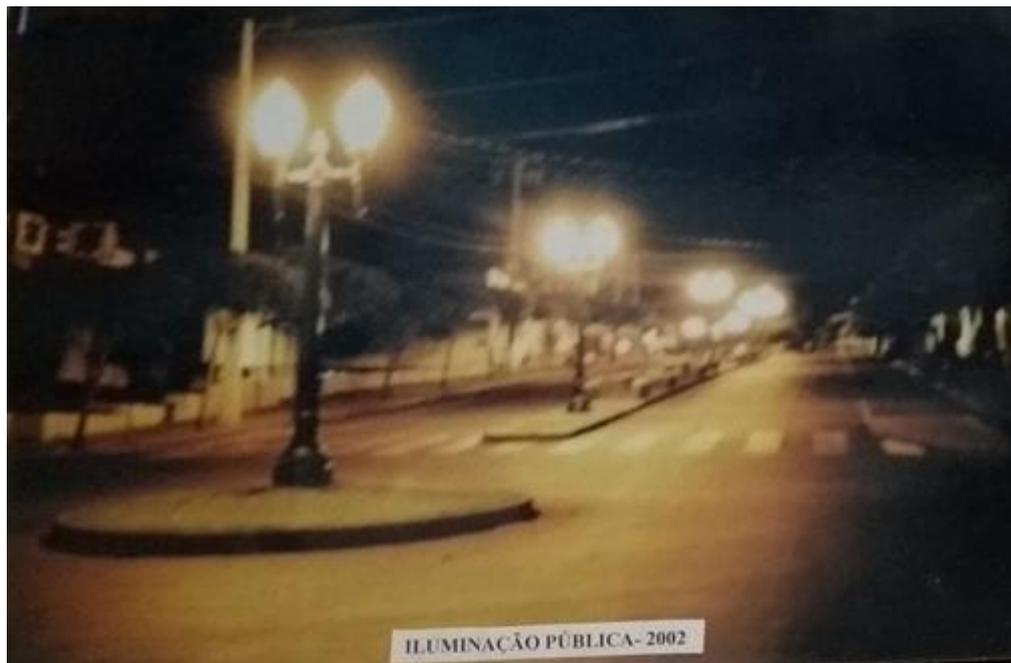


Figura 20. Iluminação Pública (2002).
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho.

Segundo o discurso do município (BOA ESPERANÇA, 2014, p. 25), essas mudanças e adequações constantes, que tornaram a cidade mais organizada, bela e legível, já oportunizaram a Boa Esperança-PR a obtenção do título de sexta melhor cidade do Brasil, como podemos ler no jornal on-line Tribuna do Interior, de 14 de dezembro de 2013.

Considerada a sexta melhor cidade do Brasil em termos de organização e urbanização, Boa Esperança comemora neste sábado, 49 anos de emancipação político-administrativa. Essa colocação, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) leva em consideração a arborização, onde as árvores não chegam aos fios elétricos e a poda das copas é arredondada, bem como o cuidado com a limpeza. Também não se vê esgoto a céu aberto e todas as ruas são afastadas. (BONETE, 2013)

No acervo da Casa da Cultura há diversas imagens que retratam a construção e reforma de obras públicas, recapeamento asfáltico, momento do plantio, poda e irrigação das árvores e jardins presente nos espaços públicos. Algumas fotografias desses feitos também se fazem presente na exposição. Na Figura 21, observamos a Avenida Brasil no momento de construção de um limite entre as avenidas, o canteiro central. Segundo Lynch (1997), os limites podem ser fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares, barreiras penetráveis ou não que separam uma região da outra, “mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram” (p. 52).

A Avenida Brasil abriga alguns comércios da cidade, mas há predominância é de construções habitacionais. Nela também estão localizadas a Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e a Prefeitura Municipal de Boa Esperança-PR. Os alunos consideraram que a pretensão do fotógrafo ao eternizar estas imagens, assim como nas fotografias da Avenida Amazonas apresentadas, não foi algo imparcial, mas teve a intencionalidade de enaltecer as melhorias, arquivar períodos de mudanças e documentar a construção de obras públicas. Na Figura 22, retirada do *Google Maps*, é possível perceber o quanto esse canteiro urbano, com vegetação característica deu identidade à Avenida Brasil.

Uma imagem viável da cidade requer, em primeiro lugar, a identificação das particularidades e da individualidade de um objeto, que implica em seu reconhecimento e diferenciação de outras coisas (LYNCH, 1997, p. 9). Os canteiros centrais, o Parque do Lago, e a Prefeitura, são alguns desses elementos facilmente identificados na paisagem de Boa Esperança-PR, agregando características à sua identidade e permitindo diferenciá-la de outra cidade.



Figura 21. Avenida Brasil (1999)

Fonte: Acervo da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho



Figura 22. Avenida Brasil

Fonte: <https://www.google.com/maps/@-24.2425983,-52.7908855,3a,75y,59.26h,87.6t/data=!3m6!1e1!3m4!1sDEEH2P0x9EgoqKzvfOKLZg!2e0!7i13312!8i6656>

Além das imagens descritas acima, os alunos também observaram e decodificaram, utilizando os mesmos procedimentos metodológicos, imagens de outras ruas e espaços da cidade, como a Avenida Seis de Março, onde predominam salas comerciais, a Rua Mato Grosso, a Praça Orlando Poppi, o Trevo na entrada da cidade, a prefeitura, a igreja matriz de Boa Esperança e a própria Casa da Cultura. Importante destacar que a pesquisa e a realização destas atividades não teve como objeto estabelecer relações entre imagens e discursos

políticos, embora consideramos importante refletir o tema em outro momento. Findada as atividades propostas, em que havíamos feito à delimitação do período que seria observado, alguns estudantes tomaram a iniciativa de aplicar o mesmo processo de análise em registros fotográficos de períodos anteriores, dialogando também com fotografias de períodos diversos.

A seguir, fizemos um passeio pela cidade, momento em que os alunos foram orientados a registrar, com a câmera de seus celulares, lugares que fazem parte de sua memória, lugares em que, nas suas caminhadas cotidianas, eles constroem histórias. (CERTEAU, 1998). Simultaneamente, fizemos uma atividade prática e lúdica com uma caixa de papelão, que utilizamos como câmara escura para demonstrar aos alunos como se dá o processo de formação de imagens dentro da câmara.



Figura 23. Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º ano de Alto Palmital (2017)



Figura 24. Prefeitura Municipal de Boa esperança (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º ano de Alto Palmital (2017)



Figura 25. Atividade realizada com câmara na caixa (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º ano de Alto Palmital (2017)

Após a realização dessas atividades, seguimos para a escola, onde fizemos um diálogo expondo os conhecimentos propiciados pela prática pedagógica. A análise das fotografias expostas e registradas pelos alunos, os novos olhares para os lugares da cidade e a percepção de que cada rua, cada espaço da cidade abriga muitos anos de história, possibilitou aos estudantes o reconhecimento de que a história é escrita diariamente, e de que eles são sujeitos históricos, e também fazem parte desta construção.

Realizamos, também, a apresentação e a leitura de algumas partes do *livro Boa Esperança Retalhos de Memória*, onde Ivone Celeste Salomé (2016) descreve sobre sua história de vida na cidade de Boa Esperança-PR. A autora busca trazer à tona a memória de sua família - que residia em Boa Esperança-PR e participou da construção da cidade durante os anos de 1954 a 1970 - e eternizá-la. Porém, os nomes dos membros da família de Salomé (2016) não constam nos documentos e nas homenagens que Boa Esperança-PR oferece aos seus primeiros moradores. Esse tipo de livro, em que os autores reivindicam a valorização de suas memórias e sua associação à história da cidade, assim como aos lugares de memórias, nascem do sentimento de que não há memória espontânea. Diante disso, é preciso criar arquivos, organizar celebrações, notariar atas, pois essas operações de seleção do que será lembrado não são naturais (NORA, 1993, p. 13)

Nossa próxima proposta relacionando fotografia, cidade e ensino de História seria a realização de atividades utilizando a câmara *pinhole* como câmara escura, de modo que as imagens projetadas fossem fixadas e reveladas pelos próprios alunos, com produtos reveladores. Entretanto, como os materiais específicos para realização de tal atividade são escassos, demorou um tempo considerável para que pudéssemos encontrá-los e adquiri-los. Em razão disso, planejamos a execução dessa parte da atividade para o início do ano de 2018.

Após diversas pesquisas na Internet e em lojas de artigos fotográficos, tivemos contato com uma loja que comercializa o papel fotográfico preto e branco sensível à luz, utilizado nas câmeras *pinholes*, o químico revelador e o fixador. Para interrupção, fomos orientados, pela loja de artigos fotográficos, que poderia ser utilizado o vinagre de cozinha. Entretanto, nossa experiência com fotografias *pinhole* e revelação em casa não teve o êxito que esperávamos. Apesar de seguirmos as orientações de artigos acadêmicos que descreviam procedimentos utilizando essa metodologia de revelação tradicional (OLIVEIRA, 2014), assim como procedemos a pesquisas em sites, grupos e mídias sociais sobre fotografia *pinhole*, revelação tradicional, revelação alternativa utilizando caffenol, e aplicarmos os procedimentos específicos, não tivemos sucesso na fixação da imagem no papel fotográfico.

Nosso objetivo era o de que os alunos fotografassem com as suas câmaras escuras, lugares portadores de significado, que os fizessem se reconhecer enquanto sujeitos históricos. Teriam também liberdade para fotografar lugares que gostariam de ver expostos na Casa da Cultura. Então, revelaríamos as fotografias com os produtos específicos no auditório da Casa da Cultura, oportunizando ao aluno o contato com os processos analógicos da fotografia.

Entretanto, como não tivemos sucesso previamente nesse processo de revelação, foi necessário repensar nossa proposta. Consideramos viável realizar atividades com os mesmos objetivos, porém utilizando os celulares dos alunos como recursos didáticos. O local para realização das fotografias selecionado neste momento foi o distrito de Alto Palmital, onde muitos alunos residem. O Colégio Estadual do Campo de Palmital apresenta em sua proposta pedagógica a possibilidade do professor utilizar meios tecnológicos e virtuais no processo educativo.

Ademais, os meios tecnológicos são alternativas que podem colaborar para a aprendizagem no campo educativo, ao passo que ao utilizar as ferramentas de mídia digital, por exemplo, é permitido aos estudantes o acesso à informações e a possibilidade de realização de múltiplas tarefas. Nesse sentido, a mediação do professor torna-se fundamental para que o trabalho pedagógico com a gama de informações veiculadas pelos diferentes instrumentos tecnológicos possam ser compreendidos, discutidos, debatidos e muitas vezes refutados. A mediação do professor pode possibilitar a utilização das redes sociais e a participação em comunidades virtuais com fins pedagógicos, buscando dinamizar o processo de ensino aprendizagem (COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DE PALMITAL, 2017, p. 40).

Desse modo, propomos aos alunos que registrassem fotografias dos lugares que atendessem ao objetivo proposto, ou seja, que retratassem lugares relacionados as suas vivências, e nos enviassem por meios virtuais, pois seria o modo mais prático para compartilharem os registros fotográficos feitos em seus celulares. Na aula seguinte, fizemos uma exposição no *PowerPoint* dessas imagens e as discutimos. Observamos a importância e o significado, para os estudantes, dos lugares representados, e, posteriormente, realizamos uma seleção de imagens para organizarmos duas exposições, uma em meio virtual e outra na Casa da Cultura. Como afirma Cano (2010), a exposição fotográfica sobre o bairro e a cidade trabalha com elementos como identificação da realidade, memória e reconhecimento.

No final das atividades, propusemos aos alunos, agora do 8º ano (2018), que elaborassem poemas demonstrando o quanto se identificam e seu sentimento em relação à localidade em qual habitam. Devido ao fato dessa atividade de escrita de poemas ter sido livre, alguns alunos optaram por não participar. Nesse sentido, foram produzidos sete poemas,

que, posteriormente, foram expostos na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, juntamente com as fotografias produzidas pelos alunos.



Município de Boa Esperança - PR ...

3 de set às 15:12 • 🌐

PROJETO IMAGENS DA CIDADE DE BOA
ESPERANÇA-PR: AS EXPOSIÇÕES
FOTOGRAFÍCAS DA CASA DA CULTURA
FRANCISCO PEIXOTO SOBRINHO E O ENSINO
DE HISTÓRIA.

O Projeto foi realizado na Cidade de Boa Esperança pelos alunos do Colégio Estadual Palmital, coordenado pela professora Keila da Silva que fez sua dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História.

As fotos estão expostas na Casa da Cultura para toda a comunidade observar um pouco das belezas da nossa querida Boa Esperança.

Figura 266. Print da postagem realizada na página do facebook da prefeitura de Boa Esperança. (2018)

Fonte: Acervo dos alunos do 8º ano de Alto Palmital (2018)

O Mestrado Profissional em Ensino de História da Unespar propõe a elaboração de um produto final, que, de acordo com a Resolução N° 005/2016 – Reitoria/Unespar, “pode assumir diferentes formatos como: texto dissertativo, documentário, exposição ou projeto de exposição; material didático; projeto de intervenção em escola, museu ou espaço similar”. (UNESPAR, 2016, s/p.) Atendendo a essa proposta, elaboramos um material em formato *flipbook*, confeccionado inicialmente em arquivo *PowerPoint* e posteriormente compartilhado em uma plataforma de hospedagem gratuita online.

O conteúdo do produto foi elaborado com base nas atividades descritas nesta dissertação. Desse modo, fizemos uma breve descrição no início do material, mencionado que ele é fruto de uma proposta do ProfHistória. A seguir, apresentamos um texto enfatizando o uso da fotografia como documento e como fonte para o ensino de História. Convidamos Cleide Gobo Silva, moradora de Boa Esperança-PR e responsável pela secretária da Cultura e da Casa da Cultura na época em que iniciamos esta pesquisa, para escrever um texto sucinto

sobre a educação no município para incluímos neste material. Em seguida, estão anexados alguns dos registros fotográficos da cidade de Boa Esperança-PR, representando lugares significativos para os alunos que participaram das atividades, juntamente com as poesias confeccionadas por alguns estudantes. Importante destacar que por motivos de preservação de imagens pessoais, os estudantes e moradores não apareceram nos registros fotográficos.

Consideramos viável a disponibilização do produto em meio digital, pois sabemos a importância de sua disseminação enquanto material pedagógico. Desse modo, o link do arquivo foi disponibilizado, podendo ser visualizado e compartilhado entre alunos, comunidade e setores municipais.

Percebemos, por meio das atividades executadas, das discussões realizadas durante o processo e da leitura dos poemas escritos por alguns alunos, que apesar dos estudantes apontarem aspectos negativos sobre a cidade em diversos momentos, como a falta de um shopping, de oportunidades de empregos e de mais possibilidades de diversões, a admiração e o elo afetivo entre os alunos e o lugar, ou ambiente físico, a topofilia (TUAN, 2010, p.19), é notável e foi confirmada pelos próprios estudantes. Compreendemos também que trabalhar história das cidades com metodologias diferenciadas, não apenas se atentado aos primeiros moradores, mas oportunizando ao aluno o conhecimento de que a história da cidade é escrita cotidianamente, inclusive pelo próprio educando, torna as aulas de História mais agradáveis, reforçando e construindo a identidade dos discentes, seus direitos e despertando o interesse na conservação dos bens e patrimônios que fazem parte de sua cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, apresentamos discussões teóricas sobre o ensino de História das cidades brasileiras e a utilização de fotografias nesse processo. Atendendo a uma proposta do Mestrado Profissional em Ensino de História, a temática apresentada nesta dissertação foi trabalhada por nós com estudantes da Educação Básica, especificamente com alunos da cidade de Boa Esperança-PR.

A Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, localizada em Boa Esperança-PR, abriga uma exposição fotográfica que abrange diversos temas e períodos da cidade. Em nossa prática docente, após trabalharmos diversos conceitos referente à fotografias, cidades e educação patrimonial, selecionamos, com os estudantes, imagens que representam a paisagem urbana da cidade. Posteriormente, utilizamos parte dos princípios básicos de interpretação das cidades e fotografias, propostos por Lynch (1997), Barthes (1982) e Kossoy (2009) para analisar conceitos estruturais da cidade, como imaginabilidade, legibilidade e organização do espaço urbano.

Tínhamos o objetivo de trabalhar a história da cidade com os estudantes, não beneficiando apenas a história dos antigos moradores, mas possibilitando que os educandos também se reconhecessem enquanto sujeitos construtores da história da cidade em que residem. Desse modo, buscamos relacionar os espaços urbanos retratados nas fotografias com a realidade dos próprios estudantes. Diante disso, os alunos compreenderam que a história de alguma localidade não deve ser dedicada ou escrita somente por um grupo específico de pessoas, que tiveram o privilégio de ter suas memórias preservadas e que são consagrados pela história oficial, pois a história é escrita de fato, cotidianamente, por todos que habitam ou transitam pela localidade.

Analisar textos produzidos por professores do PDE, bem como artigos, dissertações, materiais didáticos e a prática docente de alguns educadores, nos possibilitou o conhecimento de como a história das cidades tem sido trabalhadas em diversas escolas. Encontramos frequentemente, nesses materiais, críticas quanto ao frequente modo de trabalho de tal temática, cujos conteúdos não se relacionam com a realidade do estudante, são simplesmente repasses e reprodução de uma história única e oficial. Compreendemos também a importância da abordagem da história local nas aulas de História, levando o educando à reflexão dos processos da formação de sua identidade e a construção das memórias pessoais e memórias coletivas.

Uma vez que esta pesquisa dialoga constantemente com o ensino de história das cidades e registros fotográficos, dedicamos um capítulo do presente material para apresentar aportes teóricos sobre os referidos temas. Entre outros referenciais, Lynch (1997) nos orientou quanto aos aspectos estruturais que devem ser observados nos processos de análise dos contornos urbanos. As partes constituintes da cidade, enfatizadas por Lynch (1997), foram observadas por nossos alunos durante a realização das atividades na cidade de Boa Esperança-PR. Em se tratando das temáticas relacionadas à fotografia, enfatizamos sua relevância enquanto documento histórico, a importância dos estudantes conhecerem os processos básicos de sua criação e também a descoberta da fotografia em solo brasileiro pelo francês Hercule Florence. Já em relação à análise, observamos que as imagens comportam duas mensagens, uma conotada e outra denotada. Desse modo, quando os processos de processos de conotação das imagens apresentados por Roland Barthes (1982) e Boris Kossoy (2009), são observados separadamente, as fotografias podem apresentar um novo sentido, transmitindo assim novas mensagens.

No processo formal de ensino, os professores recorrem a diferentes metodologias para atingir os objetivos de aprendizagem. A historiadora Schmidt (2009), em várias discussões em torno da história local e da Educação Básica, evidencia a expansão do processo de ensino-aprendizagem para outros espaços, além dos muros escolares. Em consonância a essa ideia, vimos a possibilidade e a necessidade de se utilizar preceitos da educação patrimonial na Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, ao trabalharmos com a história da cidade de Boa Esperança-PR. Elencamos que as fotografias expostas na parede da Casa da Cultura vão além da narração da história da cidade ou da apresentação de melhorias urbanas. Elas também possibilitam, ao observador, a identificação de aspectos relacionados à formação de sua identidade cidadina.

Inicialmente, ao discutirmos em sala de aula sobre a história da cidade, a visão apresentada pelos estudantes era de que a história se referia exclusivamente aos primeiros moradores. Entretanto, no decorrer da realização das atividades, esse pensamento foi modificado. Os discentes compreenderam que mesmo as suas memórias e imagens, e de seus familiares, não estejam à mostra na Casa da Cultura, ou mesmo que não estejam reproduzidas nos cadernos do município, ainda assim, eles são sujeitos que constroem a história da cidade, diariamente.

Quando pedimos que estudantes fizessem registros fotográficos de lugares significativos para sua vivência, também estimulamos à reflexão quanto a importância e história de cada um em relação ao local retratado. O Mestrado Profissional em Ensino de

História propõe, além da escrita da dissertação, a elaboração de um produto final. Atendendo a essa proposta, e valorizando a memória e a participação dos estudantes na história na cidade, organizamos duas exposições com essas fotografias e com algumas poesias produzidas pelos discentes.

Uma dessas exposições foi realizada por tempo determinado na própria Casa da Cultura. Para a outra exposição, que resultou especificamente no produto desta proposta de pesquisa, elaboramos um material em formato *flipbook*, que posteriormente foi compartilhado em uma plataforma de hospedagem gratuita online. Consideramos viável a disponibilização do produto em meio digital, pois, desse modo, o link do arquivo pode ser compartilhado e visualizado por uma maior quantidade de pessoas, assim como entre os próprios alunos que participaram da pesquisa, comunidade e setores municipais.

Em tal produto, refletimos sobre o presente trabalho, realizado com o ensino de história das cidades e enfatizamos o papel da fotografia enquanto documento histórico. Posteriormente, apresentamos os registros fotográficos e as poesias produzidas pelos estudantes. Importante destacar que no início do nosso trabalho, quando fomos requerer autorização e apresentar nosso projeto para Cleide Gobo Silva, responsável pela Casa da Cultura naquele momento, tivemos seu total apoio e aprovação. Cleide Gobo, que também já foi secretária da educação por muitos anos, incentiva pesquisas e trabalhos relacionados ao município de Boa Esperança-PR, e também se orgulha e propaga as conquistas educacionais do município. Desse modo, a convidamos para escrever um texto sucinto sobre a educação no município, que incluímos em nosso produto final.

O desenvolvimento deste trabalho, estimulou a curiosidade e participação dos educandos, tornando as aulas de história mais lúdicas, interativas e próximas a realidade dos estudantes. Pretendemos utilizar essa prática docente em outros momentos de nossa carreira educacional, acrescentando novas sugestões e possibilidades no desenvolver das atividades. Trabalhar de forma interdisciplinar, principalmente com as disciplinas de Geografia, Português e Artes, bem como com registros fotográficos dos acervos familiares dos educandos, é uma proposta que pretendemos desenvolver utilizando os embasamentos teóricos e conhecimentos adquiridos por intermédio desta pesquisa.

Compreendemos que existem diversas possibilidades de se trabalhar com a história da cidade. Assim, por meio das fotografias de Boa Esperança-PR expostas na Casa da Cultura, observamos a imagem de uma cidade legível, cujos administradores e munícipes procuram manter organizada, assim como a importância dos feitos registrados na constituição da identidade cidadina.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. A. M. **A história local como estratégia para o ensino da História**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8786/2/4880.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

AMORIN, G. de. **Fotografia e História: O uso da fotografia como fonte histórica para pesquisa da História de Toledo no momento da sua colonização (1946-1955)**. Caderno Pedagógico- Unioeste: Campus Marechal Cândido Rondon, 2013.

APOLINÁRIO, J. R. Reflexões sobre a Educação Patrimonial e experiências da diversidade cultural no ensino de História. In: _____. TOLENTINO, Á. B. (Org). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE CIUDADES EDUCADORAS. **Rede Brasileira de cidades educadoras**. Barcelona, data. Disponível em: <<http://www.edcities.org/redebrasil-eira/>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

AZEVEDO, A. Vilas e Cidades do Brasil Colonial. **TERRA LIVRE — AGB**, São Paulo, n.10, p. 23-78, jan./jul. 1992.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1982.

BITTENCOURT, C. M. F. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BONETE, C. Boa Esperança comemora 49 anos. **Tribuna do Interior**. Boa Esperança, 14 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.tribunadointerior.com.br/noticia/boa-esperanca-comemora-49-anos>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

BORITZA, R. **Assis Chateaubriand: História e Memória**. Produção Didático - Pedagógica- Caderno Temático. Cascavel-PR: PDE, Unioeste. Cascavel, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2394-6.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BUCZENKO, G. L. **O Ensino de história local e concepções de identidade histórica de professores: estudo de caso em uma escola de Campo Largo-PR**. 2013. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013.

BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Florianópolis: Edusc, 2004.

CANAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANO, M. R. de O. (Coord.). **A reflexão e a prática no ensino**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção a reflexão e a prática no ensino).

CARLOS, A. F.A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2015.

CAVALCANTI, L. de S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas: Papirus, 2008.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, M. de. Caminhadas pela cidade. In: _____. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1998.

CIOCCARI, D. O. Os Tempos da Fotografia – o efêmero e o perpétuo. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero**, v. 4, Ano 4, out. 2012.

COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DE PALMITAL. **Proposta Pedagógica Curricular.** Boa Esperança, 2017.

DUMINELLI, M. L. **História de Boa Esperança: a História em movimento.** 1997. 53f. Monografia (Especialização em História) - Universidade Paranaense, Umuarama, 1997.

FIGUEIRA, C. A. R.; MIRANDA, L. de C. **Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas.** São Paulo: Edições SM, 2012.

FRAGA, H. J. de. **A cidade como espaço educativo: perspectivas para o ensino de História.** Universidade Federal do Rio Grande: Rio Grande, 2012. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346347286_ARQUIVO_Artigo-HildaJaquelineFrage-ANPHU.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2018

GASTAUD, C. **Museu e educação: o programa educacional do Museu da Baronesa.** ANPUH-XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. Quem precisa de Identidade? In_____ SILVA, Tomaz T. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, 7 ed., p. 73-102, Petrópolis, RJ: Vozes.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1989.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: Iphan/Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, IPHAN. **Educação Patrimonial – Histórico, conceitos e processos.** Brasília: IPHAN, 2014.

_____. **Patrimônio Material.** Brasília: IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em: 31 out. 2017.

_____. **Patrimônio Imaterial.** Brasília: IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 31 out. 2017.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL, IPARDES. **Caderno Estatístico Município de Boa Esperança.** 2017.

KOBELINSKI, M. As linguagens do Museu Regional do Iguaçu e a nova museologia (2000-2015). **Dialógos**, v.20, n.1, p. 147-159, 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3055/305546699014/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

_____. **Guarapuava é isto aqui:** da sedução dos discursos ao marketing da cidade. Cidade: editora, data. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/315075176>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

KOEHLER, A. L. **Fotografia e História:** Educando o olhar sobre a cidade. Versão Online ISBN 978-85-8015-038-4 Cadernos PDE Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-2.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

_____. **O Ensino de História e a fotografia como representação:** uma experiência através de fontes de arquivos locais. Versão online. ISBN 978-85-8015-037-7 Cadernos PDE. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-4.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

KOSSOY, B. **Fotografia e História.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. **Hercule Florence:** a descoberta isolada da Fotografia no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **O relógio de Hiroshima:** reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, nº 49, p. 35-42, 2005.

_____. **Os Tempos da Fotografia:** O Efêmero e o Perpétuo. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

_____. **Realidades e ficções a trama fotográfica.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KRUL, G. G. da M. **Natureza percebida à percepção da natureza:** a cidade de Bituruna/PR em dois tempos (1927-2010). Produção Didático-Pedagógica- Cadernos PDE. União da Vitória: Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus de União da Vitória, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, S. F; CARVALHO, V. C. Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, C. B; LUCA, T. R. (Orgs). **O Historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2011.

LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. **Educação & Sociedade.** Nº 40, dezembro, 1991. Disponível em: <<https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2016/04/A-favor-da-desescolariza%C3%A7%C3%A3o-dos-museus.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LÖWY, M. **Revoluções.** São Paulo: Boitempo, 2009.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAUAD, A. M. **Sob o signo da imagem:** A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade

do Século XX. 1990. 340f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói- RJ, 1990.

MEIRA, A. M. Corrupio, palavra e imagem: a Cidade das Crianças entre passos no Centro Histórico de Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p.199-208.

MENESES, U. T. B. de. Morfologia das cidades brasileiras. **Revista USP**, São Paulo, n. 30, p. 144-155, jun./ago. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25914/27646>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

MONTEIRO, C. História, fotografia e cidade: reflexões teórico metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história & cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. **Planejamento de Exposições**. Maria Luiza Pacheco Fernandes (Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Vitae, 2001.

NEU, S.F. Ensino de História no Ensino Médio com o uso do Google Maps e Google Earth: uma aprendizagem possível? **Revista de Educação Dom Alberto**, v. 1, n. 6, ago./dez. 2014.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, W. G. Da sala de aula para prática: uma experiência entre fotogramas e câmera pinhole. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v.28, n.3, edição especial, p. 115-127, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/19580>>. Acesso em 10 jul. 2018.

PAGLIARINI, JR. S. N.; COLAVITE, A. P. **Representações Cartográficas dos Indicadores Estatísticos da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense com destaque para o contexto de Corumbataí do Sul**. Produção científica e tecnológica. Campo Mourão: 2010. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/ciencias_exatas/14_PAGLIARINI_COLAVITE.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2017.

PASTI, J. L. **Boa esperança-PR: A modernização da agricultura e suas implicações no desenvolvimento local**. UNIDADE DIDÁTICA 2010. Secretaria de Estado de Educação do Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_fecilcam_geografia_md_joao_luiz_pasti.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2018.

PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio cultural: histórias, memórias e sustentabilidade**. Maringá: Uem, 2014.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n. 53, 2007.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POSSAMAI, Z. R. Cidade: escritas da memória, leituras da história. . In: _____. (Org.). **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p. 209-219.

_____. (Org.). **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

PRADO, S. M. **História, Memória e Identidade**: o Município de Maria Helena através da fotografia. Cidade: editora, 2007. Disponível em: <http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_sandra_mara_prado.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016

RICHTER, D. **O mapa mental no Ensino de Geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RÜSEN, J. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SALOMÉ, I. C. **Boa Esperança**: retalhos de memória. Curitiba: Arte Editora, 2016.

SCHMIDT, M. A. **O Ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica**. 2003. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/index.php/FEH/article/view/File/5402/4311>>. Acesso em: 10 out. 2017.

_____.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, D. R. dos R. **Cidade (i)material**: museografias do patrimônio cultural na cidade de Juiz de fora. 2012. 225f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Instituto, Universidade, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2012.

SPOSITO, E. S.; JURADO DA SILVA, P. F. **Cidades Pequenas**: transformações teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

TERRA, A. **História das cidades**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

TOLEDO, M. A. L. T. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. **Antíteses**, Londrina, v. 3, n. 6, p. 743-758, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>. Acesso em: data:10/08/2018.

TROSTDORF, M.; ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Geografia**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 127-131, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção atitudes e valores do Meio Ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Difel, 1980.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ, UNESPAR. Resolução nº005, de 8 de agosto de 2016. Aprova, *ad referendum* do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE, o **Regulamento do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de História - ProfHistória**. Unespar, 8 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/profhistoria/data/uploads/resolucao-005-2016-regulamento-profhistoria.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

VARGAS, P. R. Interpretação do espaço urbano e as possibilidades de leitura da cidade. In: _____. POSSAMAI, Z. R. (Org.) **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p.283-296.

VIEIRA, C. de O. **Os PCN e o lugar da tradição**: tensões sobre o currículo de História. 2016. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WOODWARD, K. A identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz. T. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014. p. 73-102.

XAVIER, L. M. de F. A cidade como livro didático: educação patrimonial no âmbito do Programa Monumenta Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.) **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p257-273.

FONTES

Acervo fotográfico da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. Município de Boa Esperança, PR.

Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Boa Esperança.

Acervo fotográfico do Museu Alzira T. Garofalo. Município de Boa Esperança, PR.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Projetos Políticos Pedagógicos. Brasília: MEC/, 2010.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL, IPARDES. Caderno estatístico município de Boa Esperança, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/>>. Acesso em: 05/09/2018.

PARANÁ. Secretaria do Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica**. Curitiba: Departamento de Educação Básica, 2008.

_____. Lei nº 13.381, 18 de Dezembro, 2001- História do Paraná.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes para o uso de tecnologias educacionais**. Curitiba: SEED, 2010. (Coleção Cadernos Temáticos) Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/diretrizes_uso_tecnologia.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2018.

_____. Secretaria do Estado de Educação. **Representações, memórias, identidades/ obra coletiva**. Curitiba: SEED, 2008.

PELLEGREINI, M.C. DIAS, A. M. GRINGERG, K. **Vontade de saber História**. 7º ano-3ª edição. São Paulo: FRD, 2015.

_____. _____. _____. **Vontade de saber História**. 8º ano-3ª edição. São Paulo: FRD, 2015.

_____. _____. _____. **Vontade de saber História**. 9º ano-3ª edição. São Paulo: FRD, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA ESPERANÇA. **Boa Esperança: Pioneiros e atualidades**. Cidade: editora, 1986.

_____. **Boa esperança resgatando sua história**. Boa Esperança: Prado Produções, 2004.

_____. **Boa esperança resgatando sua história**. Boa Esperança, 2007. Arquivo de

disquetes.

_____. **Histórias de vida.** Coletânea de Depoimentos da Melhor Idade- Município de Boa Esperança Paraná. Ubiratã: Só Carimbos, 2008.

_____. **Boa Esperança Seu povo e Sua História.** Boa Esperança, 2010.

PUBLICAÇÃO INSTITUCIONAL DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. **Boa Esperança:** 50 anos de conquista. Umuarama- PR: Salla da comunicação, 2014.

APÊNDICE



MUNICÍPIO DE BOA ESPERANÇA-PR

AUTORIZAÇÃO

Autorizo para os devidos fins de dissertação de Mestrado da aluna Keila da Silva Lima
O uso das imagens expostas na casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho de Boa Esperança.

Sem mais para o momento, firmo o presente.

SECRETARIA MUNICIPAL CULTURA.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Adriano da Silva Macedo', written over a horizontal line.

Assinatura

Adriano da Silva Macedo
DIRETOR DE EVENTOS

AUTORIZAÇÃO

Eu, Cleide Gobo Silva, RG 3.220.690-5, residente e domiciliada na rua Santa Catarina 312, bairro Centro, Boa Esperança-PR, autorizo que o texto de minha autoria, *Educação em Boa Esperança*, seja utilizado na dissertação de mestrado intitulada *Imagens da cidade de Boa Esperança (PR): as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho (1997-2018)* e a publicação do mesmo na cartilha on-line, *Imagens da cidade de Boa Esperança (PR)*, organizada pela professora Keila da Silva Lima, aluna do Mestrado Profissional em Ensino de História.

Boa Esperança, 03/09/2018.

Cleide Gobo Silva
Cleide Gobo Silva



PROF **HISTÓRIA**
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, RG _____, responsável pelo (a) aluno (a) _____, matriculado (a) no 8º ano no Colégio Estadual do Campo de Palmital, autorizo que a poesia e fotografias referentes à cidade de Boa Esperança, produzidas pelo mesmo, sejam utilizadas na dissertação de mestrado intitulada *Imagens da cidade de Boa Esperança (PR): as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho (1997-2018)* e a publicação das mesmas na cartilha on-line, *Imagens da cidade de Boa Esperança (PR)*, organizada pela professora Keila da Silva Lima, aluna do Mestrado Profissional em Ensino de História.

Boa Esperança, ____/____/_____.

Assinatura do Responsável

PRODUTO FINAL

Material compartilhado em formato *flippingbook*, disponível em:

https://issuu.com/keilasilvalima/docs/imagens_da_casa_da_cultura_francisc

IMAGENS DA CIDADE DE BOA ESPERANÇA (PR)



**IMAGENS DA CIDADE DE
BOA ESPERANÇA (PR)**

CAMPO MOURÃO-PR
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - UNESPAR

Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória)



Coordenação Nacional:

Dr. Luís Reznik (UFRJ)

Coordenação Local:

Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes
(UNESPAR)

Mestre:

Keila da Silva Lima

Orientador:

Michel Kobelinski

Imagem de capa:

Casa da Cultura Francisco Peixoto
Sobrinho

Secretário de Cultura e Eventos em

Boa Esperança:

Adriano da Silva Macedo

Colégio onde foi desenvolvido o projeto:

Colégio Estadual do Campo de
Palmital

Colaboradores:

Caik de Ataíde Ferreira;
Cleide Gobo Silva;
Gabrieli Ferreira Paiva;
Giovana da Silva Franco;
Jhennifer Regina Araújo;
Jorge Manuel;
Marcos Antônio;
Milena Rafaela Vaz de Almeida;
Pamela Carolini Rocha da Silva;
Victoria C. de Oliveira
Tavares.



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Prefeitura Municipal de
Boa Esperança - PR

O trajeto da casa para a escola, quantos milhares de elementos guardam escondidos? A primeira ida ao Centro da cidade, quantas emoções e impressões proporcionaram? As compras no Mercado Público na companhia do pai ou do avô, quantas coisas olhadas e guardadas? As histórias contadas pela avó, quanta emoção e surpresa? E os jogos de bola no campinho? Enfim, são inúmeras as possibilidades de ler a cidade ao caminhar, e este ato reveste-se de uma importância singular quando os passos são dados por nossos próprios pés. E, ao andar, descobre-se a possibilidade de construir nossas memórias e a da nossa cidade.
(POSSAMAI, 2010, p.218)

APRESENTAÇÃO

O presente material é o produto final da dissertação de mestrado *Imagens da cidade de Boa Esperança (PR): as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o Ensino de História (1997-2018)*. Nele, apresentamos atividades desenvolvidas com estudantes do 8º ano (2018) do Colégio Estadual do Campo de Palmital. A pesquisa foi pautada na valorização da história da Cidade de Boa Esperança, Educação Patrimonial e no uso da fotografia como ferramenta de pesquisa e de ensino.

A cidade de Boa Esperança-PR, inicialmente denominada Barreiro do Oeste, está localizada na região geográfica centro-ocidental paranaense. O povoamento do distrito ocorreu entre 1942 e 1945. Em 29 de novembro de 1963, com a validação da Lei nº 4.782, o distrito de Barreiro do Oeste passou a compor o município de Janiópolis-PR, e, em 6 de março de 1964, com a Lei Estadual n.º 4.844, criou-se o município de Boa Esperança.

O município conta com alguns espaços dedicados à cultura e à preservação de memórias, como a Biblioteca Cidadã Geraldo Apolinário, a Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o Museu Alzira T. Garófalo, que abriga fotografias e uma grande quantidade de objetos antigos. O município também é referência por nele se situar o Parque Ecológico Olivo Fortunato Gasparelli, também conhecido como Parque do Lago.

Em se tratando das atividades aqui apresentadas, o interesse por esse tema, que abrange a história da cidade, fotografia e ensino de História, surgiu ao observar a exposição fotográfica organizada nas paredes da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. Além das fotografias expostas, que representam diversos temas e períodos da cidade, a Casa da Cultura conta com um vasto acervo de aproximadamente 6872 imagens.

Essas fotografias vão além da narração da história da cidade e da apresentação das melhorias urbanas. Elas possibilitam ao observador, a identificação de aspectos relacionados à formação de sua identidade cidadina.

Selecionamos com os estudantes, imagens da exposição que representam a paisagem urbana da cidade. Posteriormente, utilizamos alguns dos princípios básicos de interpretação das cidades (LYNCH, 1997) e fotografias (BARTHES, 1982 e KOSSOY, 2009) para analisar conceitos estruturais da cidade, como imaginabilidade, legibilidade e a organização do espaço urbano.

A partir das reflexões sobre as imagens expostas, os alunos selecionaram outros lugares da cidade que gostariam de ver na Casa da Cultura. Para tanto, fizemos um passeio pela cidade, onde os estudantes fotografaram lugares que fazem parte de sua memória. Lugares que através de suas caminhadas cotidianas, constroem histórias (CERTEAU, 1998).

Este material foi confeccionado com estas fotografias e poesias realizadas pelos educandos. Estas atividades possibilitaram que os estudantes se reconhecessem enquanto sujeitos históricos, construtores da história da cidade, bem como proporcionaram a compreensão de que a história é escrita diariamente. Cleide Gobo Silva, moradora de Boa Esperança, também colaborou com a elaboração do presente material, desenvolvendo para o mesmo, um texto relacionado à educação do município.

EDUCAÇÃO EM BOA ESPERANÇA

A Educação é o bem maior de um povo e exerce um papel decisivo na formação da cidadania, posto que edifica as bases para uma sociedade justa, democrática e, conseqüentemente, mais humana. Com base nisso, a administração municipal, nas últimas gestões, atribuiu prioridade ao processo educacional e às pessoas que participam dele, sendo que, juntamente com a Secretaria da Educação, realizou um trabalho voltado para a melhoria desse contexto, objetivando a prestação de um ensino de qualidade.

No decorrer dos anos, foram realizados investimentos relevantes nessa área, a exemplo da construção da escola Alessandra Bastida Mancin, bem como aquisição de materiais pedagógicos, mobiliários e parques infantis (de acordo com a necessidade e demanda de cada instituição), oferecimento de reforço escolar, atendimento psicológico, fonoaudiológico, psicopedagógico e odontológico a todos os alunos que apresentaram necessidade. Não suficiente, também foi criado um projeto que permitiu o repasse de recursos para a Apae de Janiópolis/PR (onde são atendidos os alunos com necessidades especiais de Boa Esperança) e fornecido transporte para os estudantes.

Diversos projetos educacionais foram criados e executados, tais como o Agrinho/ SENAR (que rendeu várias premiações ao município, se destacando a criação da Feira do Produtor Rural) e o Projeto de Leitura. Foram realizadas comemorações cívicas, homenagens aos profissionais da educação e eventos de incentivo ao esporte, a exemplo dos Jogos Escolares Interclasses Municipal.

Ademais, ocorreram inúmeros momentos voltados para a formação dos profissionais que atuam nas instituições educacionais, foi reestruturado o plano de cargos e salários dos professores e educadores infantis, ocorreu aplicação dos 30% da hora atividade (de acordo com a previsão de lei federal) e foi executado o Plano Municipal de Educação.

Nos dias atuais, todas as Escolas e Centros Municipais de Educação Infantil (Cemei) contam com estrutura física e instalações apropriadas, materiais pedagógicos de qualidade e profissionais capacitados, o que colabora para que esses sejam ambientes favoráveis para o desenvolvimento integral dos alunos e o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Considerando a realidade do ensino público municipal de Boa Esperança/PR, é possível verificar o real compromisso existente com a educação e porque esta vem se aprimorando cada dia mais, elevando-se constantemente a média no Ideb e se destacando no NR de Goioerê e na Comcam.

Nessa cidade, compreende-se que sem a Educação uma sociedade pouco será transformada, porém, educar é um processo complexo e que demanda tempo, investimento, espaço, materiais e pessoas capacitadas.

Cleide Gobo Silva



Escola Alessandra Bastida Mancin (2017)
Fonte: Keila da Silva Lima



Biblioteca Cidadã Geraldo Apolinário
Fonte: Keila da Silva Lima



Praça Prefeito Orlando Poppi (2018)
Fonte: Acervo dos alunos do 8º de Alto Palmital

HISTÓRIA, FOTOGRAFIA E DOCUMENTO

Na segunda metade do século XIX, a História se afirma enquanto disciplina universitária e acadêmica. Com uma metodologia rígida e específica de estudo de textos, valorizava os documentos escritos e oficiais em detrimento aos relatos orais e fontes visuais. As imagens estavam relegadas a segundo plano, serviam apenas como fonte complementar, ilustração, prova ou testemunho e sua autenticidade dependia da confirmação em documentos escritos.

Com o surgimento de um novo viés historiográfico no século XX, o documento histórico passa a ter um novo conceito, tendo valor todo vestígio deixado pelo homem. A fotografia, que até então servia apenas como fonte complementar, passa a ser uma importante fonte para os estudos historiográficos. O conceito de documento se ampliou, sendo consideradas todas as formas de expressões humanas. Renovaram-se as abordagens, os objetos, os temas e surge a concepção de que a história é feita não somente com documentos escritos, mas com todas as coisas que a habilidade do historiador lhe permite utilizar. Ela é feita por “tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.” (LE GOFF, 1990, p.466).

A história do século XX foi muitas vezes “escrita” pela fotografia, sendo esta, um dos materiais iconográficos cada vez mais utilizados pelos historiadores. Por meio das fotografias do passado, os costumes dos povos, suas habitações, monumentos, fatos sociais, políticos e religiosos, o cotidiano do homem moderno tornam-se de certa maneira familiar. O processo de invenção da fotografia se insere na dinâmica da sociedade industrial

nascente. Ela surge ao mesmo tempo em que as cidades modernas. No decorrer do século XIX, a fotografia respondeu às necessidades de representação de imagens dessa sociedade. Foi o que lhe valeu alcançar o papel de documento, ou seja, o poder de equivaler legitimamente às coisas que ela representava (ROUILLE, 2009, p.31).

Os documentos não são neutros. São produzidos voluntária ou involuntariamente, decorrentes de uma série de fatores da época e da sociedade que o produziram, resultando do esforço das mesmas para impor determinadas imagens de si próprias. São consequência de influências de jogos de poder que cabe ao historiador investigar. Assim como os textos escritos e os testemunhos orais, as fotografias estão sujeitas a manipulações. Devem ser analisadas e tratadas como um vestígio, pois possibilita a compreensão e a elaboração da escrita histórica sobre uma determinada época.

A fotografia-documento se refere a alguma coisa palpável, preexistente, em que se fixa com a finalidade de registrar as pistas e reproduzir fielmente a aparência. Caracteriza-se por uma série de transformações que atualiza os fazeres, os dizeres e os saberes singulares (ROUILLE, 2009, p.78). Informar é a função mais importante atribuída à fotografia-documento.

Fotografia no Brasil

No início do século XIX, em diferentes lugares, pesquisas tentavam tornar permanentes as imagens formadas no interior da câmera obscura. No interior do Brasil, em 1834, lugar de difícil acesso e distante das

grandes pesquisas científicas, o francês Antoine Hercule Romuald Florence, também se dedicava em realizar pesquisas referentes à fixação das imagens projetadas na câmara obscura, obtendo êxito no referido experimento. Florence denominou sua descoberta de *photographie*. Na Europa o termo foi utilizado pela primeira vez anos mais tarde, em 1839 por Daguerre, que descreveu e apresentou ao mundo os processos utilizados em suas fotografias.

Logo após, chegaram ao Brasil os primeiros daguerreótipos e, a partir de então, é reconhecida a profissão de fotógrafo. A princípio, estes se dedicavam exclusivamente ao retrato. Posteriormente, com a introdução de novas técnicas e processos fotográficos, passaram a registrar paisagens, hábitos e costumes dos lugares por onde passavam. Nessa época, a profissão de fotógrafo tinha caráter artesanal e artístico e a maioria dos materiais utilizados na confecção dos clichês, era produzido pelos próprios fotógrafos. No entanto, aos poucos o processo fotográfico industrializou-se e os materiais de trabalho poderiam ser adquiridos em comércios específicos.

A profissão de fotógrafo se torna uma necessidade quando, em 1914, passa ser obrigatória a fotografia nos documentos de identidade, passaporte, certificado de reservistas e outros. Logo surge a utilização da fotografia como publicidade e o fotógrafo passa a fazer parte dos eventos sociais e políticos. A imagem passa a ser utilizada como testemunho e o fotógrafo, como uma testemunha. No entanto, uma testemunha ausente, pois na medida em que seu trabalho é vendido ou veiculado, o que fica dele é somente a imagem que ele fixou. Nos anos 1940 e 1950, os fotógrafos estavam em busca da melhor expressão e do momento adequado, para tanto, passaram a frequentar os espaços dos salões, casas noturnas de diversão, cassinos, dentre outros.

O cartão postal teve grande importância na difusão da fotografia, principalmente entre os séculos XIX e XX. Eram utilizados como meio de correspondência e alvo de coleção. Os cartões postais produzidos em São Paulo na passagem do século XIX para o XX, mostram as transformações físicas e culturais que a cidade sofreu, retratando prédios, monumentos, avenidas, dentre outros. A rápida mudança e a urbanização da sociedade brasileira, “desencadearam a necessidade de gerenciar a memória dessas transformações espaciais e das formas de sociabilidade urbanas ao longo do século XX.” (MONTEIRO, 2006, p.12).

Em 1970 foram produzidos os primeiros trabalhos sobre “História, fotografia e cidade” no Brasil. Em 1978, Boris Kossoy inicia o estudo pioneiro sobre fotografias produzidas em São Paulo. Nesse período estavam sendo organizadas as primeiras coleções públicas e privadas, surgindo então a necessidade de preservar e valorizar os acervos fotográficos.



Parque Ecológico Olivo Fortunato Gaspareli (2017)
Fonte: Pamela Carolini Rocha da Silva

BOA ESPERANÇA

Boa Esperança é um município brasileiro do estado do Paraná. Sua população, estimada em 2017, é de 4.392 habitantes. Seu prato típico é a "Vaca Atolada", que também é o nome da festa realizada no último domingo do mês de julho. Esse evento é muito esperado e pessoas de várias localidades vêm saborear esta deliciosa comida típica.

Tem também o "Motocross", que ocorre no último sábado e domingo de maio. Esse esporte conta com a participação de pilotos de todo Paraná e atrai espectadores de toda a região. Aqui muitas festas acontecem, como festa do IPTU, Festas Junina e Julina, festas de virada do ano, do aniversário da cidade - 14 de dezembro- e tantas outras.

Esta localidade possui agradáveis lugares para passeio, que também são considerados como pontos turísticos. Temos praças, o Parque do Lago, a Biblioteca Pública, a Casa da Cultura, um museu, ginásios e clubes. Boa Esperança é uma cidade pequena, mas muito alegre, estruturada, organizada e zelada.

Pamela Carolini Rocha da Silva



À esquerda, Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, à direita Prefeitura Municipal e ao fundo, Restaurante Popular.
Fotografia tirada no dia da visita dos estudantes na Casa da Cultura. (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º de Alto Palmital



Igreja Católica de Boa Esperança (2018)
Fonte: Acervo dos alunos do 8º de Alto Palmital



Museu Alzira T. Garófalo (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º de Alto Palmital



Rua Rio de Janeiro (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º de Alto Palmital



Hospital e Maternidade Boa Esperança (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º de Alto Palmital



Avenida Brasil (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º de Alto Palmital



Vila Rural
Fonte: Pâmela Carolini Rocha da Silva



Vila Rural
Fonte: Pamela Caxobri Rocha da Silva

MINHA CIDADE

Cidadezinha do interior,
Cidade bonita e bem organizada,
Sempre cuidada com muito amor,
E ainda tem festa típica Vaca Atolada.

Ponto turístico para passear,
Cidade calma e boa para morar.
Lugar onde você sempre está de bem com a vida,
Cidade pequena mais bem colorida.

Eu gosto da minha cidade,
Como é bom morar aqui.
Cidade calma e abençoada,
Vivo aqui desde que nasci.

Tem lugares muito legais
E outros muito importantes também
Esses são os hospitais,
Que sempre nos ajudam a ficar bem.

Aqui nessa cidade
Tem muitas maneiras de ser feliz,
Tem projetos que a prefeitura nos fornece
Onde crianças diferentes se juntam formando uma só sociedade.

Milena Rafaela Vaz de Almeida



Prefeitura Municipal de Boa Esperança (2017)
Fonte: Pâmela Carolini Rocha da Silva



Prefeitura Municipal de Boa Esperança (2018)
Fonte: Acervo dos alunos do S^o de Alto Palmital



Igreja católica da comunidade. Lageadinho (2018)
Fonte: Milena Rafaela Vaz de Almeida



Alto Palmatal (2018)
Fonte: Milena Rafaela Vaz de Almeida



Estrada entre Boa Esperança e o Distrito de Alto Palmatal
Fonte: Milena Rafaela Vaz de Almeida

PALMITAL

No lugar onde eu moro
Tem a academia ao ar livre,
Tem a quadra, a escola,
E a igreja com muitas árvores perto.
Na mesma rua tem o mercado, o ginásio, a creche
e a padaria.
Tem também o soldador, a farmácia, a pastelaria e
a borracharia.
O lugar em que moro é pequeno,
Mas encontro várias formas de me divertir.
Eu gosto de jogar bola no ginásio de esportes
E também de brincar de esconde-esconde no
campinho.
Perguntaram-me se eu gosto de morar aqui...
E eu prontamente respondi:
Sim, gosto muito!!! Tenho muito amor e carinho
por este lugar.
Ele é sossegado e todos daqui são muitos legais.

Jorge Manuel



Igreja Católica de Alto Palmital
Fonte: Jorge Manuel



Avenida Principal de Alto Palmital (2018)
Fonte: Jorge Manuel



Avenida (2018)
Fonte: Jorge Manuel



Igreja Católica de Alto Palmital (2018)
Fonte: Jorge Manuel



CIDADE QUERIDA!

Minha cidade é assim,
Sempre limpa e organizada,
Há 14 anos moro aqui
Ou seja, desde que nasci.

Com bastantes flores, muito linda e amada,
Temos festas típicas como a da Vaca Atolada.
Que reúne pessoas de todos os lugares
E atrai diversos olhares.

Tem também o parque ecológico,
Que as pessoas vêm visitar.
Todos que o conhecem amam
E nele querem ficar.

Boa Esperança, cidade querida,
Quem conhece quer morar.
Se não conheceu, vem conhecer,
Vai querer para o resto da vida aqui ficar.

Gabrieli Ferreira Paiva



Avenida Amazonas
Fonte: Acervo dos alunos do 7º de Alto Palmital



Avenida Principal de Boa Esperança
Fonte: Pâmela Carolini Rocha da Silva

Parque Ecológico Olivo Fortunato Gaspareli (Parque do Lago)



ONDE EU MORO...

Na cidade onde eu moro
Tem muitas árvores e lindas flores.
Belas casas e comércios também,
É um lugar que só nos faz bem.

As pessoas são dedicadas,
Gentis, queridas e bondosas.
É um prazer viver aqui
Em meio tanta gente amorosa.

Tem também a vaca atolada,
Que é o prato típico da região
Anualmente tem o MotoCross,
Um esporte de muita emoção.

Tem alguns pontos turísticos,
Como o parque do lago com seus macaquinhos,
Um lugar de diversão para qualquer idade.
Ah! Como amo minha cidade!

Jhennifer Regina Araújo



MINHA QUERIDA CIDADE

Eu vejo minha cidade bela,
Sempre limpa e bem cuidada.
Moro desde 2005
Nesta terra abençoada.

Nasci aqui com muito orgulho,
Boa Esperancense de coração,
Tenho orgulho de dizer que sou daqui,
Desse lugar de tanta união.

Pessoas que aqui não viveram
Nunca saberão como é ser de um lugar tão
vasto e bonito
E o meu lar é aqui,
Onde moro desde que nasci.

Aqui é um lugar de pessoas felizes
Tem muitas festas e alegrias,
Tem jardins lindos com muitas flores,
Pessoas queridas, casas e muitas árvores.
É uma cidade muito amada e organizada.

Giovana da Silva Franco





Colégio Estadual do Campo de Alto Palmital
Fonte: Pâmela Carolini Rocha da Silva

COMO VEJO MINHA CIDADE

Bom, o meu ponto de vista é diferente dos outros.
Mas o que vale é o meu.
Algumas palavras vou dizer,
Expondo o jeito de ela ser.

A cidade onde eu moro não é uma das melhores,
Mas é especial do jeito que ela é.
Há diversas e diferentes casas habitacionais,
Também tem a Casa da Cultura e o Museu para ir,
E a praça para a gente divertir

Tem vários outros belos tópicos
Que nem tem como descrever...
Bom, é uma cidade linda e especial.
Tenho orgulho de dizer:
Eu moro em Boa Esperança, no distrito Palmital!

Victoria Camilly De Oliveira Tavares



Campinho, lugar de diversão (2018).
Fonte: Victória Camilly De Oliveira Tavares



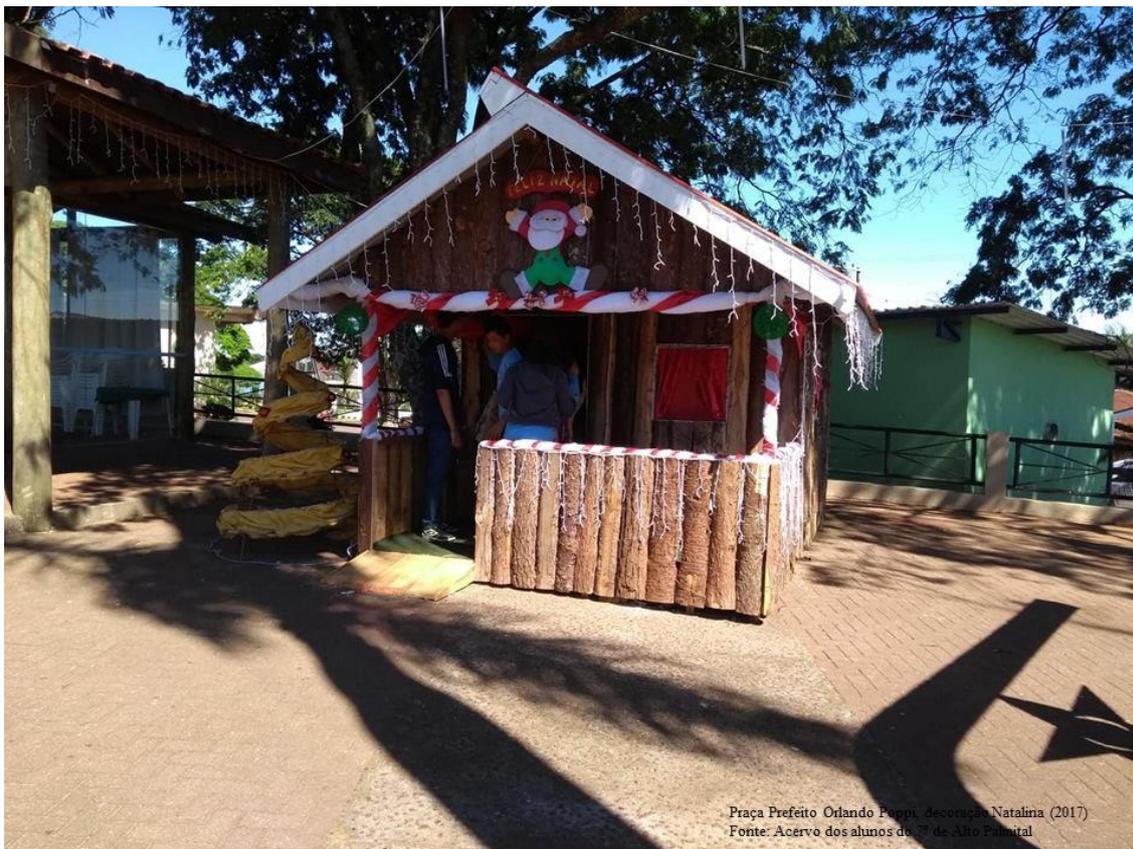
Avenida Principal de Boa Esperança
Fonte: Pâmela Carolini Rocha da Silva



Academia ao ar livre, Alto Palmital (2018).
Fonte: Victória Camilly De Oliveira Tavares



Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho. Dia das
atividades de análises das fotografias expostas (2017).
Fonte: Pâmela Carolini Rocha da Silva





Parte da exposição fotográfica da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho (2017)
Fonte: Acervo dos alunos do 7º de Alto Palmital



Exposição Fotográfica realizada na Casa da Cultura (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos neste material, atendendo a uma proposta do Mestrado Profissional em Ensino de História, atividades realizadas juntamente com alunos do Colégio Estadual do Campo de Palmital, Boa Esperança-PR. Estas atividades foram elaboradas após trabalharmos a história da cidade com os estudantes, oportunizando aos mesmos o reconhecimento de que eles também são construtores da história da cidade.

Quando pedimos aos estudantes que fizessem registros fotográficos de lugares significativos para sua vivência estimulamos à reflexão quanto a importância e história de cada um em relação ao local retratado, possibilitando aos mesmos, a compreensão de que a história é escrita, cotidianamente.

Enquanto educadores, compreendemos que existem diversas possibilidades de trabalhar com a história da cidade. O desenvolvimento deste trabalho estimulou a curiosidade e a participação dos educandos, tornando as aulas de história mais lúdicas, interativas e próximas da realidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1982.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno Estatístico Município de Boa Esperança**. Curitiba: IPARDES, 2017.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções a trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MONTEIRO, C. História, fotografia e cidade: reflexões teórico metodológicas sobre o campo de pesquisa. **Métis: história & cultura**. Universidade de Caxias do Sul/ Centro de Ciências Humanas. Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006

ROUILLÉ, A. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.